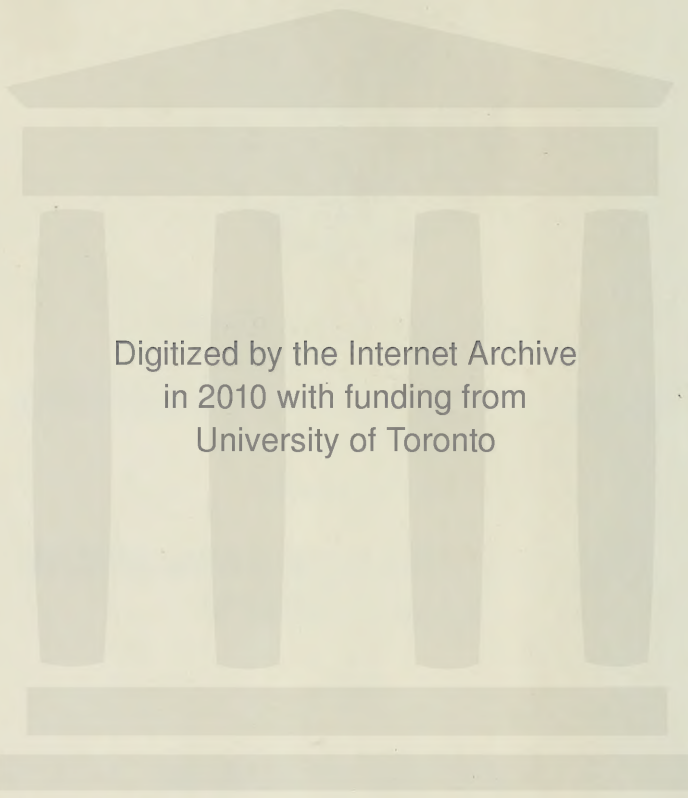


3 1761 06975717 7



PURCHASED FOR THE  
*UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY*  
FROM THE  
*HUMANITIES RESEARCH COUNCIL*  
*SPECIAL GRANT*  
FOR  
**BRAZIL COLLECTION**





Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

Cochran & Co.

O

CU BIA

**O MEU DIA**



Cochran & Co.

Printed and Published by  
Cochran & Co. 100 N. 3rd St. St. Louis, Mo.



Coelho Netto

Coelho Netto

Opus de COELHO NETTO

# O MEU DIA

(Hebdomadas d'A NOITE)

Dezembro de 1918 a Dezembro de 1920



PORTO

Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, L.da  
editores — Rua das Carmelitas, 144  
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1922

## Obras de COELHO NETTO

---

*Serlão.*

*A Bico de Pena .*

*Agua de Juventa.*

*Romanceiro.*

*Teatro, vol. I, (O Relicário,  
Os Raios X, O Diabo no  
corpo).*

*Teatro, vol. II, (As Estações,  
Ao Luar, Ironia, A Mu-  
lher, Fim de Raça).*

*Teatro, vol. IV, (Quebranto,  
comédia em 3 actos, e o  
sainete Nãvem).*

*Teatro, vol. V, (O dinheiro,  
Bonança, e o Intruso).*

*Fabulário.*

*Jardim das Oliveiras.*

*Esfinge.*

*Miragem.*

*Apologos, contos para crian-  
ças.*

*Inverno em Flor.*

*Mistérios do Natal, contos  
para crianças.*

*O Morto.*

*Ret Negro.*

*Capital Federal.*

*A Conquista.*

*A Tormenta.*

*Tréva.*

*Banzo.*

*Turbilhão.*

*O meu dia.*

*As Sete Dôres de Nossa  
Senhora.*

*Baladilhas.*

NO PRÉLO:

*Patinho torto.*

---

*A propriedade literaria e artistica está garantida em todos  
os paizes que adheriram á convenção de Berne—(Em  
Portugal, pela Lei de 18 de março de 1911. No Brazil,  
pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).*

Artes Graficas, rua da Calceira—Porto



Os dias são miúças que rolam na Eternidade, como circulam no espaço os átomos imperceptíveis. Se, entretanto, um facto os celebra, destacam-se e rebrilham, como se manifestam, fulgidos, os átomos se entram em raio de sol.

A impressão destas páginas na memória dos leitores foi mais rápida do que é a passagem dos átomos na luz; estes, porém, ás vezes, indo e vindo, iterativamente, insistem no luminoso transitio.

É a luta pela vida e pela gloria, que até entre os ephemeros se observa, como prova o retorno á publicidade destas chronicas escriptas para um breve instante.

C. N.



1918



## Chantecler

---

Quando a faisán pergunta a Chantecler :

«Et crois-tu qu'à ta voix le monde entier s'inonde?»

responde-lhe o evocador :

«Je ne sais pas très bien ce que c'est que le monde :  
Mais je chante pour mon vallon, en souhaitant  
Que dans chaque vallon un coq en fasse autant.

.....  
Chanter c'est ma façon de me battre et de croire.»

E no valle gracioso, amado de Oliveiro, que por elle saudosamente suspirava, chamando-lhe «doulce France», mal se calava o rouxinol e antes que deixasse o ninho a cotovia, soava a voz metallica do que vigiava na treva e anunciava o sol. E foi esse clarim de plumas que clangorou a *diana* feliz e, como elle proprio confessa á namorada :

.....J'ai chanté dans du noir.  
 Ma chanson s'éleva dans l'ombre, et la première.  
 C'est la nuit qu'il est beau de croire à la lumière !

Mais do que noite : era treva caliginosa e retalhada a raios, e o mundo, estarrecido, via avançar a hoste de ferro e retrahia-se no terror, como diante de um cataclysmo, quando a tua voz, Chantecler, vibrou nos campos.

O teu primeiro cocoricó foi como a evocação de um nigromante naquelle sublime : « Debout, les morts ! »

Quem entra pela Eternidade e traz os mortos a combate bem póde despertar no oriente o sol, que vive. A madrugada é o acordar de um somno ; a resurreição é o regresso da morte. E tu, Chantecler, com o teu canto heroico, realisaste o que só Deus faria, porque só Elle tem o poder de revihar o tumulo.

O teu segundo cocoricó, mais alto e extenso, correu todas as fronteiras do mundo despertando outros gallos e assim cumpriu-se sonóramente o teu desejo :

« Que dans chaque vallon un coq en fasse autant. »

E foi assim que nos desfiladeiros balkanicos e nos vales da Bretanha, nas colladas da Italia e nas veigas lusitanas, nos juncaes da India e nos cerejaes nipponicos, nos areaes da Lybia, nos bosques australianos e, finalmente, com brio alegre, entre o mar e as Montanhas Rochosas da opulenta e juvenil America, todos os gallos cantaram. Tal côro pareceu á faisan audacioso :

« Chanter en même temps que toi ! »

E tu lhe respondeste :

..... « Ça ne fait rien

Leurs chants prennent du sens en se melant au mien.

Et ces cocoricós tardifs, mais qui font nombre,

Hâtent, sans le savoir, la retraite de l'ombre.

O côro, não inconsciente, mas convencido da justiça da tua causa, que, como a que outr'ora pleiteaste diante da Bastilha, não era apenas tua, mas de toda a Humanidade, precipitou, com o seu concurso, a derrota da sombra.

Não esqueças, porém, intrepido paladino, que foste despertado pelos rugidos dos leopardos belgas quando, de pé na fronteira da patria, oppuzeram o peito ás balas prussianas, detendo a invasão feroz que se encaminhava para o teu terreiro.

O alarma foi dado pelos valentes belluinos, que se sacrificaram pela honra do seu escudo, preferindo cobri-lo com o seu sangue a nelle repousarem sobre a vilta de uma traição.

F'oram elles que te despertaram, Chantecler, para a matinada gloriosa, porque sempre o teu mal foi seres muito da poesia e do amor, deliciando-te junto á faisán com o canto do rouxinol, como te nos mostra o poeta annunciador da tua gloria, o qual, como se apenas a esperasse, contente de vê-la surgir, adormeceu na morte. Pela faisán e pelo rouxinol esqueceste de cantar o hymno da alvorada. Assim, na hora em que o barbaro arremetteu comtigo, estavas, talvez, entre o amor e a poesia e se não fôssem os leopardos...

O rouxinol succumbe no poema ferido pelo ladrão de caça; outro, porém, logo o substitue porque :

Il faut un rossignol toujours dans la forêt.

Quantos por ti morreram ás mãos do barbaro, mas já nos ramos novos da floresta outros cantam.

..... Et mieux encor peut-être !

E se a faisán tentou deter-te quando a preteriste pela Patria, dizendo, já a caminho da trincheira :

..... « Je t'adore !

Mais je servirais mal l'œuvre qui me reprend

Près de quelqu'un pour qui quelque chose est plus grand ! »

resgatou-se com sublimidade quando, vendo a arma do assassino apontada ao teu peito, pensou apenas em salvar-te, ainda com risco da propria vida.

Mas a abnegação da faisán não vale a da Mulher francesa :

« Qu'il vive ! et je vivrai dans la cour, près du soc ! »

suspira a ave. A Mulher foi além, sacrificando-se a tudo pela victoria do teu canto e foi animado por ella que púdeste dizer victoriosamente ao mundo, do alto das trincheiras conquistadas :

..... « Il n'existe plus de crapauds !

.....



Agora, ao teu reclamo, vão os gallos de todos os valles reunir-se para annunciarem ao mundo a alvorada da Paz. Qual será o gallo do nosso terreiro?

Não vá o Brasil mandar algum garnizé que, no côro heroico dos *cocoricós*, desafine esganiçadamente com um ridiculo *qui-qui-ri-qui!*

5 de Dezembro.

## Metamorphoses

PARIS, 10 — A utilização dos *tanks*, tornados instrumentos pacíficos para a tracção de embarcações fluviaes, tendo dado os melhores resultados, sua applicação será generalisada em toda a França.

ROMA, 11 — Effectuou-se hontem a primeira experiencia do correio aereo entre Napoles e esta capital.

Dois apparatus da esquadilha *Napoli*, pertencentes ao Banco de Napoles, partiram daquela cidade ás 9 e 15 minutos e chegaram, depois de esplendida viagem, ao aerodromo de Centocelle, ás 10 e 25 minutos.

Esses apparatus traziam duas mensagens: uma do Syndicato de Napoles para o commissario da Aeronautica e outra para o ministro dos Correios e Telegraphos.

Os telegrammas que pairam sobre estas linhas são as primeiras alviças da Paz que apparecem no mundo. Elles aqui ficam como os novedios da Redempção: um na terra, outro no espaço.

O *tank* surgiu inopinadamente na guerra como o elephante nas batalhas antigas ou como a balista arrasadora de cidades.

Quando irrompia, monstruoso, apuado de ca-

nhões, e avançava açacanhando corpos, rebentando cercas, aluindo muralhas, galgando trincheiras, despedindo fogo, á guiza de ouriço que dardejasse aculeos inflammados, não havia detê-lo. As linhas quebravam-se á sua passagem, desmantelava-se a ordem da batalha e o formidavel ariete entrava pelos exercitos abrindo nelles caminho para o arremesso desapoderado das ondas inimigas.

Era a fortaleza errante, o baluarte solto, a alude viva ante a qual os mais reforçados postos rendiam-se espavoridos.

Que fez com elle a Paz ? o mesmo que fez Santa Martha com a tarasca que assolava as terras regadas pelo Rhodano : chamou-o a si, físcellou-o, atrelou-o e, manso e prestadio, lá o vai levando pelos campos como um monstro serviçal, que segue pelas margens dos canaes campestres tirando docilmente á sirga as barcas carregadas.

As crianças que, de longe, o avistam, alto como uma collina em marcha, correm a vê-lo de perto e pasmam de tamanho vulto. E, como são campônios que o guiam, chamam os pequeninos, fazem-nos entrar no bojo, que ainda tresanda á polvora, consentem em que se debrucem nas aberturas, que foram abocaduras de canhões, e nellas, em vez do fogo mortifero que d'antes explodia, apparecem cabezinhas louras e vibram risos crystallinos.

E lá vai, ao longo da ribeira, não destruindo, mas trabalhando, o dragão domesticado, e pelas aguas, tirada por elle, deslisa serena a barca carregada de pipas ou acogulada de trigo, com os seareiros adormecidos nas gavelas ou cantando, com o olhar espalhado pela terra, já sem sulcos

da devastação, porque a herva viçosa tudo encobre, forrando de alfazema e digitalis os tumulos anonymos.

E assim caminha, como Hercules vencido por Omphale, o que a Paz amansou dando-lhe por sentença servir á Primavera e carrear nas aguas os productos do Outono e ainda quebrar no inverno a neve, como os grandes bois trilham o grão na eira; e no estio, á hora mais ardente, servir de agasalho á lavradora que nelle se recolha para amamentar e adormecer o filho.

\* \* \*

E lá em cima... Quem vai no velivolo? Que leva o passaro gigante que, ainda hontem, aninhado nas nuvens, das posturas que fazia desempolhava sobre aldeias e cidades o incendio devastador?

Para que excidio vóa o alerião temido? Não leva os raios de Zeus nas garras e parece librar-se com as azas de Mercurio, o divino correio que communicava o céu com a terra quando, em vôo sonoro e rapido, descia do Zodiaco fulgurante ás cabanas escondidas entre as oliveiras.

Será o mesmo dos *raids* estrondosos? o mesmo que cruzava o Ether com horrisono rompante, esparzindo fogo em saraivada infernal? É o mesmo, mas aderençado, e quem agora o cavalga nas alturas não é a walkiria sanguinaria, mas a Paz, amazona divina.

Em vez de explosivos, leva mensagens congratulatorias. É a pomba da arca que se desenvolveu e, mais corpulenta do que o lendario passaro Rochedo,

scinde os ares luminosos, transmittindo de uma a outra cidade a palavra de confraternisação que soou na grande noite do Natal e que foi registada no Evangelho de Lucas : *Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis.*

Dentro em pouco todos os povos terão na orla das suas cidades aviarios immensos e ir-se-á de um polo a outro por entre as nuvens, perto dos astros.

A metamorphose da Phenix não a modificava : a ave renascia das proprias cinzas sempre a mesma como o sol. A metamorphose do avião é mais bella porque o melhora — o vulturino surge do fogo da guerra purificado como as almas que passam pelo Purgatorio. E se, nos primeiros vôos de ensaio, leva apenas a palavra escripta, em breve a conduzirá viva, no proprio homem que rastreará o espaço com hymnos de Alleluia.

E as migrações que, dantes, se faziam lenta, trabalhosamente por terra e mar, serão feitas pelo espaço como a das andorinhas. E o homem, no limiar da casa, olhando o céu dourado, verá vir por elle, a vôo largo, a grande ave, pousar na collina deixando um viajante, que se encaminhará, sorrindo, para o lar, como os anjos quando eram enviados do céu em visita aos patriarchas. E será o reinado da Harmonia, a nova idade de ouro.

Mas... Lucifer vivia tambem no espaço e era da comitiva de Deus e...

Estarão os homens preparando a paz ou... uma nova revolta, como a dos anjos ? Que nos virá do mysterio dessas metamorphoses ?

## A arvore do Natal

---

A arvore que neste mez florece plantou-a Jesus para os pobresinhos e foi sentado á sombra dos seus ramos que Elle, estendendo os braços ás crianças, reprehendeu os discipulos que as repelliam com o : *Sinite parvulos venire ad me.*

Essa arvore, nascida da Piedade do Messias, devia reproduzir-se em todas as eiras, no cercado de todas as choupanas, nos quintaes de todos os casebres, onde quer que houvesse uma criança, dessas que vivem como as plantas — ao sol e á chuva — e, roxas de frio, cantam ; alegram-se com um mendrugo e, quando enfermam, bendizem a febre que as aconchega ao collo das mãis, leite melhor que a enxerga, com travesseiros macios.

Foi para essas crianças, que nunca domaram um cavallinho de páu nem jámais conversaram maternalmente com uma boneca de celluloido, que Jesus fez brotar a arvore das offerendas.

Essa planta de amor, que se enfeita pelo Natal, arvore dos simples, que devia dar sombra e aroma aos lares desfavorecidos, foi transplantada do sitio em que nasceu para o parque de muros altos e gradeado de ferrô, tornando-se, desde logo, defesa aos pobresinhos que, sendo, por mercê divina, os seus verdadeiros donos, são justamente os que não lhes colhem os frutos e só de longe, escondidos nas sêbes, a contemplam, invejando os que cantam e riem sob a sua verde fronde florida de luzes.

O que a tua Bondade imaginou, ó carinhoso amigo dos humildes, longe de lhes servir de consolação, tornou-se-lhes, talvez, a mais pungente tortura d'alma.

Não se sentiriam elles tão infelizes se não comparassem a sua condição miserrima com a ventura dos afortunados.

Quando o viajor sequioso avista na montanha o claro e fresco manancial mais se lhe agrava a sêde.

O que semeaste para os pobres cahiu entre pedras ou foi devorado pelas aves do céu, porque não vingou na terra. A propria arvore que, com a tua mão benigna, plantaste para os filhos da pobreza, para que, uma vez, ao menos, no anno, tivessem um pouco de alegria e apparecessem sorrindo diante do teu berço, essa mesma os ricos usurparam, como Achab tomou a vinha de Naboth. E foi assim que os teus discipulos tornaram effectivo o gesto de repulsa contra o qual tão meigamente te insurgiste com aquellas palavras que ficaram como a legenda aurea da misericordia.

A arvore ahi está, viçosa ; mas, se um pobre-sinho atrever-se a tocar-lhe em um galho ou a apanhar

do chão uma só das suas folhas seccas, logo, contra elle, sahirão famulos armados escorraçando-o, se o não levarem, como ladrão, ao posto da guarda.

Eis no que deram as tuas arvores, ó Christo! a da Vida, que é a do Natal, ahí a tens mudada dos campos e das almoinhas para o jardim dos palacios; a da Morte, a cruz, tratada pelo cinzel, com encarnas em que fulgem pedras preciosas, brilha vaidosamente em calvarios de carne, que são os collos nús, mais alvos do que a neve do Hermon e com mais flammias no intimo do que os vulcões.

Arvores do Natal ha-as ahí tantas que farão uma densa e vasta floresta, na qual, no entanto, não se permite ao pobre que apanhe um feixe de gravetos com que se aqueça e alegre no lar.

E as crianças que nas estufilhas das mansardas lugubres, nos cubiculos das estalagens, nos palhiços roceiros ou em covas de montanhas, onde tambem se aninham, quando ouvem contar d'essas arvores luminosas e cheias de brinquedos, pasmam com um sorriso de enlevo, que é a mesma flôr do desejo.

Algumas, antes de se recolherem aos molambos da esteira, abrem devagarinho a porta, pé ante pé, sáhem ao terreno e, vendo o brilho do luar nas folhas, correm para elle, mas encontram apenas a luz que lhes foge por entré os dedos, como nos fogem todas as illusões.

A arvore do Natal é planta dos ricos porque só florece adubada a ouro e como poderão os pobres cultivá-la se, nem sempre, possuem o vintem para o pão?

A arvore do Bem, plantada pelo Nazareno, mudou-se, como a do Paraiso, em arvore do Mal e o



demonio, que nella se enleia, seduzindo os pobresinhos, chama-se Inveja. E assim, pouco a pouco, vai degenerando a obra do Messias.

Uma voz, vinda, talvez, do Paraiso, anda a pedir para os pobresinhos ás crianças ricas os brinquedos de que já não fazem caso, contando com os que lhes hão de vir do céu na proxima noite do Natal. Por que não hão de ellas attender ao appello meigo ?

Não se dá ao que tem frio um velho manto, ao que tem fome um pão da vespera ? Por que não haveis, crianças bem fadadas, de dar aos filhos da Pobreza o brinquedo quebrado ou que já vos não seduz ?

Será o bagaço de um fruto da Arvore do Natal que ainda levará summo de alegria bastante para fazer sorrir um pobresinho.

O que faz o encanto do brinquedo para o rico é o esplendor, para o pobre é a fantasia em que elle o envolve, mais preciosa, sem duvida, do que a sêda, os cadilhos e as lentejoulas. Que as crianças ricas se lembrem dos seus irmãosinhos mandando-lhes de presente o que já não querem e, com os refugos da sua alegria, espalharão ventura por esses lares tristes, como as arvores, sem prejuízo da força e da belleza, dão os seus ramos seccos para as lareiras das cabanas.

Fazei, petizes, essa esmola de alegria á alma dos pobres da vossa idade, e tereis sempre, pelo Natal, arvores floridas.

Dai as sobras da vossa fortuna aos que nada

possuem e Deus, como disse Haraucourt, vos recompensará com a felicidade :

Aimez, et la bonté vous sera deux fois bonne,  
Car donner du plaisir c'est prendre du bonheur.

19 de Dezembro.

## Tempora mutantur

---

O Natal do meu tempo !

Na minha infancia — dahi, quem sabe ? eu era pobre e o tal velhote prefere as casas ricas, naturalmente porque lhe dão gorgetas — não se falava em Papá Noel. Eu, pelo menos, não me lembro de haver jámais ouvido tal nome, não só em minha casa como em todo o meu quarteirão.

Os meus sapatos, assim como eu os deixava, assim amanheciam. Tambem, a que horas me deitava eu ? ás tantas da madrugada, depois da ceia e da missa do Gallo.

É possivel que Papá Noel viesse com os seus presentes e procurasse o calçado onde os atafulha e, não o encontrando, (pudera!) passasse adiante. O que affirmo, porém, é que nunca achei nos meus sapatos coisa que se parecesse com um soldado de chumbo; achava terra dos caminhos que percorrera ou do quintal onde brincara o *Tempo será* com os da minha idade, mas brinquedo... nenhum !

Tambem não me queixava, não só porque ignorava a existencia de tal velho, como porque eram tantas as alegrias da noite que, ainda que me promettessem uma arca de Noé com o seu mundo de bichos, não sei se me resignaria a metter-me na cama, deixando a mesa posta e já ornada de compoteiras e pyramides de doces e na cozinha e azafama opipara de um festim a Gamacho.

E fóra, então, na rua! Volta e meia era uma serenata com violões, violas, flautas e cavaquinhos, um rancho pastoril, uma tuna zangarreando guitarras.

Em certas casas devotas resplandeciam presepes e os donos, muito lhanos, permittiam a entrada ás familias e era um encanto vér-se a montanha armada na sala, com as suas fontes espelhantes, a caverna com a Sagrada Familia, uma bicharada numerosa pelos caminhos, reis, soldados, pastores de varios tamanhos e, oscillando em barbantes, presos ao tecto, anjos e aves.

Os sinos soavam alegremente e as ruas enchiam-se com rumorosa alegria. Bailes, eram sem conta e quem passava ouvia o rastejar dos passos, o vozeiro das marcas das quadrilhas e os roncões dos ophicleides. Outros tempos!

O Natal de hoje é triste nos lares. Na minha infancia os velhos, ao tomarem lugar á mesa da ceia, verificavam se se achavam presentes todos os filhos e os netos que já podiam fazer a santa vigilia e ainda os pequeninos, adormecidos nos braços das mucamas, olhavam-nos com enlevo, e depois de darem graças a Deus, abençoando-os a todos, sentavam-se e partiam o pão e serviam o vinho.

Era a comunhão da família, a missa domestica, na qual se reuniam os que o amor, a fortuna, os trabalhos haviam separado. E os velhos troncos reenfolhavam-se, orgulhosos da fronde que ali se abria junto do berço de Jesus, o pacificador.

E assim a noite do Natal passava docemente, em convívio, cada qual contando a sua vida : prazeres e sofrimentos. Às vezes a conversa sustava-se em silencio commovido, os olhos marejavam-se, rolavam caladas lagrimas á lembrança de um nome que soava sem resposta — mas a alegria levantava-se de novo. Ali estava a vida, e que era uma gotta de lagrima no lumareu festivo ! ?

E os velhos contemplavam, com ternura, aquella irradiação que lhes sahira do amor : os filhos, os netos que eram elles, que se projectavam no futuro. Hoje... O *reveillon* dos *restaurants* matou a poesia do Natal. A festa do lar foi substituida pelas patuscadas dos *cabarets*, o culto da familia desapareceu de todo : o deus de Moab venceu o Deus de Israel.

Emquanto os velhos, sósinhos, revêm o passado, accendendo, com a saudade, um lune triste, a que se achegam transidos, lá fóra, longe, os que os deviam acompanhar nessa noite de concentração, sentam-se a mesas floridas e bebem pela taça venenosa que lhes apresenta aquella mesma figura estranha que, nua e languida, apparecia ao neophyto, nos subterraneos dos templos, para experimentar-lhes a energia d'alma. E elles ? ...

Que terão para consolo na velhice esses que, apenas, levam da mocidade os frutos colhidos á margem do Asphaltite, cuja polpa é de cinza ?

Emfim... elles riem-se dos velhos e acham que o

Natal de hoje é que é o bom Natal. Talvez tenham razão... Os velhos do meu tempo já lastimavam que os rapazes preferissem metter-se em serenatas e bailes e acompanhar ranchos de pastorinhas a ficar com elles, só apparecendo em casa á hora da ceia, não por amor da familia, mas porque sabiam que havia perú, *baba de moça* e vinhaça e suspiravam como eu suspiro commigo os homens da minha idade:

«Ah! o meu tempo!...», e como, com o passar dos annos, hão de suspirar os moços de hoje.

26 de Dezembro.

1919





## Recordação

---

A commovedora festa hontem realisada no Asylo S. Luiz, na qual tomaram parte as criauças do Abri-go da Infancia, lembrou-me a visita que, ha annos, fiz á Casa da Velhice, levando commigo minha mulher e os filhos: tres rapazes e uma menina de dois annos.

Quando, entre os velhinhos, appareceu essa infancia tropega e balbuciante, foi uma alegria ruidosa e todas aquellas almas em vasquejo reaccenderam-se e brilharam á flôr dos olhos amortecidos como scintillam os gelos, quando nelles incide um ralo de sol.

A pequenita corria por entre os anciãos como uma borboleta em floresta centenaria: todos os braços se lhe estendiam e era de vêr-se o susto dos velhinhos receiosos de que a criança cahisse, maguando-se e, como não a podiam acompanhar, deram-se as mãos fechando um circulo, dentro do qual a pequenina e alegre prisioneira ria, como um passarinho canta na gaiola.

E eu, observando de longe, e a rir, o esforço inútil daquelles velhos, querendo conter a infancia trefega, esforço só comparavel á utopia de Averrhóes, que pretendeu enterrar um raio de sol, via naquelle quadro um symbolo perfeito da vida impetuosa, vingando todos os obices para surgir á luz : desde a ansia da tige que, rebentando da semente, no fundo da terra, ladeia os obstaculos que encontra, pedra ou raiz antiga, e explue ao sol, até o surto da alma, que tudo vence, attrahida pelo ideal.

Pobres velhinhos ! Cançaram-se em vão e a criança fugiu-lhes ás gargalhadas, correndo para um canto ensanguentado de rosas, com os cabellos e as fitas voejando ao vento. Querendo fixar a recordação desse dia escrevi a ligeira pagina d'album, que se segue, intitulado-a :

### EXTREMOS

Infancia e decrepitude — extremidades da vida: cabellos louros, sol ; cabellos brancos, luar.

O infante é a acção que começa, quer o movimento : o berço balança-se ; o velho é a energia extincta, quer a inercia : o tumulo é immovel.

Um balbucia, são os rebentos da palavra, que brotam ; outro tartarêa, são as folhas mortas que cáhem.

Os dois esforçam-se por andar, vacillam. Um apruma-se, quer pôr-se em pé, agarra-se aos moveis, ás paredes, estende os bracinhos em maromba ; outro curva-se, inclina-se sobre o bordão, esteia-se como as ruinas.

O infante tem o vigor da planta que nasce ere-

ela, buscando o sol; o velho é a arvore que pende. Inconscientes — em um, é a alma que ignora; em outro, é a alma que esquece.

Primeiras centelhas, ultimas fagulhas.

Em um, é a chama que sobe, illumina, e aquece; em outro, é a cinza que resta e esfria.

São viajantes que se encontram na mesma estação — um que chega e pasma deslumbrado; outro que parte desilludido. Um é a Esperança, outro é a Fé. Entre os dois é preciso que fique a Caridade, amparando-os, e, assim, teremos o grupo das Virtudes Theologaes.

O infante é arisco porque adivinha o mal; o velho é desconfiado e cauto porque o conhece. Um é avisado pelo instincto, outro pela experiencia.

A primavera é filha do inverno: o renovo rebenta sob a neve. É na leira, em que se fundiram os gelos, ainda encharcada e fria, que repontam as searas de ouro.

Os extremos tocam-se. O oriente e o occidente defrontam-se. O sol fica entre dois crepusculos e a marcha do astro é uma curva, como a vida. O dia sobe e inclina-se para o occaso, como os velinhos sobre a sepultura.

O infante esquece o céu, de onde veio, quando entra na terra. O velho despoja-se da memoria para entrar no céu. Se assim não fôsse haveria anjos no mundo e saudades no Paraiso.

Um deixa as pennas das azas, outro as penas do coração.

Infancia e decrepitude — mysteriosas iniciações.

## A vingadora

---

• O verdadeiro dictador em Petrogrado é uma jovem chamada Jacoblema, de vinte e dois annos de idade, cujas acções subrepujam todas as lendas da crueldade da Historia. » — *Telegramma de Stockholmo.*

Sentia-se-lhe o prestigio, adivinhava-se-lhe a presença sem que se lhe visse um gesto nem se lhe ouvisse uma palavra. Procedia como a Fatalidade, genio invisivel, força latente da Tragedia antiga.

Os oraculos governavam do fundo dos antros; as sybillas escondiam-se em cavernas obscuras, de onde falavam aos crentes.

Occulta, como o ponto no theatro, essa inspiradora terrivel soprava aos actores da grande tragedia, que se desenvolve na terra moskovita, as proclamações sanguinarias, as denuncias, as sentenças crueis. Guiava-os na scena e, se os sentia hesitantes, levantava a voz excitando-os para que proseguissem encarniçando-se a mais e mais e, se a um succe-

dia extinguir-se o facho com que ateiava o incendio nas cidades, ella bradava-lhe para que o reacendesse no primeiro lume, fôsse, embora, o da lampada de um sacario.

Era a furia da revolução. Ella devia existir algures, sabiam-n'o todos, ainda que ignorassem o seu paradeiro ou lhe pudessem descrever o doairo. Ella devia existir!

Se não apparecera até então, visivel, como Judith em Bethulia, empunhando o gladio ensanguentado, devia rastejar na sombra, á surdina como Clytemnestra em Argos, como Lady Macbeth em Dunsinane, guiando, encorajando o Crime.

O homem é o impeto, a mulher é a continuidade que, na sua fraqueza, vence como a gotta d'agua: pela persistencia. O homem investe arreatadamente como Ajax; a mulher insinua-se como Dalila. O homem apunhala; a mulher envenena. O homem é impaciente; a mulher espera. As *erynnias* inflexiveis e mudas eram femininas.

Em todos os movimentos revolucionarios que têm sublevado a Russia apparece sempre no turbilhão uma flôr de Belleza, nelle atirada por esse sentimento appellidado com o nome intraduzivel de *olchaianié*, o qual, segundo Melchior de Vogüé, é um mixto de desespero, fatalismo, selvageria, ascetismo...

Arreatamento triste e allucinado, como o do conscripto que parte cantando e com os olhos arrasados d'agua.

É esse sentimento singular que, conforme as circumstancias, lança todas essas jovens mysticas no suicidio, na ambulancia, no claustro, na propaganda,

no assassinio, na desordem; é elle que encaminha na breva o estudante, sorteado na toja nihilista ao encontro da victima designada pelo conventiculo.

*Otchianié* é o nome que melhor define a loucura de *Hamlet*.

E conclue com piedade o autor de *Le roman russe* :

«É a seducção e o pavor do paiz da loucura fria, onde da vida só se comprehendem os extremos, onde tudo se supporta, menos o destino mediocre, onde se prefere a morte á resignação humilhada. Pobre Russia! é a tua alma de passaro marinho, aligero nas borrascas e pairando sempre á flôr do abysmo.»

Essa criatura mysteriosa e tragica que agora irrompe da sangueira do maximalismo é a flôr do martyrio slavo, cujas petalas andam espathadas na obra dolorosa de todos os poetas e romancistas dessa região de agonia, onde a nobreza fez do inverno carcereiro, criando um presidio, murado de neve, no qual as peores algemas — porque entorpecem o galé, tolhendo-lhe os movimentos — são o frio: a Siberia.

Desfolhem o coração de Jacoblema e hão de nelle achar as figuras das grandes soffredoras que erram, em espirito, na litteratura estranha do povo russo.

Ella é a Nêmesis slava, cega na vingança, inspirando mortificações e destruições, amontoando cadaveres, armando assassinos, como Electra incitava Orestes, sem pensar na patria, indifferente, surda ao clamor dos feridos, impassivel diante dos moribundos, sorrindo orgulhosamente ás chammas, porque a sua verdadeira patria, aquella pela qual o seu furor se accende, não é a terra gelida, com as suas ca-

sernas lugubres e os seus kremlins fantasticos, mas a Liberdade, e o poyo pelo qual ella se bate, como a virgem argiva bradava vingança, ao mesmo tempo que cumpria sobre o tumulto paterno o rito da libação, é o povo dos perecidos, dos que, através de seculos e seculos, caíram maculando a neve de sangue, choraram, em vão, diante dos nobres ou succumbiram nas enxovias gelidas daquella lugubre *Casa dos mortos* que nos descreveu Dostoiewsky.

9 de Janeiro.

## Lenda

---

A noticia do desaparecimento da irman Celeslina lembrou-me a lenda gothica da monja encarregada do altar da Virgem que, pela devoção em que a tinha, sempre que se aproximava do sagrado solio prostrava-se em joelhos, orando, ás vezes com tamanho fervor que, arrebatada em extase, ficava horas sorrindo á imagem, que lhe sorria.

Não poudo, porém, o mysticismo com o amor, tanto que, avistando-se, uma tarde, a freira com o cavalleiro, por quem suspirava nas suas vigílias, e entendendo-se com elle por artes que só o coração ensina, combinaram a fuga. Antes, porém, de sahir em tão atrevido passo, tudo esquecendo no alvoroço feliz, lembrou-se da Virgem, e, por noite alta, serra-teiramente, entrou na capella, ajoelhou-se, chorando, confessou o seu peccado de amor, pedindo perdão Áquella a quem fizera voto de castidade. E foi-se na levada aventureosa.



À hora de *Matinas*, reunida a communiidade, ninguém deu por falta da fugitiva: viram-n'a todas as irmans, solicita no divino serviço: subindo do jardim com braçadas de rosas, passando com a lençaria do altar, destacando as lagrimas dos cirios, pondo em ordem as sédes e os genuflexorios.

Correram annos e a evadida, acompanhando o destino errante do seu amado, ora em cidades, ora no ermo, no castello forte ou na tenda de guerra, fôsse qual fôsse a circumstancia em que se achasse, na alegria dos sarãos ou no sobresalto de um assédio, sempre tirara um momento para ajoelhar-se em recato lembrando-se constrictamente á sua protectora.

Uma tarde, diante dos muros de uma praça defendida com heroismo, achava-se ella entretida a olhar o céu, que se esmaltava de estrellas, quando avistou um bando descendo lentamente a collina.

Nelle não vinha, de certo, o seu amado, porque era seu habito annunciarse alegremente, de longe, pelo clangor do oliphante.

Aproximando-se, porém, o grupo silencioso, ella percebeu que os homens traziam umas andas forradas de folhas, nas quaes oscillava um corpo, e o coração bateu-lhe d'impeto no peito e logo se lhe encheram os olhos de lagrimas presagas.

Sim, era elle, o seu amado, que ali viuha, a morrer, e ainda que os physicos se revezassem e ella tudo fizesse para o salvar, tantas eram nelle as feridas que por ellas todo se lhe escoou o sangue.

Perdendo aquelle por quem se perdera, só no mundo que, para ella, se tornou vasio e lugubre, no seu immenso desespero e desamparo triste, lembrou-se a pobrezinha d'Aquella que nunca a abandonara e,

revendo-a na saudade, formosa e sempre meiga, sorrindo na refulgencia do seu altar, decidiu buscá-la, regressando ao mosteiro, ainda que nelle entrasse para ser logo encerrada no ergastulo. Ao menos ouviria no seu presidio o som dos sinos, talvez o éco dos canticos religiosos... E a abbadessa era tão meiga que, talvez, conhecendo o seu doloroso romance, a perdoasse. Foi.

Era a hora de *Vesperas* quando a infeliz chegou á portaria do mosteiro, onde, por descuido, senão milagre, a irman rodeira, sempre vigilante, deixara a porta aberta.

Com o favor da sombra, em passos cautelosos, entrou a foragida esgueirando-se sem o mais leve ruido. Subindo, pé ante pé, a escada do côro, acercou-se das companheiras, achando o seu lugar entre ellas. Ajoelhou-se devagarinho.

Ao fim da reza, ao vêr-se acolhida sem surpresa, como se apenas houvesse chegado mais tarde ao côro por exigencia de serviço na capella e ainda pelo que lhe diziam louvando-lhe o gesto com que, naquella mesma manhã, florira o altar, dobraram-se-lhe os joelhos, saltaram-lhe as lagrimas dos olhos e, adivinhando o prodigio, ali mesmo, confessando, a brados, a sua culpa, proclamou o milagre.

Correram todas á capella e, tão a tempo, que ainda viram a freira arraujando as flores e dispondo-as no altar... Tofnidas de espanto, quedaram-se as religiosas, mas, como a fugitiva, na sua emoção, rompesse em pranto, voltou-se a freira, que a substituiu e, a um clarão maravilhoso, todos nella reconheceram a Virgem.

Visto que a Immaculada perdoara com tanta

doçura, não quiz a abbadessa ser mais rigorosa e, abrindo os braços á que tanto amara e soffrera, recebeu-a como filha predilecta. E foi assim que Nossa Senhora respondeu com serenidade á devoção daquella que sempre a tivera na mente e, muita vez, desprendendo-se dos braços que a cingiam, ainda com o sabor de beijos nos labios, ajoelhará-se pedindo-lhe que a não esquecesse e amparasse na sua misericórdia.

Este é o *fabliau* que Gaston Paris nos mostra como um vitral de igreja gothica. Refiro-o de memoria, tirando-lhe a frescura da versão primitiva. Mas uma coisa é *vêr* a flôr no ramo, outra é *vê-la* colhida. Se profano poesia de tanta belleza é para, com ella, visto que é linda — flôr mystica — proteger a irman que despiu a estamemha correndo, com a sua mocidade, ao reclamo da Vida.

Se por uma desceu do altar a propria Virgem, substituindo-a de modo a não ser sentida a sua ausencia nem commentada a sua culpa no mosteiro, por que se ha de tanto accusar a outra que sahio pela mesma porta, trilhando os mesmos caminhos por onde a freira medieval partiu, quebrando o seu voto? Quem a perdoou primeiro? a propria Immaculada.

As pedras não se levantam por si mesmas e quando alguém as apanha no caminho para com ellas ferir, antes de as lançar deve lembrar-se do que fez Jesus em Jerusalem acolhendo á sua misericórdia a que pecara por amor.

## Por agua abaixo ...

---

O holocausto continua com intensidade que assombra. Os fazedores de desertos, como lhes chamava Euclides da Cunha, acharam na guerra um pretexto para mais se encarniçarem na depredação criminosa que, de longe data, vem arruinando o paiz, prejudicando-lhe a belleza e comprometendo-lhe a saude.

Com a falta de carvão multiplicaram-se os lenhadores, e de uma hora para outra, viram-se as mattas atacadas nos seus mais bellos exemplares floraes por numerosos bandos, que, em dias, barbaramente, destruíram a lenta fecundação de seculos, deixando em clareiras, como gilvazes, espessuras, na vespera, frondosas, onde abroilhavam fontes e a seiva circulava como um sangue forte, renovador da vida.

O matuto, bem o disse o autor desse livro de anathema: *Urupês*, é o maior inimigo da natureza.

Indifferente á belleza que o não seduz, ignorante

dos beneficios que nos presta a arvore, preguiçoso e sensual, como a lavoura é trabalhosa e lenta e a derrubada é facil e de compensação immediata, com um machado e um isqueiro faz a sua vida. O abegão reclama basta aparelhamento agrario, o lenhador suppre-se com o que leva ao bombro e no bolso das calças de zuarte.

Derrubado o tronco, feito em tóros, fendido em achas, logo empilhado á beira da linha ferrea, recebe o devastador a paga, que lhe dá, de sobejo, para a folga ebriticada de uma semana no rancho de palha. Que importa o vasio deixado pelo colosso da breinha se, com a venda da lenha, póde o caboclo trazer do negocio uma andaina de brim, um vestido de chita para a sua dona, um pouco de carne secca e feijão, um garrafão de cachaça, fumo e cordas para a viola?

Pois que á vida, como disse o poeta, invejando a indiferença dos ciganos, uma das tres coisas basta :

Tocar viola,  
Fumar cachimbo ou dormir...

tendo o caboclo as tres, á custa da arvore, para que se ha de cançar e amofinar em plantio e colheita, dependendo do sol e da chuva ?

E porque assim pensa e ninguem lhe vai ás mãos, ei-lo varejando a matta, a escolher, entre as velhas arvores robustas, as de tronco mais cheio e galharia mais larga para derrubá-las.

Correm os comboios, singram os navios, movem-se fabricas e officinas, ardem fornos e fogões, e, em tudo, é a floresta o combustivel : são os troncos,

são os ramos e as raízes que flammejam, reduzindo-se a fumo e a cinzas, e, nesse fumo denso e negro, que tolda os ares, e nessas cinzas pallidas que amortalham os escampos, somem-se as aguas, desfaz-se a grandeza, perece a saude e o sólo calcinado que, ainda na vespera, alimentava aroeiras ferreas e jequitibás gigantes, esmarrido não géra mais do que o sapé ou, quando muito, uma vegetação arbustiva, fragil, tolhiça, assignalando o sitio que as franças de quatro ou cinco arvores larga, frondosamente fechavam em sombras, embalsamavam de aroma e abemolavam com o chilreio álaçre dos ninhos.

E não é só a esterilidade que vai malsinando a terra que os descobridores contemplaram maravilhados, quando a viram surgir das aguas na linda manhan de Maio, é tambem a desordem e ahi a temos, tremenda, em catastrophes, nesse transbordo das aguas assoladoras, que vão carreando na cheia cidades e villas, moradias e templos, caiçaras e apriscos, lavouras e vidas.

Tudo passa de roldão na enchente...

E a agua desce : hora a hora, ei-la a brotar a serra ;  
 Brota-a o charco, o sapal, a estrada, a penedia,  
 A campina, a deveza, os borraçoes, a terra  
 Toda ; e avoluma a enchente, e temerosa amplía  
 O corpo, e immensa espraia em tudo, e se derrama,  
 E tudo atrôa, e espuma, e ferve, e ronca, e brama.

A arvore é uma sentinella da natureza : as suas raízes, assim como enleam e prendem a terra, absorvem-lhe o excesso de humidade, como no-lo diz Edmond Perrier :

« As arvores são vaporisadores maravilhosos.

Em cinco mezes um carvalho devolve á atmosphera 111,225 litros d'agua, sorvida do sólo. Calcule se por este dado a quantidade d'agua que uma floresta, um simples silvedo de collina, impede que afflua aos rios, representando assim as arvores importantissimo papel na regularisação dos cursos fluviaes.»

E Descombes accrescenta: «O sólo florestado é uma esponja, mas uma esponja de capacidade illimitada.»

Se na propria orla da cidade, que vai, pouco a pouco, perdendo a sua louçania, os carvoeiros operam á vontade, derrubando onde e como lhes apraz, que se não fará ahí por esses sertões, nascedouros dos rios ?

Os governos, que acham ridiculo esse cuidado com florestas, só dão pelo mal quando um cataclysmo os acorda e os clamores das victimas vão perturbá-los nas confabulações politicas. Então levantam-se alarmados e sáhem a soccorrer aos que por elles bradam.

Houvessem elles, como lhes cumpria, garantido a vida das arvores que, com as bandeiras de fumo negro que levantavam nos holocaustos, como que ameaçavam aos que as martyrisavam, e não teriamos a lamentar as scenas tristes que tanto desolam a terra mineira.

As victimas do fogo vingam-se dos seus algozes — eram ellas que faziam a policia das aguas, mataram-n'as: o resultado ahí está na revolta dos rios.

E amanha será peor, quando o deserto estender-se de um extremo a outro da terra, que, em tem-

pos, foi comparada ao valle dos sete rios, onde, segundo affirmam alguns autores, estendiam-se os campos verdes e sussurravam os bosques floridos do que foi o Paraiso.

23 de Fevereiro.



## Saudade

Comme nous voudrions, ne fût-ce qu'un moment,  
Revenir en arrière et frissonants d'ivresse,  
Parcourir de nouveau le méandre charmant  
Que creuse en s'écoulant dans nos cœurs la jeunesse !  
.....  
Que d'impuissance éclate dans ce mot tout humain :  
Se souvenir ! — se voir lentement disparaître,  
Sentir vibrer toujours comme l'écho lointain  
D'une vie à laquelle on ne peut plus renaitre !

M. GUYAU.

A casa da Saudade chama-se Memoria : é uma cabana pequenina, a um canto do coração. A moradora, que é triste, e vive solitaria, respiga no campo do Tempo, seguindo as Horas, como a moabita rabiscaava nas terras de Booz, nos passos dos ceifeiros.

À noite recolhe-se com a taleiga cheia e guarda a colheita no celloiro da recordação, para soccorro nos dias de penuria. Quando elles chegam, com o frio

que inteiriça e a melancolia das sombras hybernaes, sáhe a Saudade com o seu trigo de arrepanha, leva-o ao moinho da Lembrança, lança-o na tremonha e fica-se a ouvir o ranger da mó, que tritura, reduzindo-o á farinha triga, com que a triste se alimenta.

Ás vezes um grãosinho cáhe, é um quasi nada, mas a Saudade apressa-se em apanhá-lo. Que vale tal miga? muito! é uma reminiscencia, substancia preciosa que, aproveitada, renova um instante afortunado, um segundo de ventura, o momento rapido de um sorriso, de um olhar, de um beijo, de uma palavra, relampagos, clarões ephemeros, que nos fazem vêr instantaneamente venturas da mocidade.

Esses pequenos nadaes, que a Saudade aproveita, atomos do passado trazidos ao presente, lembram aquelle grão de trigo que, levado ao hypogeu no sarcophago da mumia, jazendo mil annos enterrado, um dia, trazido á flux e lançado, **de novo**, na terra humida, aquecida do sol e arejada, rebentou e deu vige, subiu em haste e deu pão.

Assim foi com a minha Saudade.

Nessa viagem que fiz a S. Paulo, terra em que desabrochou a flôr da minha mocidade, enquanto por ella andei cercado de carinho, sentiu-se minh'alma como estrangeira num paiz de lenda.

Seria aquella a cidade dos meus dias árdegos de estudante? Onde, então, as estradas, entre sebes floridas, pelas quaes transitavam as tropas caipiras e rodavam, rinchando, os carros de lenha? Onde os muros de taipa que fechavam pomares? Onde as casas de adobe? Onde os rios em que nos banhavamos **á sombra dos chorões? Onde as reliquias tradicionaes,**

como o pocinho do Arouche e a gruta lugubre, aberta na collina do largo da Fôrca, que as velhas devotas alumiavam, à noite, com velinhas de vintem ? ...

O que eu tinha diante dos olhos era uma cidade sumptuosa, de avenidas largas e palácios, de jardins e monumentos, com um povo activo a animá-la, mais robusto e mais bello do que o de meu tempo. Mas não era a minha cidade, aquella em que eu vivera, e a Saudade, para nutrir-se, visto que ali não achava com que saciar a fome, porque todo o campo de outr'ora fôra transformado em parque, fez o que faria o viajor perdido no deserto: soccorreu-se do que levava.

E assim, enquanto lá estive, para alimentar a Saudade, vali-me de recordações e de reminiscências.

E foi com essa farinha branca do passado, feita com o trigo que exhumei, que dei pão á habitadora da casa da Memoria, tão triste no esplendor maravilhoso da terra que percorria, bella para os moços de hoje, mas melencolica para os que a conheceram outr'ora, porque, com o seu desaparecimento, foi-se-lhes, para todo o sempre, o melhor da vida.

20 de Fevereiro.

## As palmeiras da rua Paysandú

A luminosa palmeira, diz Gubernatis, symbolo do sol e da victoria, da riqueza e da geração, era venerada pelos orphicos como a arvore representativa da immortalidade da gloria, pelo que a consagraram como insignia de Niké, a Victoria, por isto chamada *Déa Palmaris*.

Ao regressar da sua aventureosa descida ao inferno, Héracles trouxe na mão, á guisa de archote, uma palmeira radiosa, com a qual se alumiára nos meandros teterrimos do Oreo e chantou-a na Hellade, sendo, talvez, aquella mesma que Ulysses admirou, maravilhado, junto ao templo de Apollo, em Delos.

Em verdade essa arvore, que os phenicios divisaram sob o nome de Baal-Thamar, que é uma columna encimada de coma refulgente, dá a impressão de um facho colossal, de um cirio immenso, cuja flamma freme e brilha, de ouro ao sol e reluz argentina e fúlgura, ao luar, repartida em mil raios mirabolantes.

Pela elegancia aristocratica do seu fuste, pela magestosa attitudo com que se apruma entre as outras arvores, dominando-as soberanamente, a palmeira bem merece o titulo e as honras de rainha. O seu tope é, ao mesmo tempo, chamma e estearna—illumina-a e coôa-a.

Essas, do typo augusto das palmeiras virgens, chamadas imperiaes, hieraticas e estercis como sacerdotisas, têm alguma coisa de divino na serenidade impassivel com que se mantêm levantadas para o céu, offerecendo, na altura, o trophea das palmas verdes, mais gracioso do que o calatho de Demeter.

Vizinho dessa alameda religiosa, especie de nave de templo, que é a rua Paysandú, admena sem rival no mundo, na originalissima e sumptuosa belleza da sua columnata viva, amo-lhe as palmeiras com verdadeiro culto e, caminhando por entre ellas, ouvindo-lhes o ramalhar estuante, como que decifro queixas tristes na voz das suas folhas altas.

Pobres arvores sagradas! Miseras virgens, castas sacerdotisas da Belleza, outra fôsse a alma da cidade e, certamente, em vez do descanso em que vos vejo ir, a pouco e pouco, perecendo, ferreis o amor de todos, serieis, como divindades urbanas, amadas, veneradas, defendidas por quantos verdadeiramente estimam a Natureza, orgulham-se da Patria e amam o Bello, cuja representação vós sois, e olympica.

Em vez do amor que devieis inspirar aos que favoreceis com a vossa graça senhoril, recebeis maus tratos.

Vós, que lembrais, pelo feilic plumario das vossas palmas, aves, porque tendes pennas, se as puddesseis ajustar em azas, certamente já terieis abalado da terra em vôo espavorido, tal é o abandono em que vos deixam, taes são as torturas a que vos submettem, tantas são as pragas com que vos malsinam, taes as injurias que vos assacam, arvores que sois as columnas da primavera, arvores da rua stylistica, que só por vós se destaca como a mais bella da cidade, alça phenicia, caminho triumphal que é para vós, que o fazeis, a via Dolorosa.

No principio da rua, na visinhança do mar, tem-se a impressão de que os grandes cirios vegetaes foram derretidos pelo sol, vendo-se o que delles apenas resta — os tocos.

Aqui, ali deparam-se lacunãs e, marcando a séde de antigos troncos, vestigios recomidos do fuste que, outr'ora, servia de pedestal aos deuses, porque as arvores finaram-se esquecidas, se não tiveram a mesma sorte triste das duas, assassinadas que, durante mezes, envenenadas lentamente a injeções no caule, foram engelhando, mirrando e, por fim, cahiram, seccas, para que, livremente, transitasse o automovel de um particular.

E brada-se contra os carvoeiros que derrubam mattas quando, no coração da cidade, em uma das suas ruas mais bellas e celebra-das, as arvores succumbem envenenadas pelos moradores.

Emfim... consolemo-nos com a idéa de que, no dia em que desaparecer a ultima das arvores maravilhosas, alguem se lembre de pedir, que, em memoria do fastigio antigo, para falar ao futuro de uma

---

belleza extinta, a rua Paysandú passe a chamar-se das Palmeiras.

Será uma compensação, como o epitaphio nos túmulos.

27 de Fevereiro.

## Cinzas

---

Durante os tres dias de carnaval Sebastião Macario andou pela cidade distarçado em asno, com um sacco a tiracollo.

Não zurrava, não escoucinhava. Caminhando pacatamente na multidão, sério, grave, com a melancolia que caracteriza o animal, cuja feição adoptara, volta e meia abaixava-se, apanhando aqui, ali um pouco de poeira, confetti, nastros de serpentinas, trapos, moedas azinhavradas e tudo atafulhava no sacco. Dir-se-ia um trapeiro modesto e era, quem o diria! um socio correspondente da Sociedade de Psychologia Social de Leipzig.

Figura commum — um burro — ninguem se preoccupava com elle e, assim, o erudito andejo fez, sem incommodo e despercebidamente, farta colheita de lixo, dirigiedo-se com ella, na madrugada exausta de quarta-feira, para á sua casa em Catumby, onde tem uma horta que lhe dá para viver.



Despindo a pelle de burro e depois de um banho reparador e refeição frugal, como convém a um philosopho, que se nutre de idéas geraes, encerrou-se em um quarto, cuja chave elle traz sempre consigo, e que é assim como a cella de Fausto, como ainda ultimamente no-la descreveu Octavio Augusto no seu formosissimo poema. Fechou-se por dentro a duas voltas, poz-se á vontade, deu luz á lampada, accendeu um acanor e, despejando as apanhaduras num cadinho, chegou-lhe o fogo.

Levantou-se, subita e vivacissima, uma chama brilhante e, em menos de cinco minutos, tudo o que o paciente investigador levava das ruas turbulentas estava reduzido a cinzas.

Trasfegando, então, para um covilbete de crystal o residuo da alegria da cidade, Sebastião Macario foi ás prateleiras, muniu-se de acidos e começou a analysar.

O resultado dessa famosa experiencia, disse-me o grande homem, que andou por ahí rebuçado em modestia, escondendo o genio com um par de orelhas maiores do que as de Midas, daria um tomo forte, de mais de quatrocentas paginas, que seria uma torre de moralidade.

Nas cinzas, disse-me elle, achou de tudo, menos alegria : Achou hypocrisia, perfidia, dólo, lagrimas, muito còbre, remorsos, arrependimento, até sangue. E concluiu :

— Meu amigo, esses tres dias são para mim, que os analysei, os mais tristes do anno. Toda a gente vem para a rua, não divertir-se, mas sacudir tristezas. Cada qual traz a sua magua occulta, o seu pezar recondito, como esses enfermos que buscam as piscinas milagrosas contando d'ellas sahir curados.

Leva-os a fé. Entram, banham-se, banham-se e, quando tornam das aguas, acham-se, ás vezes, peiores. Muitos até, que apenas soffriam de um rheumatismo, vêem, subitamente, o corpo abrir-se-lhes em pustulas por se haverem contaminado na companhia dos leprosos. Mas vá alguém dizer-lhes mal das aguas. Bradarão indignados contra o sacrilegio, affirmando que aproveitaram com os banhos milagrosos, que já se sentem outros, mais lépidos e ligeiros; que aquellas ulceras são derivadas do mal, expurgos por onde se lhes vai esvurmando o virus envenenador do sangue. Mas, lá no intimo... ahi delles...

O mesmo dizem os carnavalescos que, pelo prazer ephemero dos tres dias, augmentaram as dividas, empenharam as joias, deixaram de saldar as contas, achando-se, na quarta-feira, sem pão e com os trastes ás costas, sobre um monte de cinzas, como Job em Hus.

As cinzas ahi estão para quem as quizer vêr.

O homem vive de illuões e o carnaval é uma dellas, a maior, talvez. Não creias em alegria de mascarados. É a eterna historia do palhaço que ri engulindo lagrimas, historia velha como a vida e glosada por todos os poetas.

Sempre me pareceu que esses tumultuosos dias eram os mais tristes do anno. Quiz convencer-me, fantasiei-me de asno e sahi por essas ruas recolhendo o lixo da alegria e ahi o tens, reduzido a cinzas. Qual é o precipitado, que, em vão, os mais rebeldes á verdade, procuram esconder, mas que a analyse descobre ? arrependimento.

— Mas não encontraste um pouco de sincera alegria em tudo que apanhaste ?

— A principio, na chamma que se levantou das apanhaduras, pareceu-me vêr alegria, muita alegria, exactamente como no carnaval enquanto referve a estroinice ; depois, meu amigo, tudo ficou reduzido ao que vês — cinza...

— E esse cobre que encontraste... Dinheiro perdido, não ?

— Sim, dinheiro perdido... dinheiro de um cofre que... Mas isso é lá com a Policia. O que eu te digo, diante da precisão da analyse, é que os tres dias de carnaval são os mais tristes do anno... Isso são !

**6 de Março.**

## Deus . . .

---

Muitos dos admiradores de Bilac ignoram que o poeta viveu dias atormentados, de dores atrozes e terrivelmente agravadas pelo terror da cegueira.

Guimarães Passos, assíduo companheiro do evocador de Phryné, escrevendo-me para Campinas, onde, então, me achava descreveu, com penna trágica, o estado do amigo, dando-o por perdido: «d'olhos apagados, caminhando pela mão de um guia dentro de immensa e escura saudade da vida e da beleza.»

Conhecendo, como eu conhecia, o poeta que era um amador enlevado da natureza, ainda que nella achasse muita hostilidade aggressiva, não comprehendendo, por exemplo, que alguém se deleitasse em uma floresta virgem, com cipós e aguaçães, besouros, viboras e mosquitos e preferisse ao conforto e à polidez de uma cidade, como Paris, o campo com todos os encantos que nelle poz Virgílio, imagi-

nei o seu desespero ao achar-se privado da luz e do espectáculo, sempre variado, da vida que elle tanto amava e celebrava. Para informar-me com exactidão escrevi ao proprio poeta, que me respondeu em uma carta tranquillizadora :

•Rio, 12 de dezembro de 1901.

Mano querido, um abraço. Deus não me abandonou apesar dos meus muitos peccados, e, graças á sua bondade, tenho olhos ainda para vêr as mulheres bonitas que ha por aqui. Calcula o que poderá ser um mez de escuridão e de desespero, num quarto escuro, com esta ideia fixa no cerebro : «que será de mim se fico cego?...»

Ainda não estou bom : mas, numa doença como esta, as mais escassas melhoras valem uma resurreição. A tua carta, como todas as que me vêm de ti, foi um balsamo. Agradece por mim a M.<sup>me</sup> Netto o interesse generoso que lhe mereceu a minha infelicidade: Deus a abençõe. Vês como estou crente? é a segunda vez que escrevo nesta pagina o nome de Deus (agora é a terceira): o medo é o pai da Crença.»

Ponho em confronto o trecho da carta do grande lyrico com o de uma que, em 1903, me escreveu de Lorena Euclýdes da Cunha :

«... Então... eu não creio em Deus?! Quem te disse isto? Puzeste-me na ródá dos singulares infelizes que usam do atheismo como usam de gravatas : por *chic* e para se darem ares de sabios... Não. Rezo sem palavras, no meu grande pantheismo, na perpetua adoração das coisas; e na minha miserabilissima e falha sciencia sei, sei positivamente, QUE HA ALGUMA COISA QUE EU NÃO SEI...»

Ahi está neste bastardinho (e é a primeira vez, depois da aula primaria, que o escrevo) a minha profissão de fé. Ha de adivinhá-la o teu valente coração.

Se existir o teu céu, meu brilhante amigo—para lá irei direitinho, num vôo, num largo vôo rectilíneo desta alma aquilina e santa—com assombro de não sei quantos rezadores, cujas azinhas de bacurau servem para os voojos na penumbra do Purgatorio. E serás meu companheiro de jornada, porque é na nossa super-inervação, e é no nosso idealismo sem fadigas, e é na nossa perpetua ansia do bello que eu adivinho e sinto O QUE EU NÃO SEI . . . Singularissimo atheu! . . .»

A confissão de Euclýdes é bradada. A de Bilac, feita sem tanto assomo, nem por isso é menos sincera.

Eu, que com elle convivi longos annos, posso dar testemunho da sua religiosidade, da grande esperança, por vezes turbada pelo melo, que elle tinha em uma outra vida no Além, esse Além mysterioso ao qual elle sempre alludia com terror sagrado.

«Ah! meu amigo, disse-me certa vez, não é a morte que me preoccupa, é o resto: o depois. O *depois* é que é! Onde vai dar o tumulo? Será uma subida ou uma descida? Quem sabe lá! Eu sinto que isto continúa. O corpo é como um livro lido que volta à estante de onde sahiu. Mas as idéas que ficam entram na vida, espalham-se como o pollen subtil, que é o germen da fecundidade.

Que importa o livro? que o destrua a traça. Que importa o corpo? que o devore o verme. . . a alma é que é.

E que ella é eterna, meu amigo, sobre isso não tenho daviadas. Só uma força eterna pôde produzir eternidades e o pensamento ahi está como um producto da alma immortal. O diabo é a gente não saber para onde vai depois da morte. Andamos na vida com carta de *prégo*. . . Mas que temos um destino, um rumo a seguir no além, não ha duvida. . . E Deus existe!»

E esse Deus, que se manifesta nas duas cartas, como em dois altares, é o Deus de todos nós, os ar-

---

tistas. Aquelle que amamos e no qual confiamos, dirigindo-lhe as nossas preces, não rezadas, mas no culto incessante do nosso eulevo, e cada qual a seu modo, certos todos de que Elle as receberá na sua misericórdia, como a Virgem aceitou, agradada, as oblações daquelle simples que Anatole France trouxe de um fabulario medievo para o vitral formoso do seu *Jongleur de Notre Dame*.

13 de Março.

## A illusão

---

Nunca o visitara. Os nossos encontros eram no alfarrabista onde, entre cadeixos empoeirados, conversávamos horas e horas, folheando exemplares preciosos, commentando edições raras da bibliographia classica. Fui vê-lo nessa manhã a seu pedido :

« Venha. Vale a pena subir até a minha agua furtada para vêr o exemplar dos *Versos de ouro* que possúo ». Fui.

A casa em que elle morava, em uma rua lugubre, era um pardieiro de tres andares, com uma escadaria suja, encoscorada de lôdo, rangendo ao piso como um andaime mal escorado.

Crianças núas, morrinhentas, brincavam pelos degraus.

O primeiro andar pareceu-me uma prôa de navio cheia de immigrants : mulheres mal amanhadas, com os cabellos em desalinho ; homens em mangas



de camisa. Do fundo do enorme e lobrego corredor vinha um ruído estranho: bezão de vozes, estrépito de machinas de costura, martelladas. Alguem cantava em falsete. Um cão latia. Tresandava a dolor.

Outro lance de escada; ainda outro.

No palamar do terceiro andar, escuro e abafado, um homemzinho indicou-me o quarto de F.: «O ultimo, á esquerda». Bati. Disseram-me de dentro: «Empurre a porta». Entrei.

Era uma escuridão de cafúa scindida por um raio de sol que frechava duma aberta no forro.

— Aqui, disse F. Seguindo pela voz esbarrei na estreita cama de ferro em que elle jazia. Pouco a pouco, porém, fui divisando o que me cercava, distinguindo os objectos --- uma pequena mesa atopelada de livros, uma arca de couro, um cabide, um lavatorio de ferro.

Sentei-me em uma cadeira espipada, á cabeceira do enfermo e, tomando-lhe a mão gelada, interroguei-o:

— Então? Que é isto?

— Acabando, como vê. O avarento vai-se da vida e dos milhões.

-- Que avarento?

— Eu! Pois não sabe que passo por millionario? Olham-me com desprezo e, quando appareço na Aveida, commentam a minha sordicie com asco. Eu possuo milhões... Milhões!! Tudo que tenho está aqui. E, a proposito...

Soergueu-se no leito, arrepanhou os lençoes e tirou um volume, que me offereceu: *Os Versos de ouro*, de Pythagoras, traducção de Luiz Antonio de Azevedo. E é tudo que possuo... de ouro. É seu.

Accite como lembrança minha. Tenho tambem um exemplar da *Cabala*, de Francisco Manoel. Veja ahi debaixo da cama, em uma caixa. Eu sou um pouco bibliótopho : escondo as minhas preciosidades. Veja ahi.

Abaixei-me e tirei a mim uma caixa de papelão, que fôra de camisas. Estava cheia de papeluchos.

— Não, não é essa. Não ha abi outra ?

— Não.

— Então... não sei. Essa é um despejo de sonhos : está cheia de bilhetes brancos. É o meu thesouro. São os meus milhões.

— Jôga na loteria ?

— Jogava. Gastei tudo que tinha em papeis : livros e bilhetes de loteria. Tudo branco. Os livros distrahiam-me com a illusão, os bilhetes alimentavam-me a esperança. Vivi assim. Comprava os bilhetes como se comprasse senhas para espectaculos e, enquanto não andava a roda, não havia homem mais feliz do que eu. Sentado na minha cadeira, eu gozava a fortuna até que o sonho se desfazia com o annuncio do bilhete premiado. Comprava outro. Os bilhetes são como minutos : passado um, sempre se espera que a fortuna venha no immediato e as horas correm, correm os dias, fogem os annos e nada...

Atravessei a vida como um homem que fôsse por um labyrintho tenebroso riscando phosphoros. A claridade era ephemera, mas sempre alumiaava. E assim, passo a passo, caminhando sem rumo, vim vindo e hoje estou convencido de que não avancei uma pollegada — estou na mesma illusão que tinha aos vinte annos e esperando com o mesmo afinco com que, nesse tempo, esperava.

A loteria era o meu vicio. Uns bebem, outros abusam da morfina, da cocaina... São tantos os meios de manter a illusão, de fugir á realidade dolorosa... Eu... era isso. E aqui estou e com fama de millionario.

Quando me levarem daqui, os que virem passar o meu enterro, dirão indignados : -- « Ali vai um miseravel que deixou uma fortuna de mais de mil contos e viveu sempre como um mendigo. »

A minha fortuna, ei-la ahi : os meus sonhos. E quem os não deixa na vida ? Quem ? Os meus, aqui ficam em bilhetes brancos e em livros. E os outros ? Eufim... Não sei se, sem esses papeis, eu teria tido coragem para chegar até aqui com as minhas dores e com a minha penuria : foram elles que me mantiveram na vida. Ahi ficam...

Deitou-se cansado, fechou os olhos e ficou immovel. Apalpei-lhe a fronte : estava de gelo. Tomei-lhe o pulso — parado. Bateram á porta. Fui vêr. Era um menino que vinha offerecer bilhetes de loteria.

A Illusão. Despedi-o. Já ali não era necessaria. Fôsse bater adiante.

20 de Março.

## A mão

---

Com a sabia e symetrica medida da Policia ficaram os passeios com duas mãos.

Manetas, como eram outr'ora, e cheios de dedos pela atrapalhada balburdia, que nelles estabeleciam os que, caminhando em sentido contrario, no mesmo trilho, andavam sempre aos esbarros, com a orthopédia policial, que os corrigiu, tornaram-se perfectos, faccis e comodos para o transeunte, que vai na onda, sem perigo de encontrões e umbigadas vexatorias, como acontecia no tempo da manqueira.

Agora não ha que errar: é subir por uma mão e descer por outra, sempre com a direita do lado da parede. Tem-se assim um roteiro á mão.

No primeiro momento, como sempre acontece, a ordem atarantou e os agentes, que a dirigiam, não tiveram mãos a medir no acertarem a marcha dos caminhantes que, com a chamada para entrarem em fórma, mettiam os pés pelas mãos em contradan-

ças, que só findavam quando os civis, muito polidamente, lhes davam a mão, guiando-os, como a cegos, cada qual a seu rumo.

Pouco a pouco, porém, foi-se a multidão habituando e entrou no rego e a ordem da mão, pôde-se, com segurança, affirmar, é já um habito do povo, para gaudio dos pés, que estão livres das pisaduras.

Dizia-se, a principio, com incredulidade e ironia, que tal ordem, por absurda, nem á mão de Deus Padre iria lá das pernas e que a Policia podia limpar a mão á parede com ella, porque o povo livre, senhor do seu nariz, não se submetterá a andar pela mão deste ou daquelle, senão pelo seu proprio pé.

Tal não aconteceu e, o que mais é, sem revoltas : a lei ficou como uma luva e hoje a mão já não precisa de conductor, vai por si mesma, docilmente, abaixo e acima e, como manda o Evangelho — sem que a direita saiba o que faz a esquerda, porque vão separadas.

Houve quem se insurgisse, isso houve, protestando em termos energicos contra a arbitrariedade da Policia, que não tem o direito de metter a mão onde não é chamada. Mas o protesto, ainda que partido d'alto, não prevaleceu contra a mão e o homem autoritario e revél, por mais que bradasse, diante da inflexibilidade do mantenedor da ordem, abriu mão do prestigio e lá se foi seguindo a mão do rumo, ainda que resmungando.

Mão direita ! Mão esquerda !

Um canhoto vêr-se-á tonto para acertar com a direita e um mutilado muito mais. Mas a Policia para tal gente, considerada fóra da lei, arranjará mão *ad hoc* pondo-a na fila a olho : o canhoto, guiando-se pelo fronteiro ; o mutilado governando-se pelo

toco, porque, dirá elle com os botões da farda, quem não tem mão... caça com gato.

Tudo está em cumprir a lei, de accordo com o manual, seja assim ou assado. O que o chefe quer e manda é que se ande á mão, com ella torta ou direita e até sem ella, como andaria Mucio Scevola.

Certa dama, a quem um cavalheiro, vendo que ia errada, ciciou blandicioso : « Minha senhora, a sua mão... », arrufou-se, de sombrinha alçada, bradando apoplectica: « Que era casada e etc... »

Com o escandalo ajuntaram-se garotos, que logo romperam, do pé p'ra mão, aos gritos de « Bolina ! Lyncha ! »

O cavalheiro inculcador viu-se em talas e, escapando, jurou aos seus deuses nunca mais metter a mão em combuca, fôsse lá de quem fôsse.

Muita coisa tem sahido da mão da Policia desde que ella entrou em exercicio nos passeios e, entre ellas, numerosas metaphoras, tantas que um curioso, se as colligisse, faria um volume de mais porte do que o da *Feira dos annexins* de Francisco Manoel, na qual, entretanto, não só de mãos cuida o autor, como de todos os componentes do corpo e ainda das acções, dos sentidos, dos objectos, dos elementos e até de Deus.

Pois só com as mãos e sem sahir da Avenida, que hoje ha mãos em quasi todas as ruas centraes, eu encheria mãos e mãos de papel e, ainda assim, nelas não caberia tudo que se tem dito e que por ahí anda de mão em mão entre pilherias e disparates, como o desta *quinta*, que praza a Deus seja ultima demão no caso. Amen.

**27 de Março.**

## Gilliat e o polvo

---

Nos dias actuaes, pela violencia com que se lançam do Tempo, só poderá triumphar quem tiver coragem e resistencia para manter-se de pé no turbilhão, como esses pinheiros alpinos, que supportam firmes, inabalaveis nas raizes, o choque das avalanches despenhadas dos cimos. As horas de hoje condensam dias, mezes, annos, seculos: são gottas que valem oceanos, sementes que encerram searas.

O mundo vertiginoso afigura-se-nos um imperio fantastico, povoado de genios como os que, nos maravilhosos contos arabes, realisam prodigios instantaneos. Dir-se-á que tudo é feito por prestigio de talismans com os quaes certos predestinados trazem da fronteira do Mystério para a realidade, como Josué e Caleb trouxeram para Israel os frutos de Chanaan, o que, até então, era considerado arcano inattingivel.

A ambição ideal do espaço, essa emancipação do

adamita, escravo da gleba, nunca esmoreceu no espirito do homem, mantida pela Esperança. E ei-lo mais levantado do que a aguia altivola, senhor do Ether, rivalisando com a nuvem e com os astros. Ei-lo navegando na profundeza do abysmo, como Jonas. O pensamento, já elle o transmite á distancia com a centelha, mais rápida do que Hermes. Eternisa a palavra ephemera em um sarcophago harmonioso, conservando esse vestigio d'alma como o egyptcio mumificava o corpo.

O homem actual, epigono do atlante, parece descer do Caucaso com o fogo divino, não um só homem, uma legião de illuminadores, cada qual assignalado a um destino. É a irradiação de Prometheu manifestando-se em heróes.

Delles tivemos alguns e ainda, afortunadamente, os possuímos.

Ahi estão os voadores enxameando o espaço com as remigias que lhes deu o heróe da ascensão que se levantou, em surto olympico, desta terra grandiosa.

Tivemos Passos, o constructor ousado que nos deu a cidade tirando-a da alfurja colonial, como se tira uma flôr do esterquilinio. Tivemos o heróe-poeta glorificando a Patria e concitando a mocidade ao culto da bandeira.

Na floresta, nos campos, atravez de montanhas asperas e de rios caudalosos, entre tábas e fôjos de belluinos, tolhido de febre, sedento e com fome, lá vai chantando marcos, fineando postes, devassando sertões, animando desertos, criando póvoas em maninhos, transformando charnecas em lavouras, chamando irmãos aos selvicolas, guiando-os com o ro-teiro do alphabeto para a civilisação, mostrando-lhes



o céu com a cruz e a Pátria com a bandeira, esse homem-audácia, esse homem-abnegação, o heroe precursor que se chama Rondon.

.Aqui — e aqui é, talvez, mais difficil a victoria do predestinado porque, peor do que todas as hostilidades da natureza bravia, com a aggressão das brenhas, com os assaltos das feras, com os miasmas deleterios, com as insidias do selvagem, com o veneno dos repteis, com a sêde, com a fome, com o sol, com as tempestades, com os insectos venenosos, com todos os flagellos, emfim, desses impervios, agora penetrados e alumiados, ha a politica e ha a rotina.

Pois, assim mesmo, opera e vence o homem-força, cuja acção surprende e desorienta a turba na pasmaceira e que a habituou a politicalha lerda.

O seu nome é bem o de um dianteiro: Frontin.

Ei-lo ahí e toda a cidade o sente.

Desde o dia em que o vi surgir da alta, emmaranhada espessura, rompendo veredas á frente de um exercito de operarios, precedendo o caudal que, em seis trabalhosos dias, amojára dos peitos da serra para abeberar a cidade sedenta, sempre, dahi por diante, o encontrei em acção, conduzindo, com enthusiasmo nunca arrefecido, o trabalho, como um agitador da vida e um creador de belleza. Não é um pregoeiro de promessas, mas um realisador.

Entrando na Prefeitura logo se illuminou o cahos e, instantaneamente, toda a cidade, desde o centro até aos mais remotos rincões, sentiu o influxo do administrador activo que se não apêga ao expediente burocratico, ás prolelatorias razões de penna e tinta, mas vai, como fez o dono da seara em que se

aninhavam as cotovias e olha, e vê, e examina, logo corrigindo o erro, attendendo á necessidade, reparando a injustiça, contendo o desmando, suggerindo o concerto, applicando a reforma. E, depois de assistir ao ponto dos operarios ajustados numa construcção, entra na escola, inspecciona-a e, ao deixá-la, não mede distancia nem sacrificios se fôr necessario attender ao appello de um nucleo de habitação, ainda que nelle não haja um só eleitor.

E enquanto caminha, sonha e vê, não só o que os olhos alcançam como ainda o que se lhe projecta no pensamento: «Que seria a cidade sem essa feia montanha que a averruga, o Castello?»

E já cogita em extirpar a excrescencia lançando-lhe a terra gibosa em lisa planicie, desde a ponta do Arsenal até a extrema do Caju, dilatando e sancando o litoral, cruzando-o de avenidas sumptuosas, alindando-o em jardins e praças por onde a vida circule alegremente e activa.

Esse é o homem do tempo, o heróe-cyclico, que a nossa éra reclama.

Os balordos sorriem madraçamente quando se annuncia algum novo melhoramento iniciado pelo Constructor, mas, no dia seguinte, pasmam ao saberem que as obras de tal avenida, aberta apenas para exploração de uns tantos e deixada em escombros, como as minas depois que se lhes perde o filão, proseguem; que em um burgo desprezado e escuro entraram obreiros e fez-se a luz; que areaes vicejam em jardins e que, em todos os cantos da cidade, se sente a iniciativa do heróe...

Tal homem não convem aos que vivem atascados na politicalha... e receio que o polvo não dis-

---

tenda os seus tentaculos para enlaçar o heróe, o homem forte que realisa o prodigio de trabalhar no fervedouro da politica em que turbilhonamos. Quem vencerá ? Gilliat ou o polvo ? Esperemos.

10 de Abril.

## O beijo

---

Entre as varias definições do beijo, improvisadas por Cyrano sob o balcão de Roxana, ha esta :

«Un instant d'infini qui fait un bruit d'abeille».

O poeta referia-se ao beijo amoroso, áquelle que sobe do coração aos labios, como do fundo dos lagos afflue á tona, tremula, uma gotta de ar, dissolvendo-se em halito na atmosphera.

Mas o beijo que hoje se commemora tristemente e que foi dado na sombra do horto de Gethsemani, entre as arvores que, até aquella noite lugubre, symbolisavam a paz e que, desde o perfido instante, para o sempre ficaram, nos Evangelhos e na vida, como cúmplices da felonía, esse nem o ruído subtil do vôo de uma abelha fez : foi silencioso, pousando na face de Jesus e ferreteando-a, para assigná-la ao carasco, como a sombra baixa estende-se num campo.

Esse beijo, entre os beijos, é como a sizania no trigal.

O traidor podia ter denunciado o Mestre sem envilecer a expressão mais eloquente, o gesto mais meigo do amor, aquelle que é feito com as azas da palavra, com as duas petalas do riso, essa flôr da alegria.

Não ! Quiz, a um tempo, condemnar o Inocente e macular a ternura, conspurcando a hostia em que se encarnam duas almas, trocando-se em caminho.

Era preciso infamar e, como o beijo é uma semente e a semente realisa o milagre da multiplicação, Judas polluiu-o.

O Mal precisava daquelle filtro do amor para as suas tranquiernas e obteve-o do discipulo infame pelo preço mesquinho de trinta dinheiros.

E o beijo de Judas germinou profusamente, matando, com o seu viço maligno, como a parasita suffoca a planta bemfazeja, o beijo puro e espiritual das almas, redouça invisivel, armada entre duas bocas, em que se balança Psyché.

Depois da noite tragica de Gethsemani, o beijo, que era uma consagração, tornou-se temido como a taça de Lucrecia, e, ainda no mais árdego desejo, a boca que se inclina, avida, sobre dois labios palpitantes, por vezes refoge, receiosa de deixar a vida nesse extase de «um instante de infinito».

E foi desse beijo, prolifero como a peste, que nasceram os que por ahí sussurram em enxames venenosos : beijos de interesse, beijos de ambição, beijos de perjurio, beijos que se trocam por moedas e que sôam na boca como peças de ouro em cofre ; beijos que se tornam cada vez mais frequentes e numerosos, por-

que são juroz daquelles dinheiros da bolsa do miseravel de Kerioth, dinheiros do Sanhedrin, que não cessam de correr, eternos na circulação como os passos de Ahasverus na vida, tinindo sempre no mercado da mentira e na feira da vaidade.

É com o producto de taes beijos que muitos pompeiam fausto, muitos alardeiam glorias, bazofiam de importantes, sobem a postos eminentes, dominam, impam, estadeiam grandeza.

Sacudam-lhes, porém, a tunica, e logo apparecerá a bolsa pela qual trocaram a honra, a virtude, o brio, trahiram a amizade, venderam a consciência.

O verdadeiro beijo, esse, ao que parece, refugiou-se no fundo de um oceano de ternura, entre dois labios cerrados para a maldade, como as valvas de uma concha, e só apparece, em perola, na caricia das mãis.

— Nesse — afortunadamente para a vida — não chegou o azinhavre das moedas de Judas.

No andar em que vamos, o beijo de Judas será, dentro em pouco, o verdadeiro e unico beijo humano... E então o dia de hoje, em vez de ser de luto pela traição de Judas, será de apotheose... pela victoria do cynismo.

**17 de Abril.**

## O campeonato

---

Não é pelo superficial das frondes que se ligam as arvores. Por mais unidas que pareçam no aconchego das copas, no entresachado dos ramos tudo, em taes adhesões, é ephemero pela volubilidade que lhes imprime o vento.

Para que se abram raras nas ramadas basta que a brisa perpasse, branda, e, se assópra ventania, as franças convulsionam-se, conflagram-se e, debatendo-se violentamente, emmaranhando-se galho a galho, estrincam-se, garroteam-se e lá se vão nos arrepellos folhas, flores e frutos.

A assim a aproximação, que figurava concordia, torna-se tão perigosa como a visinhança de fogo e pólvora e onde, na vespera, contava-se um alliado, desmascara-se um adversario. Tal não acontece quando a alliança das arvores é feita na profundeza, entre as raizes. Essa não é a attingida pelos temporaes, nem consiste em acenos de carinho de folha a folha, mas em

apegos de resistencias inflexiveis que o tempo robustece e das quaes resultam reciprocidades de auxilio, trocas de energias, amparo mutuo, solidariedade de vida, emfim.

O que se dá entre as arvores da floresta reproduz-se entre os homens.

Os governos podem realizar aproximações diplomaticas, firmando tratados, que não são mais que alianças de folhas, que uma leve desintelligencia logo aparta, abrindo claros por onde entre a intriga; e, se se levanta a discordia, soprada pelo interesse, os povos, que pareciam viver em cordial harmonia, travam-se em luta destruindo-se em rebates violentos de temporaes de sangue.

Liguem-se, porém, pelos sentimentos que prendem arreigadamente e não haverá dissidio que os separe, sizania que os inimize.

Esses pactos eternos só os faz o povo, o grande anonymo, força subterranea que é tudo na vida das nacionalidades. E como os faz? pelo amor, que une dois corações num só destino; pelo canto dos poetas, que vóa, como o pollen das flores, transmittindo-se ás almas e nellas gerando as sympathias affins; pelos sacrificios soffridos pela mesma Fé; pelos trabalhos realizados em commum; pelas vigalias prolongadas á luz do mesmo ideal; pelo culto prestado diante do mesmo Deus; pelas tristezas amarguradas no mesmo desconforto ou pelo enthusiasmo vibrado pelo mesmo triumpho.

Á sombra dos tratados e das convenções internacionaes pavoneam-se os diplomatas, os politicos basofiam importancia, apregoam-se negocios, bailam petimetres encalamistrados, revezam-se os abani-



cos e as agudezas, como nos jardins florentinos nos dias de ouro do renascimento.

O povo, sempre ao sol, no labor, relegado á distancia pelo cordão do protocollo, não participa de taes delicias por lhe não consentirem entrada no diversorio da côrte e, como é sempre a victima dos conchavos, desconfia dos conventiculos, ouve, com odio, o pregão dos mercadores e resmunga contra as festas de etiqueta, nas quaes vê correr o seu suor, senão o proprio sangue, como em eucharistia sympoptica, transubstanciado em champagne. E a alliança apparente, com os discursos de confraternisação e os hymnos patrioticos, vale tanto com o roçar ligeiro das folhas produzindo o sussurro. Allianças fazem-se com a intimidade e essa que, afortunadamente, já se vai estabelecendo entre as nações sul americanas, muito deve, força é dizê-lo, ao esporte.

Quem assistiu aos dois grandiosos certamens realizados no estadio do Fluminense, com a collina ao fundo, em acropole, e mais de trinta mil pessoas emoldurando, em circulo de enthusiasmo, os torneos, comprehendeu as vantagens que resultam para as nações de taes festas agonisticas, que recordam, pela belleza energica, as olympiadas hellenicis.

Fortalecendo o mancebo, adestrando-o, estimulando-o na arena, ao ar livre e na piscina, na arneturia, taes exercicios attrahem ao premio de uma victoria pacifica os homens do continente, chamando-os desde a visinhança dos polos e d'além Andes.

Acudindo ao reclamo, deixam os seus lares sorrindo e, com um ramo de oliveira em punho, ei-los em marcha, ao som de hymnos, para o combate harmonioso, cujo premio, em memoria de Dyonisio Eleu-

therio, é uma taça, ampla e de prata, como o cantaro divino. Mais difficil, porém, é a sua conquista do que a do vellocino de Colchos, porque, se o carneiro aurífero como tinha, para guardá-lo, um dragão, a copa America parece encerrada em recinto de tres muralhas altas, porque são necessárias tres victorias seguidas para que o pleiteador a alcance.

Esses argonautas trazem, nas suas turmas, como os gregos levavam nas suas expedições logographos, quem resume as impressões da visita, grave os seus mais interessantes episodios, descreva a terra e os homens e, á volta, recordando os dias heroicos que passaram na acolhida, narrem o que viram com a saudade do que mais gozaram.

E assim, a pouco e pouco, ir-se-ão estreitando os laços de amizade, travando-se a indissolúvel aliança, não superficialmente, pelo contacto das folhas, mas pelo convívio das proprias raízes, pela união dos homens entre si. Esses sim, são os embaixadores do povo, que trazem o entusiasmo, essa centelha que se transmite de alma a alma, fazendo-as vibrar alegres, explodir em aclamações, como as que atroaram a grande arena, saudando os povos sul americanos confraternisados, nas duas tardes memoráveis dos primeiros jogos do campeonato.

15 de Maio.

## Ás pressas

---

A hora em que, de afogadilho, urgido pelo tempo, escrevo esta ephméride (9 da manhã) já a minha querida rua do Roço, ordinariamente tão socegada, só resoando, para meu encanto, risos de crianças e chilreos de passarinhos, borborinha, referve, tumultúa atupida de gente, marulha o vozeiro de um como assustado povo, estronda com o buzinar de numerosos automoveis, atrôa a estropeada dos cavallarianos que a políciã, bezôa com o pregão de um mundo de feirantes que se installam ao longo dos passeios, á sombra das arvores, com tableiros, cestas, latas e catim-poras.

Os que chegam aforçurados, aos grupos que se atropellam, parecem vir fugidos de uma catastrophe da qual, na pressa, puderam apenas salvar reliquias que trazem em embrulhos ou em cestinhos.

Avançam aos tropellões, ás corridinhas, animando-se uns aos outros: anciãos e matronas, graves

pais de familias, rapazes, senhoritas, algumas ageis como Atalanta que, para animarem os retardados parentes, deitam a correr, rindo, com as fitas e as plumas dos chapéus esvoaçando ao vento.

E o açoitamento torna-se mais ancioso, ouve-se o offegar cansado. Alguns param, boquiabertos, limpando o suor, mas logo os companheiros bradam-lhes incitando-os com a ameaça de que não acharão lugar e lá os levam aos empurrões.

Effectivamente o povareu que chega todo se represa á esquina da minha rua e das outra continuam a affluir densas massas.

O desfiladeiro da rua Farani lembra o das Thermopylas quando por elle avançaram os persas. A rua Paysandú é como um rio humano, correndo encachoeiramente por entre as airosas palmeiras. A rua Guanabara formiga e pela rua do Ypiranga é tal a invasão que as crianças correm espavoridas nos jardins das casas, refugiando-se nos braços das amas e os grandes cães de guarda arrancam furiosamente nas correntes, ladrando raivosos.

Lembro-me dos dias tristes e attonitos que passaram por nós quando, sob a ameaça das forças revoltadas, toda a cidade abalava em fuga para as montanhas.

Felizmente o que hoje assim alvoróça a minha quieta rua, tão pacata de costume, a esta hora matinal, não é um éxodo de panico, uma abalada de terror, mas um movimento alegre de enthusiasmo provocado pelo grande encontro de atletas, cujo resultado, (que Deus seja pelos nossos, Elle que é brasileiro, como affirmam os optimistas) á hora em que circular *A Noite*, será conhecido em toda a America do Sul.

O estadio, com as suas muralhas festivamente embandeiradas, parece uma praça forte assediada por um exercito.

Ha gente em todas as suas portas espremendo-se com risco de asphyxia. Aqui, ali, rompem protestos indignados contra o arrocho.

É uma senhora que pede mais respeito a um cavalheiro que, involuntariamente, porque tambem o empurraram, fez com que o seu complicado chapéu tombasse á bolina.

É um ancião, de melenas brancas, typo de Nestor, que vocifera enfurecido, brandindo o guarda-chuva diante dos olhos espantados de um rapazelho.

— Eu podia ser seu avô, sabe o senhor? Seu avô. Tenho netos mais velhos do que o senhor. Falta de educação... No meu tempo os rapazes da sua idade davam caminho aos velhos, descobriam-se diante d'elles.

Ao que responde o rapazelho :

— É possível. Mas no seu tempo não havia *football*...

É adiante outro bateboca entre uma senhorita e um elegante.

— Ah! isto não são modos. E o senhor ainda se queixa. Quem lhe mandou empurrar? O senhor está com o casaco manchado de gordura e eu perdi o almoço... É! O senhor só fala do seu casaco e não vê as empadas, as sandwichts, os camarões que ahi estão espalhados. E agora? Que havemos de comer lá dentro, eu e mamãe?

Outro, que conseguiu safar do aperto uma gallinha assada, perdendo apenas o papel que a embrulhava, leva-a espetada na bengala. E são gritos, fani-

quitos, cotovelladas, vozes: « Não belisque ! Não empurre ! Não seja confiado ! Moço, eu digo a papai. Tire a mão d'ahi, seu malcriado ! »

E toda essa gente comprimida brada pelos porteiros, reclama a presença dos directores, pede a intervenção da policia. E a collina, ao fundo, começa a encher-se :ervas eervas subindo encarreiradamente, espalhando-se pela herva, tomando os pontos mais altos. Aparecem vultos nos telhados das casas, rapazes tentam marinhar pelos caules das palmeiras...

Apinha-se condensadamente a rua, suspende-se o transito dos automoveis. São 9  $\frac{1}{2}$ , o jogo deve começar ás duas. Não ha remedio. Ponho aqui o ponto final porque, se me demoro mais um segundo, fico a vêr navios e o que eu desejo vêr não é propriamente uma revista naval, mas a decisão do campeonato.

29 de Maio.

## Pro matre

---

De longe eu via apenas o céu coberto de luto.

Uma nuvem negra avançava direita ao sol e velou-o. Anoteceu em pleno dia.

Ao chegar á cidade tive explicação do phenomeno e comprehendí a caligem que toldava o azul vestindo funcbaramente as horas radiosas, tal como Orestes, entrando em Argos, encontrou as coephoras vestidas.

Um incendio lavrava consumindo riquezas e destruindo um thesouro de amor, um ninho pobre onde a Caridade installara a sua séde, modesta como a da Virgem na gruta de Bethleem.

A *Pro Matre* ardia e aquelle negror, que tisonava a altura, como um velario de crepe, era o remorso do fogo, destruidor do Bem.

Quem viu surgir aquelle paradeiro maternal que, durante o periodo da peste, que assolou a cidade, foi um dos refugios da pobreza; quem sabia a historia

daquelle agasalho, onde as mãis entravam doloridas e de onde saíam sorrindo, com a alma num relicario meigo, que era o filho, que ali lhes nascera; quem visitou aquelle diversorio, cujos leitos eram como canteiros, sempre florecendo em vidas, comprehendeu a tristeza do céu figurada naquella immensa nuvem, que o entenebrecia.

O lar piedoso, levantado abnegadamente pela vontade energica da Senhora Guerra Duval, ficou na terra reduzido a cinzas e subiu aos céus em bulcão, mas assim como não se perdeu nas chammas uma só vida, tambem não conseguiu o fogo destruir o que já era uma devoção da cidade.

A instituição sabe do incendio como Demeter queria que saísse da pyra o seu pupillo Demophonte: temperado para a immortalidade.

Para levantá-la, a sua benemerita fundadora andou a pedir a todas as bondades.

Obulo a obulo, conseguiu realisar o seu sonho apostolico, e, desde que teve um leito, nelle acolheu a primeira soffredora e, horas depois, vagia-lhe nos braços o precursor da progenie que dali tem sahido.

Agora, para restaurar a obra destruida, não serão necessarios reclamos — os soccorros irão de toda a parte e, para que se reconstrúa, com mais solidez e conforto, o que era uma installação provisoria, bastará que cada um dos que, com a alma commovida, viram no espaço aquella nuvem triste, concorra com uma migalha e, seixo a seixo, levantar-se-ão paredes, grão a grão transbordará um celleiro e do cineral que ficou subirá para os pobresinhos o nascedouro misericordioso.



Os antigos deram-nos exemplos do mais devotado culto pelos mortos e o procedimento de Antigone, desafiando as rancorosas leis thebanas, para enterrar o corpo do seu irmão Polynice, é um dos episodios mais bellos e mais commovedores da tragedia classica.

Se a morte era assim venerada, que o deixar um cadaver insepulto importava em offensa aos deuses, maior injuria ao Creador será abandonar ao desamparo a vida e sem soccorro as mãis que realisam a palavra prolifica de Deus no Paraiso.

Ponhamos em contraste com a valla esse abrigo da natalidade — que elle seja o berço commum dos desamparados.

Para os que deviam nascer, ainda abotoados no seio materno quando foram expulsos do lar pelo incendio, abriu-se uma porta larga, e foi a da casa da Velhice.

Assim ligaram-se as duas extremidades da vida — o fogo soldou o anel ou circulo com que os antigos figuravam a Eternidade. Confundiram-se os dois crepusculos e, como por milagre, o occaso recamou-se das côres da madrugada e o exilio nocturno do trasmonto resplandeceu fulgores de oriente.

E mal chegaram á casa das recordações as miseras mulheres salvas das chammas, quiz Deus que os velinhos tivessem o premio da sua bondade e aquellas salas taciturnas, cheias de saudades, repercutiram alegremente um cantico genethiaco e foi como se, dentro da noite, se ouvisse uma colovia.

E os velinhos viram e gozaram uma madrugada humana.

Imaginaí, se puderdes, leitor amigo, que, certa-

mente, já tendes a bolsa á mão para o soccorro que de todos, confiante, espera a proctetora dos humildes, imaginai, se puderdes, um circulo de rochedos de neve e, velada por elles, uma centelha a luzir, a reflectir-se scintillantemente em todos e tereis a imagem do deslumbramento que houve no Asylo da velhice, quando abriu os olhos, cheios ainda de infinito, aquelle que foi baptisado com o nome do mais meigo dos missionarios, o mais poeta dos evangelisadores, o *poverello* Francisco de Assis.

E foi graças ao incendio que se aqueceram com aquella madrugada os regelados, tremulos velhinhos.

Assim Deus, na sua infinita sabedoria, converte as peiores malignidades do Demonio em benções e misericordias.

12 de Junho.

## Bardito

---

.....

«Maldizes-me, homem ingrato, porque me levantei do fogo, flammejando incendios, a galope no meu corcel sem freio, mais árdego do que os da quadriga do sol, nascido, como Pegaso, do sangue de uma górgona. Odeias-me porque arrasei imperios, não deixando pedra sobre pedra; porque revolvi as profundezas dos oceanos; porque perturbei violentamente a serenidade do Ether e fiz correr copiosamente grossos caudaes de sangue. Os dias surgem das auroras vermelhas e as madrugadas humanas são sempre sanguinolentas.

Tu mesmo, que me injurias, como consegues da terra o pão que comes, o linho que vestes, o carvão, que é o teu escravo negro, que te alumia e aquece e move as tuas machinas e ainda esse sol da terra, o ouro, fogo central crystallizado, senão rasgando a mesma terra com o arado para semeá-la,

deventrando-a para della extrahires os minerios da actividade e da riqueza?

Que é a paz, que tanto preconizas? é o vageiro, o maninho, o areal, a marnóta — inercia.

Compára um campo lavradio com uma charnéca. No primeiro, tudo se agita: luzem foices, lriham enxadas, trilham carros, accumulam-se as mêdas, rangem azenhas e a água que passa, espumando, estronda, borbulha acachoadada, carreando residuos. Na charnéca é o silencio, é a urze mirrando ao sol, é a arêa núa, é o cardo esteril e, se ha agua, é de tremedal adormido.

Compára a mina com a caverna.

Na primeira é o tumulto, são levas humanas que vão e vêm. Tinem os almocáfres na rocha, detonam as explosões profundas. De quando em quando rue uma galeria sepultando turmas de mineiros, rebenta um jorro d'agua afogando trabalhadores, deslocam-se penhas, esbarrondam-se muralhas.

Ninguem clama, entretanto, contra taes excidios, acham-nos todos naturaes: são accidentes do trabalho, que nobilita o homem.

A paz está para mim como uma velhinha fiandeira, dessas que ainda se assentam á roca, com a estriga, está para uma fiação mechanica. Emquanto a primeira enovela uma meada, a segunda empilha fardos de panno para vestir um povo.

Que conseguiu a paz em um seculo de quietude, á sombra? nada. E eu? Em quatro annos de movimento energico agitei o mundo, despertei o Pensamento, que dormia, sacudi forças entorpecidas, chamei a mim a Sciencia, estimulei a Industria, puz toda a gente em acção. Arrastei a propria Mulher

da penumbra em que jazia e pu-la na officina, dando-lhe autonomia.

As nuvens ainda densas e o pó espesso não consentem que os olhos vejam o que nelles vem vindo. Presta attenção ao rumor que se aproxima, como o de uma tempestade prestes a deflagrar: o alvoroço dos párias que se adiantam em massa, investindo para a sonhada conquista, como avançaram os rusticos de Jacques Bonhomme destruindo, por onde passavam, solares e fortalezas.

Olha e vê! Essa ave que, em horas, atravessou o oceano, levando entre as azas dois emissarios do Novo ao Velho Mundo, de onde sahiu? do fogo, como a Phenix. Que ovo a desempolhou? o obuz.

Esse esqualo que barbataneja no fundo dos mares, de que madrigueira sahiu? dos estaleiros militares.

E essa formidavel legião que se insurge em nome dos direitos humanos, prégando um evangelho novo, protestando contra a desigualdade que põe a Fome de joelhos diante do Capital; que inteiriça de frio o velho operario entre as columnas de marmore do palacio do banqueiro; que prostitue a filha do artifice ao libertino herdeiro do proprietario, quem a arrastou para a luz? quem a chamou á Vida? quem a incitou á revolta? quem lhe alumiou o caminho? Eu!

Para que ella passasse era necessario derrubar baluartes—e o que eu fiz pelo mundo fez, pela França, o povo em 89.

A Bastilha, contra a qual arremetti, estava, para a outra, como um rochedo para um grão de arêa. Não julgues a minha obra pelo que vês: as ruinas

são como as cascas do ovo de onde sahiu a grande ave que ainda não está emplumada. Deixa-a crescer, criar forças, lançar as rémiges, levantar o vôo e verás que o mal que me attribues, homem ingrato, foi o martyrio necessario, prenuncio de todas as creações.

Espera que se dissipe, de todo, o fumo e, quando se fizer claro, homem que me maldizes, verás que fiz por ti, por teu destino, em quatro annos, o que não fizeram centenas de seculos morosos da decantada inercia, a que chamas Paz.

A vida não é um canto melancolico á beira do fogo, é um hymno heroico, ao sol! »

.....

Quem será o autor deste bardito satanico? algum louco, sem duvida.

19 de Junho.

## Jacques D'Avray

---

Imaginai um homem que, possuindo de seu imensos latifundios de terras virgens, parte em veigas, parte em mattas, estendidas esplanadamente em chans relvosas ou levantadas em relevos de montanhas, todas de amanho facil, rega correntia, favorecidas de clima temperado, preferisse carrear de territorio longinquo para uma estufa alfobre exotico, trabalhá-lo intensivamente para nelle lançar a sua sementeira, vê-la florir, frutificar em seio estranho, colhendo-lhe as dadivas para com ellas maravilhar os hospedes da sua convivencia. Pois esse cultivador excentrico existe, vive comnosco e chama-se, na sua lavoura original, Jacques d'Avray.

Brasileiro, e dos que mais amam a sua patria, conhecendo-lhe profundamente o idioma, em que é versado, como philologo, prefere semear as suas ideas em terra alheia e é assim que só em francês escreve e o que em tal idioma tem esparzido de

pensamento já lhe teria grangeado fama universal se a sua colheita não fôsse estrictamente limitada e distribuida apenas entre os poucos eleitos do seu espirito magnifico, tão reservado e retrahido com o vulgo.

Não ha livreiro que conheça tal autor, cuja obra não tem preço, trazendo, cada exemplar dos poemas que a constituem, o numero correspondente ao seu privilegiado destinatario.

É assim que a Poesia desse homem singular tem algo de hermetica, soando apenas entre iniciados como, primitivamente, acontecia com os versos de Pythagoras.

Jacques d'Avray não é um poeta verbal, rebuscando a rima pela sonoridade ephemera, mas um modelador do pensamento em symbolos.

A palavra é para elle o que a lampada é para a luz.

Sendo assim, perguntareis: Porque, então, essa preocupação da lingua? Respondo:

Se entrardes na officina de um esculptor, vereis, de certo, entre esboços e peças acabadas a um canto, um monte de barro vermelho, como amassado em sangue. É plasma de origem edenica, substancia da natureza da terra adamita, com que Deus, no Paraiso, apollegou o primeiro homem.

Tal terra, em que se semeam os pensamentos dos artistas, vem do sólo romano e nella é que se amoldam todas as figuras que, mais tarde, com auxilio do fogo, se afeiçoam no bronze, para a immortalidade.

É porque não se hade modelar em qualquer terra privilegiando-se, para a plastica, unicamente a



da cidade eterna? Porque é terra docil, sem gran, que obedece á mão do artista e á sua espátula, conservando os mais leves traços que ellas lhe imprimem, guardando-os fixamente, em fôrma, para a moldagem definitiva.

Outra terra qualquer, aspera, friavel, fende-se resequida, arruga-se, estria-se desfigurando a imagem nella realisada.

E, ainda mais.

Perguntai porque o helleno só talhava os seus deuses e heroes no marmore penthelico e os mestres do Renascimento na Italia não punham o escopro senão em pedra de Carrara?

Ha idiomas plasticos como a terra de Roma ou limpidos como os marmores immaculados.

O nosso portuguez é granitico, é de pedra robusta, propria para a architectura. Com elle levantaram os fortes constructores do passado moles imponentes e formidaveis, e assim como nos legou Camões, com os blocos das suas estancias imperciveis, essa alcaçova onde resôa toda a epopéa lusa, assim mestre Domingues levantou a abobada prodigiosa da Batalha, sentando-se tranquillamente debaixo da immensa cupula, para immortalisar-se sob a sua curva ousada, como em um zodiaco, ou para succumbir e desaparecer com ella, nos escombros.

As eras passam e a obra vernacula resiste no granito dos seus verbos, como permanecem de pé os monumentos saxeos dos periodos mais longevos e gloriosos de Portugal.

Essas fabricas solemnes maravilham, e quem nellas entra e percorre-as tem a impressão de visitar monumentos construidos por cyclopes. Mas o

granito não se presta á estatuaria como não se amolda a terra granisa á fôrma da esculptura.

Para encarnar a belleza de Venus, a graça viril de Apollo, o andar levipede de Artemis, o vôo de Hermes, a majestade de Zeus; para perpetuar, emfim, uma dessas figuras que eternisam na terra o Olympo, só a pedra em que trabalharam Praxiteles na Grecia, e na Italia o titanico Miguel Angelo.

O francês é uma lingua literaria, lingua marmorea, propria para requintes de arte, e tal é, talvez, o motivo de nella não apparecer a epopéa, que pede alicerces fundos, e a robustez, que só o granito dá.

Tambem não serve o ouro para armas, e, se nellas entra, como entra o marmore nos ornatos architectonicos, é em tauxias. Armas querem-se de bom aço e este é o metal que emparelha com o granito, como se casa o ouro com o penthelico ou o carrara ou ainda com o marfim, como no capricho chryselephantino de Phidias na celebrada estatua de Minerva.

Jacques d'Avray semêa na terra propria para a cultura esthetica, e, quando modela, é em marmore nitido.

Artista de concepção larga e extensa, não se preocupa com a expressão externa senão com a impressão, que é a grandeza que se dilata amplamente n'alma. Não agrupa, crêa symbolos isolados e os seus seres, se não lembram individuos, porque o espirito não tem feição material, suggerem idéas, como a luz aclara.

Elle é o Poeta que vê na sombra e mostra no Além.

Os genios são como os pharóes, que não illuminam o rochedo em que assentam, mas projectam o clarão á distancia.

Tiresias, cego, adivinhava, o que é mais do que vêr, porque é avistar no Porvir. Os que possuem tal dom de devassar arcanos são os videntes, os vates, os verdadeiros annunciadores, os Poetas.

De tal grey divina é o artista superior de *Ophis*, do *Miracle de la semence*, de *L'Élu* e dessa obra prima *L'étincelle*, que é como um evangelho de dôr e de gloria, da verdadeira Dôr, que é sempre precursora de Vida, um clarão de genio projectado sobre o Futuro dos tempos, que resplandecerá, na proxima semana, no palco do Municipal, aureolando triumphalmente um dos maiores poetas contemporaneos.

26 de Junho.

# Rondon

---

Ó Paulos do sertão ! Que dia e que batalha !  
Venceste-la ; e podeis  
Entre as dobras dormir da secular mortalha !  
Vivereis, vivereis !

MACHADO DE ASSIS.

Depois dos marinheiros, os sertanistas. Depois de Frontin, Rondon.

A Cidade cobriu-se de galas para receber os escumadores do mar e agora agita-se, em alvoroço alegre, correndo ás portas juncadas de folhas verdes, para acolher aos que regressam do deserto.

Dos oceanos, por onde andaram errantes, trouxeram os primeiros a Honra emmoldurada em gloria. Que trarão os segundos desses maninhos que, penosamente, atravessaram em luta incessante com a Natureza mysteriosa e hostil ?

Elles ao-lo dirão, em breve, abrindo, ante os nossos olhos maravilhados, a carta das conquistas que fizeram, nella mostrando as trilhas que abriram, os marcos que chantaram, os aduares em que se estabelecera, transformando ocaras barbaras em povoados sociaveis, descobrindo novos campos fertilissimos, serras de verde fronde, rios de caudaes profundos, cachoeiras possantes e estirando pelos sertões a dentro a linha telegraphica, como Theseu desenrolava nos meandros do labyrintho o fio que lhe dáera Ariadne.

A bravura d'esses expedicionarios, que passaram annos abalsados e sempre vigilantes, porque se sentiam cercados de perfidias, não foi menos do que a dos heróes do mar.

Na travessia longa em que os guiava a bussola, se se não levantavam vagalhões, impunham-se montanhas. Era aqui uma floresta densa, além uma cataracta, adiante um pantanal escuro, fervilhando em podridão deleteria, exhalando hausto lethal.

Tudo lhes era adverso. E o sol violento como que lhes sugava o sangue; as aguas envenenavamos, os frutos eram de morte.

Se perlongavam a orilha de uma selva, como se as arvores, á maneira de ouriços, os repellissem com os seus aculeos, choviam-lhes em cima nuvens sibillantes de frechas. Eram os selvicolas que os repulsavam defendendo braviamente os seus lares sombrios.

Ai! do que se atrevia a penetrar em uma caverna, asylo do jaguar! E quanta vez, atravessando, a

nado, uma agua serena, o aventureiro desaparecia em mergulho de que não tornava.

À noite, accendendo fogueiras contra as fêras, revesavam-se na vigilia para que os não sorprendesse o indio, que os acompanhava, rastreando-os.

Não caminhavam em ordem de batalha, unidos, mas ás turmas, cada qual a seu rumo, com um ponto determinado para o encontro em prazo certo. E, á medida que se iam reunindo, abraçavam-se felizes, como resuscitados que voltassem da morte, contando, cada qual, sem vaidade, os perigos que atravessara, as torturas que soffrera.

Mas sempre faltava um que se perdera ou fôra victima de assalto ou rolára nos turbilhões das cachoeiras. Entreolhavam-se os heróes um momento, quietos, commovidos. Logo, porém, á voz energica do chefe, cada qual dava conta do que fizera: este, seguindo o curso meandroso de um rio até descobrir-lhe a nascente; aquelle, varando uma densa e apaulada floresta virgem e lançando, por entre as arvores, as linhas de communição telegraphica; outro descrevendo uma montanha e abysmos rutilantes. Todo um mundo novo era desvendado, numa tenda ou sob a ramaria de uma arvore, diante do horizonte azul, que escondia mysterios. E, no dia seguinte, ao amanhecer, punham-se de novo em marcha os bandeirantes.

D'esse heróe que regressa do deserto, desse civilizador de barbaros, semeador de póvoas, que serão cidades, plantador de roças, que serão lavouras,

---

disse o Poeta celebrando o heroismo do *Caçador de Esmeraldas* :

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charrúas,  
No ésto da multidão, no tumultuar das ruas,  
No clamor do trabalho e nos hymnos da paz !  
E, subjugando o olvido, atravez das idades,  
Violador de sertões, plantador de cidades,  
Dentro do coração da patria viverás !

.....

3 de Julho.

## O coice

---

«...Comme les véritables événements ne sont jamais assez extraordinaires pour divertir beaucoup, j'eus recours à l'invention, que je crus qui plairait davantage; et sans avoir le moindre scrupule de l'offense que je faisais aux intéressés, parce que je ne faisais cela quasi que pour moi, j'écrivis mille choses que je n'avais jamais oui dire...»

Bussy Rabutin, lettre au duc de Saint Aignan.

Se o autor da *Historia amoureuse des Gaules* fez confissão, embora íntima, de que calumniara para tornar-se interessante aos que o lessem, outros difamadores deixam ficar a sanie que secretam e que lhes é própria, como o visgo o é das lesnias, e melhor será que não se penitenciem, tentando limpar o que esputaram porque, com o remorso, teriam de voltar ao assumpto, que mais se polluiria com a tornada do arrependido.

Tivemos aqui um hospede com o qual, aliás, andamos sempre recatados, prevenidos, como fomos, por aquelles mesmos que, com elle, vieram, que, enquanto comeu do que lhe servimos, não teve peias



na lingua para celebrar a terra que o agasalhava e louvar a gente que se abotoava quando elle apparecia.

É um altarrão balofo, arremangado, falando grosso, com fanfarrices de hercules de feira.

Pesado de corpo, tem, entretanto, segundo affirmam notas de policia, a mão ligeira e destra e dizem que, para fazer andar um relógio, é muito melhor que o mais perfeito machinismo suiso.

Esse cavalheiro, que o é, de industrias varias, como não conseguiu, nem com pé de cabra, penetrar no lar da familia fluminense, voltou-se para os alcouces, e, para vingar-se das portas que se lhe fecharam, resolveu escrever uma série de libellos.

Em tal obra nem sequer teve o trabalho de inventar porque, como a escreveu em casa, no meio dos seus, limitou-se a copiar o que via em volta.

Vindo ao Brasil com passagem paga e hospedagem franca contava, de certo, que o tomassem a soldo para alguma empreitada. Não achou quadilha em que se aparceirasse, porque a policia anda agora vigilante e não havendo, entre nós, certos vicios em que é propecto esse Palacio, que só dá entrada pelos fundos, ficou por ahí ás moscas, trocando as pernas por alfurjas e betesgas. Nem lhe valeu a gandaia.

O despeito acirrou-o contra nós. Mas se o seu plano era de ganho, porque não foi franco desde a entrada? Que se apresentasse logo como diffamador de officio (assim fazia o Aretino) e o Brasil, não receiando as suas pasquinadas, mas por melindre de acio, talvez lhe dêsse a esmóla a que corra.

Fez-se todo empafia contando que lhe levassem ao quarto os gages. Não os levaram por prudencia,

tal era o estado do aposento enquanto nelle permaneceu o hospede que, até hoje, apesar das longas desinfecções diarias, ainda a Directoria de Saude não o deu por limpo.

É verdade que tal homem, por amor ao solo natal, não se lavou desde que deixou os seus pagos para conservar no corpo a terra da patria. Veiu e tornou com ella, honra lhe seja!

Por não haver embolsado a gorgeta com que contava vinga-se, desfazendo-se em artigos.

Rebatê-los é vergalhar o lodo e o menos que nos pôde acontecer é ficarmos respingados de lama. Deixemo-lo. Comeu, bebeu á tripa forra, é natural que esteja agora a descarregar pelo cerebro a digestão do que ingeriu pela boca.

Facil seria estancar o enxurro e até transformá-lo em adubo para medrança de louvores... mas dinheiro não ha. Deus o favoreça.

Não costumamos comprar elogios e, se os comprassemos, não seria, de certo, a baixos mercenarios. Preferimos o insulto que serve, ao menos, para mostrar ao mundo que não somos de laia dessa escoria que, assim como preconisa, infama.

A consciencia de tal gente é como essas machinas registradoras que dão o vale do que recebem.

Nem têm, sequer, o merito da novidade as torpezas que nos assaca o meliante: tambem a raposa desdenhou das uvas, não por estarem verdes, mas por se acharem altas.

Raposas são sempre e em toda a parte as mesmas. Não ha corrigi-las. Que raposeem...

10 de Julho.

## Ainda uma vez . . .

---

BUENOS AIRES, 16 (A. A.)—Nos ultimos dias do corrente mez será realizada a repatriação dos restos mortaes do illustre escriptor brasileiro Aluizio Azevedo, que se acham depositados aqui desde 1912. A cerimonia do embarque será presidida pelo encarregado de Negocios do Brasil, Sr. Rostaing Lisboa.

Nas vespervas do apparecimento d'O *Homem*, Aluizio Azevedo, que conhecia, a fundo, o meio torpido em que vivia, poz-se em campo para fazer a propaganda da obra e, auxiliado por alguns companheiros corajosos, tal estardalhaço fez que, no dia da exposição do livro, foram vendidos ao balcão uns trezentos e tantos exemplares.

Foi tal a alegria do velho Garnier que, segundo se disse, cedeu, por uma ninharia, a uma fabrica de sabão, o gorro que usava estreiando um barrete de sêda e chegou a propôr ao autor d'O *mulato* a compra da propriedade do feliz romance por seiscentos mil réis, pagos em tres prestações.

Lembro-me ainda do escandalo que houve no Café de Londres, que era um dos pontos de reunião de artistas e escriptores nesse tempo.

Aluizio, que mandára imprimir duas mil etiquetas com o titulo : *O Homem*, para espalhar pela cidade, enrolou uma dellas e, aproveitando-se da distracção dos caixeiros, metten-a em uma dos pães que se achavam, em pilha, no balcão.

Era á hora da maior affluencia ao almoço de assobio, e o romancista, que se sentara a uma das mesas do fundo, com os jornaes, ficou á espreita do escandalo. Não esperou muito.

Entravam e saham freguezes ; os caixeiros iam e vinham com bandejas carregadas de louça. O bezoar das discussões e das conversas tornava-se cada vez mais ruidoso, quando uma vez trevejou indignada.

Um homemzarrão ruivasco, de sobrecasaca e oculos, que fuzilavam como clara-boias ao sol, de pé, com um papelucho entre os dedos, grossos como fúeiros, bradava e gesticulava desabaladamente.

Os caixeiros acudiram espantados e os que almoçavam, de sorvo, pousaram as chicaras voltando-se para o Stentor.

— Que porcaria é esta ! ? Estou a comer o pão e trinco isto, *O Homem* ? ! Que quer dizer isto ? E mostrava, indignado, o papelucho.

Cercaram-no e todos quizeram vêr a victima da involuntaria anthropophagia, o homem que sahira das entranhas do pão, como Jonas do ventre da baleia.

Aluizio, achando o momento opportuno, porque todos quantos se achavam no Café, e ainda gente que entrara attrahida pelo vozerio, cercavam o

ruivo, examinando a pedra de escândalo, que era a etiqueta, levantou-se muito grave e, dirigindo-se ao berrador, depois de o cumprimentar, disse com entono :

— Com licença... Tomou o papel, virou-o, revirou-o entre os dedos, como se procurasse o mysterio ; por fim falou em tom oracular :

— *O Homem*, a que se refere este papel, é aquelle que, segundo affirmam as prophcias, deve trazer ao mundo a palavra da Verdade, que, como o meu illustre amigo sabe, é o pão espiritual. Por isto, naturalmente, escolheu, para vehiculo, um pão. Se o cavalheiro se revolta contra *O Homem*, que achou no pão, porque não brada contra a hostia, por exemplo, que tambem contém, em substancia, um Homem ? Saiba o amigo e saibam quantos aqui se acham que este *Homem*, que aqui está, é um dos typos mais perfectos da criação : 300 paginas, edição Garnier, e apparecerá depois d'amanhan. Tenho dito. E, tranquillamente, tornou para a mesa que occupava, ao fundo do Café.

A gargalhada explodiu e o ruivo teve o bom senso de nella entrar, guardando o papelucho no bolso do collete, como lembrança da pilberia.

E nesse dia, na rua do Ouvidor, e, á noite, nos theatros, o *Homem* do pão foi o assumpto das palestras alegres.

«Quem não fizer assim está perdido», dizia Aluizio. Sem rufo, é escusado : não ha autor que vença. Eu ainda acabo com uma carrocinha, como o homem dos abacaxis e das melancias, correndo essas ruas com os meus romances, apregoando-os aos berros. Imaginação, estylo... isto que monta ? ! O que

vale é o annuncio. Quedem-se os autores em silencio e, por mais eloquente que seja a obra, por mais que nella se aprimore a fórma, ficará encalhada no fundo da livraria até que seja vendida a peso, como papel de embrulho.

A obra... ! E elle, o grande autor ! ? Desde que a morte lhe cerrou o labios, o seu nome, um dos mais gloriosos das nossas letras, como que cahiu no olvido, com o corpo agasalhado, por misericordia, numa sepultura de emprestimo, em terra alheia. De quando em quando uma voz, aqui, ali, reclama a reliquia, mas surge sempre um empeço ao repatriamento solicitado.

E os annos correm e cada vez se vai tornando mais ingrato o esquecimento, abafadouro peor que a terra que se accumula sobre os cadaveres.

Virá elle d'esta vez ? Esperemos. O Brasil não pode deixar no exilio os despojos sagrados d'aquelle que tanto o glorificou.

«*On pourrait faire l'histoire de l'humanité à l'aide des tombeaux*», diz Viollet-Leduc.

Nós, por tal processo, nem a nossa propria historia poderíamos construir, tantas são as paginas que ha pelo mundo esparsas : Aluizio, Raymundo, Guimarães Passos, Pedro de Alcantara... Emfim... O que nos vale é que temos patrotismo p'ra...

17 de Julho.

## Jurity

---

O «ranz das vaccas» era uma canção cuja melodia, executada em cálamo pelos zagaes alpinos, tal prestigio de saudade lhes exercia nalma que o governo francês, no tempo em que alistava mercenarios suissos, viu-se na contingencia de prohibir, sob ameaça de morte, tal musica nos quartéis dos forasteiros para pôr cõbro aos suicidios e ás deserções que a nostalgia provocava.

Falam os povos pastoris da «querencia», ou lugar de nascimento dos animaes.

Levados em manada ou armentio para longe de taes sitios, affirmam os campinos que os potros e os touros voltam-se, de quando em quando, na direcção dos pagos natalicios, aspiram sofregamente o ar como se nelle busquem o aroma dos pascigos longinquos e, saudosamente, nitrem ou remugem; e, se sentem avisinhar-se a morte, deitam-se na campanha ou na folhagem do bosque, voltando a cabeça para o lado

da «querencia» como para lhe mandarem o derradeiro olhar.

Esse apêgo ás coisas que nos entraram nalma com o sol dos primeiros dias acompanha-nos até a noite grande e, dentro d'ella, talvez reluza como o cirio da ultima hora mostrando-nos, nesse relampago dos moribundos, que é a recapitulação da vida, o inicio, que se prende ao fim, fechando o circulo da eternidade.

Essa saudade tão poderosa no coração dos montanhesees helveticos, essa lembrança tão forte no instincto dos animaes e até nas plantas que murcham e finam-se se as mudamos de solo, essa pungente revivencia do passado senti-a eu no spectaculo que me proporcionou Viriato Corrêa com o seu idyllio sertanejo docemente chamado *Jurity*.

Viriato Corrêa é um dos raros sertanistas que possuimos. Apartado de Pirapemas, seu berço, como aquelle ancião, de lenda tão triste que, partindo para o exilio, levou, como o melhor da sua bagagem, um sacco de terra da patria, que era o seu travesseiro e canteiro de lagrimas, dormindo em vida com a cabeça repousada no solo em que desejava adormecer para o sempre, onde vai parece que leva comsigo um bocadinho do seu torrão natal. Não o esquece e, no tumulto atordoante da cidade, volta e meia é visto com um pouco do seu sertão, como se, dotado do poder dos genios, á noite, em vôo lésto, parta em vista ás balsas floridas, aos caminhos abaunilhados, ás choças e ranchos conhecidos trazendo, á volta, una florinha ou uma cantiga com que recorde ao seu coração os matlos cheirosos onde piam as rolas e os sabiás desferem ou a alegria de uma *farinhada* ou de um desafio ao luar.



Na *Jurity*, opereta ou o que melhor nome tenha, o poeta sertanejo faz desabrochar um amor dentro de uma pastoral.

O thema é simples, e o que o torna gracioso é o *meio*, são as figuras que nelle se agitam, os costumes que apparecem, certos typos que o alegram e a paisagem bem campesina, com os seus palhiços afogados em verdura, as suas aguas cantadeiras, a sua igrejinha...

Pena é que a musica, aliás de quem a podia fazer sincera, se não haja inspirado na melodia das cantigas caboclas e nos *rasgados e tyrannas* das violas.

« On ne sait parler de ce qu'on aime que lorsqu'on ne l'a plus, et tout l'art du poète n'est que d'assembler des souvenirs et de convier des fantômes Aussi y a-t-il une tristesse attachée à tout ce que nous écrivons. Je ne parle, bien entendu, que de ce qui est senti. Le reste n'est qu'un vain son. »

Estas palavras com que Anatole France se refere a Paul Arène podem ser applicadas a Viriato Corrêa.

Como o autor da *Chèvre d'or*, o novellista dos *Minaretes* vive longe do seu rincão, mas sempre nelle pensando, attrahido pela «querencia».

Para tê-lo ante os olhos evoca-o, d'elle tirando os «fantasmas» que anima com o prestigio da poesia, tanto, porém, os envolve em saudade que, nas scenas mais vivas e mais alegres, ha sempre um quê de melancolia, uma nuvensinha de tristeza que lembra o guaiar plangente das cantigas dos nossos sertanejos.

Eu, de mim, digo que vi em scena, e com a arte meticulosa com que Eduardo Vieira monta as peças que lhe são confiadas, um pouco da minha terra,

andei por ella, em passeio de recordação, e esse prazer que teve minh'alma, devo-o ao poeta e aqui lh'ó venho agradecer.

Entre os interpretes, que andaram bem, muito a contento do publico, ha um que sahio da Escola Dramatica. Não li referencia alguma ao seu trabalho nem sequer a simples menção do seu nome : Procopio Ferreira, mas vi, com o que fiquei satisfeito, que o publico não lhe regateou applausos, destacando-o como dos melhores entre os que tanto fizeram pelo exito que alcançou a graciosa peça do meu conterraneo.

E d'esta gloria só fico contente...

24 de Julho.

## Cleopatra

---

Sendo a fabula mesquinha, de interesse medio-cre, dando apenas pretexto a que nella rebrilhe a moralidade ou appareça o exemplo, vâ que o ensce- nador a recame de riquezas profusas e nella enxerte atavios que a tornem mais vistosa ; mas entrar pelos ar- chivos da Historia e escolher nos seus thesouros uma das joias mais esmeradas para desencarnar-lhe as gemmas, trocando-as por dobles, e substituir-lhe o ouro por alchime, é coisa que se não comprehende.

E foi isto que fez o pouco escrupuloso autor do ar- gumento que a *Fox-Film* projectou na tēla viva com o titulo de *Cleopatra*.

A vida da seductora egypcia, tal como no-la descreve Putarcho, é tão rica em episodios que o difficil é nella decotar as demasias, aproveitando o essencial e mais bello, como fez Shakespeare na trage- dia, seguindo sempre a par do biographo sem tocar no fundo senão para illuminá-lo com o esplendor do seu genio.

O escriptor que malbaratou o argumento do *film* que, como obra scenica, puramente visual, é de sumptuosidade maravilhosa, fóra, porém, de todo, do campo da verdade, fez um mistiforio ridiculo, uma salgalhada na qual todas as figuras, historicas ou lendarias, mas, em todo o caso, tradicionaes, são sacrificadas.

Charmion, a linda escrava, tão dedicada á rainha que, mal a vê morta, picada no seio pela ce-rasta do Nilo, toma o aspide nas mãos e excita-o para que a morda, e, sentindo nas veias o fogo do veneno, bemdiz a morte que a leva do mundo na companhia daquella que a sua ternura appellidava — a divina ; Charmion, no *film*, é nada menos que uma conspi-radora sinistra, que acompanha, com ciume, certo Pharon, mancebo de estirpe pharaonica, em cuja alma os sacerdotes, que o criaram, ás occultas, na crypta de um templo, incutiram, desde a infancia, a idéa revolucionaria, de depôr a rainha, restabelecendo no throno, na sua pessoa, a dymnastia expoliada.

Tal mancebo não apparece em Plutarcho. É possivel que nelle, trocando-lhe o nome por conveniencias de protocollo, o autor do *film* tenha querido apresentar incognito o imbelle Ptolomeu Deuys, irmão e esposo de Cleopatra, cujo espirito apoucado Photino e Achilles procuraram converter contra a rainha, que detestavam.

Esse Pharon é um arranjo de fabricação americana : principe, astrologo, conspirador, degenerando, por fim, em chichisbeu piegas, de uma imbecilidade commovedora.

Entra no *film* como irrompem, em certos episodios sertanejos, muito do sabor *yankee*, os arremessados

*cours-boys*, que tudo resolvem a pata de cavallo e tiros. Pharon, coitado ! resolve as coisas... com os proprios pés. E é elle o eixo do drama da *Fox Film*, o que vale pela affirmação de que o centro de gravidade da fabula não tem... gravidade alguma.

Scenas como a da entrada de Cleopatra no palacio de Alexandria, onde o seu intendente Apollodoro a introduz envolta em um tapete ; a da subida triumphal do Cydnus na venusta galera ou *canja*, colgada de purpura e florida, com uma tripulação de nymphas e de Amores ; a da vida incomparavel ou *animetobia*, como lhe chama Plutarecho, levada por Antonio e Cleopatra no regio e languido gynecceu ; a da batalha de Actium, são realisadas com opulencia e gosto, o mais, porém, é falso, irritantemente falso, aberrando da historia com escandaloso desplante. Se o cinematographo, divulgador de maravilhas é, conforme affirmam os que o preconizam, um espelho, sê-lo-á, mas não o da Verdade, se o julgarmos por esse em que se reflecte a feiticeira do Nilo.

Projectando os argumentos na tela dentro de scenarios tomados na propria natureza ou adereçados com fidelidade archeologica, como se dá no *film* a que me refiro, póde o industrial alliar o util ao agradável, instruindo o povo, mas illude-o, indu-lo em erro, impingindo-lhe ridiculos arremedilhos com o titulo enganador de illustrações da Historia.

Seja a Fantasia o que della fez o romancista : um manto diaphano e nunca uma lona grosseira que, de todo, encubra a Verdade.

O que se vê na *Cleopatra* da *Fox-Film* não é a reprodução do grande drama do Oriente que termina na apothese heroica da batalha de Actium, com o

epilogo tragico, em Alexandria, da morte linda da protagonista, mas uma serie de quadros movimentados prodigiosamente e ricos, mas d'aquella riqueza de reboço, condemnada por Apelles quando vê a Helena do seu alumno muito ornamentada, mas sem vida e sem belleza.

E vida e belleza sobram no legado historico que nos transmitiram os antigos, que se occuparam d'essa princesa seductora, que tinha o segredo dos amavios, com o qual conseguiu dobrar Roma aos seus pés e amarrá-la ao seu leito.

Shakespeare — e quem melhor do que esse omnipotente o poderia fazer? — não accrescentou um ponto á tradição — tomou-a como uma talagarcha nella bordando a sua tragedia. E ha nella, como no escudo de Achilles, toda a historia de um mundo de amor e de intrigas, de combates e de lascivia, de dedicações e de perfidias, de heroismos e de baixezas, mas o que apparece no primeiro plano, é a teia em que a languida filha dos Ptolomeus, como uma aranha insidiosa, attrahia aos seus encantos, desde os reis e triumviros, como Antonio, chamado uma das tres columnas do universo, até miseraveis como aquelle arisco Meiamun no qual Theophile Gautier encarnou todos os amorosos que, do meio do povo, levantavam os olhos árdegos de volupia para aquella que, enovelada no fumo dos arómatas, cercada de ancillas e de escravos, núa, preguiçando em estragulos attalicos, governava o mundo. Mas, em se tratando de arte, a America é o que se vê... admiravel nos lances dos seus *cows-boys*.

14 de Agosto.

## O crucifixo

---

Um official brasileiro, dos que se bateram no Paraguay, retirando-se, com o seu regimento, atravez do rescaldo da guerra, ao entrar na casa senhorial em que residira o dictador Solano Lopez, achou-a habitada.

Era, porém, o morador de tanta grandeza que o valente, que não empallidecera diante da Morte, que galopava desapoderadamente no fogoso ginete guarany, deteve-se deslumbrado, como Saulo na estrada de Damasco, e, humildemente, prostrou-se como vencido.

É que o solitario da ruina era o proprio Deus. Era elle que ali estava no throno em que é adorado com mais veneração, que é a cruz. Tomando respeitavelmente o piedoso symbolo, retirou-se com elle o bravo e, aqui chegando, offereceu-o ao Barão da Laguna, que não só o accitou agradecido, como ainda santificou com elle a sua casa. E a imagem tornou-se o

centro religioso em volta do qual reunia-se a família em acções de graças ou em rogos propiciatorios.

E essa reliquia, que veio fluctuando na vida, ora encalhando em tumultos ou remorando junto de berços, parou, por último, em poder da inspirada poetisa D. Rosalina Coelho Lisboa Rademaker Grunnewald, neta do Barão da Laguna.

Conhecendo a distincta senhora a historia do crucifixo, que a vira nascer e que lhe ouvira os primeiros balbucios da Fé, entrou-lhe na alma uma piedade meiga pelo povo usurpado e, menina ainda, caladamente, fez no coração o voto de devolver o exilado ao seu altar logo que o recebesse em legado tradicional.

Esse dia chegou e o compromisso, que assumira de si consigo, cumpriu-o a poetisa restituindo ao Paraguay, mais do que á terra, á alma do povo, o seu nune tutelar. Offertorio de tão suave belleza impõe-se com a mesma enternecida sublimidade que tanto nos commove na elevação da hostia. Se a imagem, que foi presa de guerra, houvesse sido reconduzida ao seu primitivo altar processionalmente, aos hombros de levitas da diplomacia, o seu regresso não teria a significação que dá a esse acto o character de um rito de amor praticado por uma sacerdotisa.

Não foi uma lei que abriu de par em par as portas da capella em que se achava, como um sagrado refem, o crucifixo peregrino. Não o acompanhou, na tornada em que foi, uma nota de Chancellaria: a cerimonia realisou-se discretamente, com a religiosidade de um culto.

Christo desceu da penha do oratorio familiar, em que se hospedava, entre os dedos delicados das



mãos de uma jovem mãe de família, como em uma irradiação e, na hora em que partiu, como o Nazareno deixava nos lares evangelicos, que o acolhiam, os dons da sua misericórdia, recebendo o ultimo beijo dos labios que, tanta vez, desfolharam orações aos seus pés, despediu-se abençoando a casa honesta.

Ainda que, de novo, a inspiração divina baixasse do céu em flammis sobre os homems, reproduzindo o prodigio do Cenaculo, não refulgiria em palavras que dissessem tanto e com tão alta e tão cordial eloquencia como disse o gesto, de tanta sinceridade, da Mulher.

Uma coisa é ir a pessoa, outra é mandar o recado. Muito vale o milagre, mas a presença de Deus é tudo. É o que fez a nossa patricia com os nossos irmãos só faria o céu se os quizesse eleger por seus predilectos, mandando-lhes, não simples mercês, mas o proprio Deus.

Assim, da mensagem de amizade enviada pela Mulher brasileira á nação paraguaya, foi portador Aquelle mesmo que baixou ao mundo, despido da sua Gloria, para estabelecer a concordia entre os homems e que, morrendo pelo Bem, resuscitou para garantir no céu a promessa que fizera na terra, sellando-a com Seu Sangue.

Essa obra cordial da aproximação brasileo-paraguaya, que acaba de ser sagrada pelo gesto generoso da nossa illustre patricia, teve um propugnador intemerato em D. Silvano Mosqueira, o habil diplomata que, durante a sua permanencia entre nós, semeou em nossos corações a estlima paraguaya e levou para a sua patria, espalhando na alma do seu povo, a estlima brasileira.

Tivesse sempre a diplomacia cultores de sentimento como esse e...

Mas não falemos em discordias onde tudo respira amor sob a assistencia de Deus.

21 de Agosto.

## Protesto

---

Clio, a musa serena da Historia, escancellou-se, a rir, compromettendo, com escandalo, a sua austêra gravidade, quando Xerxes, para vingar-se do Hellesponto, cujas vagas atrevidas lhe haviam destruido e engolfado a ponte de barcos, em que devia passar do arneiro da Asia para as veigas hellenicis, ordenou arrogantemente, do alto de uma das armamaxas do seu comboio numeroso, que o açoitassem com flagellos e ainda o estygmatisassem com ferro em brasa.

Ficaram as aguas avergoadas? Eternisou-se nellas o ferrete infamante? Sentiram-se da affronta ridicula, só possivel de ser gerada no animo mesquinho de um barbaro? Não!

As vergastadas, como as frinchas d'aquelle arco pravo de que fala o psalmista, voltaram-se contra o taganteador, assim como tambem foi no seu nome que rochinou o ferro quente cicatrisando-o com o lábêu indelével da irrisão,

O mesmo acontecerá, de certo, aos que agora pretendem denegrir certos nomes, cellulas de gloria, padrões inapereciveis do progresso da Humanidade.

Ha vinganças que resultam em apotheoses, como o martyrio se acendrava em santificação. É um erro attentar contra a luz : quanto mais negra é a noite, mais scintillam os astros.

*Ha homens oceanos*, disse Victor Hugo, e é a um de taes *oceanos* que se intenta applicar castigo identico ao da vingança pascácia do sátrapa de Suza.

Wagner, esse creador de Belleza, acaba de ser ignominiosamente ferreteado e expulso da Arte pelo grande crime de haver nascido allemão.

Se o motivo da excommunhão é esse, porque não levantam os intransigentes uma compórta de montanhas que detenha o Rheno, filho dos Alpes, para que se não entregue, enamorado e cantando, ás nixes germanicas ?

Porque não acorrentam os ventos que sopram da Floresta Negra, para que a grey latina não seja por elles arejada ?

Porque não arnam caçadores, mais destros do que Parsifal, para que não deixem passar para o céu christianissimo as aguias negras nascidas sob o céu do Walhalla ?

Porque não detêm as nuvens viajeiras e as andorinhas emigrantes ?

Porque não entram nas catacumbas do Tempo para destruir os relicarios da Historia e da Tradição ?

Ninguem protestou em voz mais alta do que eu contra as violencias commettidas pelo prussianismo cruel : nunca, porém, me passou pela mente a idéa parva de pedir um *auto de fé* em que fôssem quei-

madras, em expurgo royal, as obras dos philosophos, dos poetas e dos artistas allemães.

As faiscas desse braseiro expiatorio far-se-iam estrellas la em cima.

O genio é solar. Apaga-se o fogo da terra, não se obscurece o dia, e se a Noite o envolve em horas negras é para o restituir depois ao céu, ainda mais claro, no berço refulgente das auroras.

Josué deteve o sol para vencer. Foi o milagre. Os intransigentes querem vencer com o absurdo, apagando os astros.

As estrellas não são deste ou d'aquelle povo — são do céu.

Estou a perder palayras. Fale contra os inimigos de Wagner um advogado unsuspeito : Hugo :

«La musique, diz o Poeta, qu'on nous passe le mot, est la vapeur de l'art. Elle est à la poésie ce que la rêverie est à la pensée, ce que le fluide est au liquide, ce que l'océan des nuées est à l'océan des ondes.»

E adiante :

«La musique est le verbe de l'Allemagne. Le peuple allemand, si comprimé comme peuple, si émancipé comme penseur, chante avec un sombre amour. Chanter, cela ressemble à se délivrer. Ce qu'on ne peut dire et ce qu'on ne peut taire, la musique l'exprime. Aussi toute l'Allemagne est-elle musique en attendant qu'elle soit liberté. Le choral de Luther est un peu une marseillaise...

Le Chant est pour l'Allemagne une respiration. C'est par le chant qu'elle respire, et conspire. La note étant la syllabe d'une sorte de vague langue universelle, la grande communication de l'Allemagne avec

le genre humain se fait par l'harmonie, admirable commencement d'unité...

C'est par la musique que ces idées qui pénètrent les âmes sortent de l'Allemagne.»

E conclue :

«Aussi peut-on dire que les plus grands poètes de l'Allemagne sont ses musiciens, merveilleuse famille dont Beethoven est le chef.»

Os genios falam da Eternidade, que é o reino de Deus, e a voz que protesta contra o estrangulamento : — le chant est pour l'Allemagne une respiration — com que a Victoria quer rematar a sua apothose não póde ser suspeita aos juizes da sentença ridicula. Wagner é puro espirito, é a Grande Harmonia, está acima da Morte : é Alma. Matem-no, se são capazes!

28 de Agosto.

# Patria

---

*A Pedro Bruno*

Ignóro as razões em que se firmou o Jury que lhe conferiu o premio de Roma, digo-lhe apenas que, se eu delle houvesse participado, teria justificado o meu voto com louvores altos á concepção do quadro *Patria*, deixando a outros a analyse da technica que, aliás, revela um pincel audacioso e destro, senhor da paleta e firme na distribuição das tintas.

Na obra d'arte a execução deve ser sempre principal e os mestres demonstam, com exemplos dos mais notaveis, que de um esterquilinio ou de uma asquerosidade pôde sabir uma obra prima.

Mas entre um mendigo maltrapido, a catar muquiranas, e a *Assumpção*; entre um ebrio acarrado na lama de uma sargeta e uma figura airosa de Cabanel ou Jacquet; (e não peço muito) entre um lurido agual e uma fresca veiga, como as fazia Ruysdaël, com

o seu caselete, o moinho e galos pelas almargens, sobre um fundo de céu azul, o meu gosto não hesita.

A arte deve ser communicativa e consoladora — a sua funcção, além de encantar, é tambem suggerir, como a do incensorio não é sómente a de levantar fumo, senão a de espalhar arómatas.

É na Belleza que a alma paira, é para ella que se eleva em surtos ansiosos, fugindo ás repugnancias que, a cada passo, se lhe deparam na vida.

No seu quadro o que, logo á primeira vista, me impressionou foi, como direi? o invisivel, a espiritualidade que se evola do assumpto, como essa translucida vibração que sóbe dos campos aquecidos nos dias de grande sol.

Ha ali um formoso poema, cuja idéa, em vez de estar disposta em versos eloquentes, reluz em côres; que, em vez de imagens, apresenta figuras; que, em vez de soar em rimas raras, esplende em luz.

É o interior de uma casa pobre, aberta sobre um horizonte largo e luminoso. Um grupo de mulheres, marcando idades varias, ajusta e cose os pannos de uma bandeira immensa.

Ha em tal trabalho alguma coisa de mysterioso que faz pensar em rito. Ei-las ali, as mulheres, compondo um ideal e cada uma d'aquellas lavrantes é um typo: esta, de madeixas brancas, rosto engelhado, olhar amortecido e baixo, fixo na pedra lareira, é a tradição, a que se assenta nas raizes, e distribue serenamente a ordem; aquella que trabalha a sorrir, com os olhos illuminados, em pleno viço, loura de sol, com as faces como rosaes, é a primavera da casa; outra, além, é a maternidade feliz, com o pomo do collo farto na flôr de uma pequenina boca. Aqui, a



velhice somnolenta, adiante a infancia brincalhona — dois polos de indiferença, o do esquecimento e o da ignorancia, e, entre extremidades taes, as costureiras do symbolo, as mulheres compondo o pavilhão ainda em terra, mas já ondulando em alores de vôo.

O que eu vi nesse quadro foi o pensamento, o que nelle mais me impressionou foi a *idéa*, o que a pintura não revela, mas exprime, como os olhos falam. Afigura-se-nos vêr ali, naquelle estaleiro sagrado, naquella officina devota, a Patria em construção. E quem é que verdadeiramente a constróe senão a familia? quem a edifica, para agasalho de todos, senão a Mulher? De onde sahe ella contente e robusta para o trabalho, heroica para as batalhas, abnegada para todos os sacrificios senão dos lares?

Os gregos deram a tres mulheres — as Parcas, o fio do destino humano; o mesmo fizeram os scandinavos attribuindo ás tres nornas a sorte do Homem. O meu caro artista fez scena identica agrupando as mulheres em volta da bandeira que lhes vai sabindo dos dedos ageis, como uma planta sobe das raizes.

E são ellas, em verdade, que no-lá hão de dar unida em todos os seus pannos, que a hão de levantar gloriosa para que se abra larga, toda desfraldada e panneje triumphalmente ao sol, na altura.

Hão de ser ellas, as mulheres: as avós, as mãis, as esposas e as donzellas que farão a nossa bandeira cosendo-a, bordando-a no lar para que a levem victoriosamente, e cantando, as gerações do futuro, essa geração que lá está no quadro ainda agarrada ao cello, na esteira, brincando com um raio de sol e adiante estendendo a mão a uma dobra da bandeira, naquellas

tres crianças que marcam periodos de iniciação na vida.

O Jury naturalmente votou o premio ao pintor pela execução da obra, eu votaria pelo poeta que soube vestir uma idéa augusta com o panno sagrado em que se envolve a Patria.

Que o artista, que nos vai deixar, seguindo a caminho da perfeição, leve consigo o symbolo que lhe serviu de modelo e o estenda, como um velario, sob os céus estrangeiros, e, trabalhando com os olhos nelle, ha de vencer, estou certo, como venceu Constantino. Bôa viagem a Roma... e traga da cidade eterna eternidade para o seu nome.

4 de Setembro.

## Saudosismo

---

« E pois parece, que lhes toca mais aos Portuguezes, que a outra nação do mundo, o dar-lhe conta desta generosa paixão, a quem sómente nós sabemos o nome, chamando-lhe « Saudade » ; quero eu agora tomar sobre mim esta noticia. Florece entre os portuguezes a saudade, por duas causas, mais certas em nós, que em outra gente do mundo ; porque de ambas essas causas, tem seu principio. Amor e Ausencia, são os pais da saudade ; e como nosso natural, he entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens, occasionão as maiores ausencias, de ahi vem, que donde se acha muito amor, e ausencia larga, as saudades sejam mais certas, e esta foi sem falta a razão, porque entre nós habitassem, como em seu natural centro. »

DOM FRANCISCO MANUEL.

Taes dizeres do eximio autor da *Carta de guia de casados* sôam na pagina 286 da 3.<sup>a</sup> *Epanaphora amorosa* e é com timbre de orgulho que o grande vernaculista reclama para os seus a predilecção d'esse sofrimento fecundo que, das fontes de poesia, é a que mais dimana, podendo-se affirmar que no oceano das lagrimas, em que vogam os poetas melancolicos,

entram, como dois terços das suas aguas, os rios da saudade.

Se a palavra só de portuguezes é sabida, o conhecimento do martyrio suave tem-no todos os corações, e não' sómente os dos homens como os dos animaes e até os das plantas, que algumas murcham, fenecem se as mudam de terreno, outras fecham-se em tristeza, do que resulta não daren flores, no que imitam aos que, de pesar, deixam de sorrir.

Traduzir a saudade em palavras é tão difficil, que muitos são os que têm tentado tal empresa, desde os trovadores, sossobrando quasi todos e aquelles mesmos que, descendo em mergulho ao fundo do coração, com a esperança de trazer a perola ambicionada, chegando á tona com o que imaginavam ser um *descoberto* não acharam mais que agua, ou digamos: lagrimas.

Com lagrimas, sim, traduzem todos a sua saudade. Garrett sempre trouxe margaritas e ellas por ali andam enfeitando joias sentimentaes com aquillo:

... doce amargo de infelizes,  
Delicioso pungir de acerbo espinho.

Bilac chamou-lhe: «presença dos ausentes». Outros a têm definido, têm corporisado em perolas doença d'alma, mas dizê-la bem, externá-la, extrahir-lhe todo o sentimento como se extrahê a essencia de uma flôr, acho eu que é arte só possivel ao musico, e disto tive hontem prova, e tiveram-na commigo quantos assistiram ao concerto de Oscar da Silva, realisado no salão do *Jornal de Commercio*, no qual foi executada a sonata *Saudade*.

A musica é uma aura: passa subtilmente, de leve,

pela alma e, assim como a brisa, roçando pelas flores, impregna-se de aroma e leva-o, espalhando-o no espaço, assim a musica tira do sentimento a expressão, traduzindo-a em melodia.

O som e o perfume são almas que erram.

A palavra tem patria, o som é universal e tanto o entende o homem de um extremo do mundo como o seu antipoda.

Foi, talvez, por isto que os artistas puzeram harpas nas mãos dos anjos, querendo significar que a linguagem celestial, feita para todas as almas, é a musica.

Durante a execução do poema do maestro português (á qual deu excellente interpretação o jovem violinista Pery Oscar Machado) toda a sala ficou como embebida em saudosismo. Um philtro de melancolia espalhou-se no ambiente e em cada coração, ferido pelas notas, levantaram-se recordações evocadas como por prestigio magico.

A sonata revolvía tumulos e cada qual sentia em si um como despertar de lembranças, um mover lento de sombras, um agitar-se de espectros, como em resurreição.

Saudade, que é ella senão raizes, como a ancora, que nos prendem ao passado, como o ferro das naus, cravando-se no fundo do mar, detem-nas ?

Soprem rijos os ventos, as folhas poderão voar nas lufadas, as heras novas esvahem-se esquecidas, mas os velhos dias resistem nas raizes e é d'elles que nos sóbe, pelos veios do tronco, a força mesma da alma, que florece em poesia.

Que importa a borrasca, se a nau tem a prendê-la os rijos dentes de ferro da ancora ? arfa, oscila,

debate-se, desgarra por vezes, mas não vai á costa porque está apegada á profundeza.

A musica de Oscar da Silva sahe-lhe do intimo, como o perfume sahe da flôr e communica-se a quantos a ouvem provocando o que eu hontem vi no salão do *Jornal de Commercio*, mais do que admiração, sympathia, mais do que o estrondo dos applausos, o commovido sorriso do encantamento.

E no brilho dos formosos olhos, que alumiam a sala, ao som da musica, como que transluziam os versos da *Canção* do epico que inspiraram a sonata ao musico :

Agora a saudade do passado,  
Tormento, puro, doce e magoado,  
Que converter fazia estes furores,  
Em magoadas lagrimas de amores !

11 de Setembro.

## A victoria do Poeta

---

O mundo pasma maravilhado ante o formoso gesto do homem olympico que se elevou, dentre poemas, em surto excelso, pairando acima do fogo como a pomba biblica voou sobolas aguas do diluvio.

O grande *raid* aereo em que se estreou o Poeta foi um canto epico. O ruflo das suas rémiges no espaço soou mais alto do que o estrondo da artilharia possante que se empenhava no prelio formidavel, estrondo que morreu na distancia, emquanto que o fragor das azas d'annunzianas percorreu todo o mundo e ha de vibrar nos seculos, eterno, como o *Gloria in altissimis Deo* da grande noite da prophecia.

Era a segunda vez que um filho de Apollo atravessava os ares. O primeiro, Phaetonte, rolou na Lybia carbonisado; o segundo, o igneo cantor do

Fogo, sahio da prova victorioso, mas com a nostalgia do Elyseo.

Tudo foi elle respirar no Ether; tudo foi elle scindir, a fio de frecha, as nuvens, olhar a fito o sol, de perto, abrir no alto o vôo ousado.

Tudo foi levantar-se da treva a alma inspirada que se diffundia em cantos, como o arómata abrasado spiritualisa-se em fragrancia.

Tudo foi elle librar-se no abysmo, inebriar-se de azul, circular na vastidão sem limites, sentir-se, emfim, na Liberdade, imperio augusto da intrepidez e do raio, da fantasia e da Luz, do Ideal e da Morte.

A Paz fê-lo baixar serenamente ao ninho. No momento, porém, em que começou a partilha dos despojos no balcão da Victoria, viu o Poeta alado que um pedaço da Patria, já aconchegado ao seio materno, era-lhe arrebatado por mãos grifanhas e logo exaltou-se em colera sublime.

Elle, que se desprendera da gloria e da fortuna, trocando a serenidade da sua officina de poemas pelo turbilhão das batalhas altas, lá onde as aguias rinham; elle, o aclamado das gentes, o idolo que tem por templo toda a Italia e onde quer que pulse um coração italiano terá sempre um relicario; elle, o heroe duas vezes coroado com o louro e com o carvalho, irrompeu d'impeto e, tomando no punho a bandeira que foi a flammula de Garibaldi, levantou-a alta, fê-la palpitar fremente e logo acudiram ao aceno heroico milhares de patriotas.

E organisou-se a expedição.

A que ia essa gente intrepida seguindo o novo Tailiefer? Para onde se dirigiam esses epigonos de Esparta com o Tyrtçu de Pescara? Em que rumo se



orientava essa atrevida phalange, que era uma epopèa viva, de estrophes humanas, rimadas pelo glorioso Orpheu da *Nave*? ia desaffrontar a Patria, reconduzindo Fiume para o mappa da Italia. E foi-se.

Mal na cidade entraram, as proprias pedras bradaram por elles e todos os corações bateram em rythmo com o do Poeta allivo.

Quiz o destino que essa victoria esplendida fôsse toda da Poesia, fazendo nella entrar a força de um couraçado. E qual foi elle? *Dante Alighieri*.

Assim o florentino concorreu com o seu nome, inscripto em ferro, para a assignatura da acta da libertação de Fiume.

Diante de tal feito, em que collabora o genio maximo da Italia, o altissimo Poeta das zonas mysteriosas, o creador do Triptyco da Eternidade, que poderão fazer as forças dos ephemeros?

Fiume foi resgatada pelo Espirito. Ave! d'Annunzio poliorcelo!

\* \* \*

Pela segunda vez a Italia inaugura a *Vita nova*.

Terra fecunda em que sempre abrolham os novedios, campo virente da sempiterna esperanza, em ti revêça a oliveira de Pallas. Terra latina, herdeira da tradição hellenica, em ti ha de sempre predominar sobre a Força o Direito, sobre a Arrogancia a Serenidade, sobre a Ferocidade o Canto, sobre a Hediondez a Belleza.

Sempre venceste pelo sentimento, tanto nos dias robustos, como nas horas humildes da decadencia.

Com a palavra suave de um pontifice centenario detiveste Attila no Mincio.

Venceste com a Poesia e com a Arte e a parte da tua grande vida, que não ficou perpetuada em estrophes, perdura no marmore e no bronze, na tela e nos *frescos* muraes.

Os tres cravos com que os Barbaros pregaram-te na cruz do teu longo martyrio de mil annos, na alba da Renascença, á voz dos trovadores, transformaram-se na penna, e foi o Dante; no escopro, e foi Miguel Angelo; no pincel, e foi Leonardo; e os espinhos da tua côroa metamorphosearam-se no cinzel de Cellini e no buril dos glypticos inimitaveis.

Gloria a ti, Italia augusta, oriente de onde sempre se levanta o sol!

Fiume regressa ao teu seio, a perola da Istria reencarna-se na tua côroa.

És maior do que Camillo, ó Poeta do amor, d'Annunzio! O gesto do consul, respondendo com o ferro á arrogancia do *brenn*, na hora em que se pesava na balança o ouro do resgate de Roma, não se compara ao que tiveste atirando a tua lyra, como escudo, e o teu plectro, como espada, na balança em que se pesava a carne da tua Patria, roubada por um golpe de avareza, só comparavel ao que o judeu Schylock pretendeu talhar no peito de Antonio, na presença dos juizes venezianos.

Integrador da Italia, redemptor de cidades, Poeta olympico, gloria a ti na terra e nos céus, onde aladamente iniciaste e tua carreira triumphal de heroe.!

25 de Setembro.

## O dia da criança

---

A data de hoje devera ser inscripta em uma petala de rosa para que o dia da criança fôsse annunciado pela flôr.

Mysterioso orago ! exhala a tua innocência em sorrisos, para alegria das nossas almas.

Porque deixaste no céu as azas de anjo e ainda te não equilibras na terra, jazes em dois braços que se não cançam de ti.

Não falas, ainda és luz e a tua linguagem é o olhar com que tudo dizes e, pura, alimentas-te de uma purificação, o leite, candura que emana de uma fonte de dois veios que brotam do coração.

Que és tu ? um beijo que entrou na vida como certos atomos privilegiados entram, e reluzem num raio de sol. Quantos outros se perdem na penumbra !

Quem poderá decifrar a tua genitura ? Vens fe-

ciada no casulo do silencio e, no dia em que começas a desabrochar no sorriso, que é a aurora da palavra, illumina-se esplendidamente o ninho em que nasceste e, desde então, tu, pequenina, tornas-te o nucleo da felicidade e a familia reune-se em volta do teu berço como se elle fôra um altar.

Tão pequenina, és tudo.

Tinam moedas, desdobrem-se attalicas alfaias, rebrilhem montes de pedrarias, receba o sol por mil portas de ouro o palacio sumptuoso, e toda essa riqueza será triste se nella não houver o riso de uma criança : será como uma geleira muda refulgindo com o frio clarão de auroras boreaes, mas inerte, parada, sem o fremito de uma aza, sem o som de uma voz, sem vida enfim : esteril.

No mais desprovido lugurio, entanto, se houver num estreme uma criança agitando, contente, os gordos bracinhos nús, a miseria não será sentida.

A criança é alegria como o raio de sol e estimulo como a esperanza.

Disse tudo o poeta na formosa estrophe das *Feuilles d'automne* :

Seigneur ! préservez-moi, préservez ceux que j'aime,  
Frères, parents, amis, et mes ennemis même  
    Dans le mal triomphants,  
De jamais voir, Seigneur ! l'été sans fleurs vermeilles,  
La cage sans oiseaux, la ruche sans abeilles,  
    La maison sans enfants !

Nada entristece mais do que esse espectáculo miserabilissimo que nos offerecem constantemente aos olhos as nossas ruas por onde erram, aos magotes, crianças abandonadas.

Os pais, por miséria ou desleixo, deixam-nas á solta e ei-las perdidas, vagamundeando ao léu.

Quantos Pequenos Pollegares aberrados em sitios mais perigosos do que as veredas da matta em que trabalhava o lenhador da historia.

Felizes são as que morrem pequeninas, quando têm a desventura de rolar na vida como naufragos em rochedo inhóspito. Essas, ao menos, não soffrem as duras provações do mundo nem chafurdam no charco onde se lhes pollúe a alma: passam como a libellula que afflora o pantano com a ponta das azas logo arripiando o vôo em fuga para o azul.

A flôr humana, que nos dará a robusta geração de que carecemos para reforço no futuro, não ha de ser a do jardim ou da estufa, senão a florestal, a flôr anonyma que não se presta para ramalhetes nem se ostenta em collos e lapellas, mas das franças das arvores possantes espalha nos ares o pollen da fecundidade, gerador dos troncos poderosos.

E essa flôr, que é o filho do povo, quem a defende? quem a resguarda? quem della cuida? Tudo lhe é hostile — os temporaes desfolham-nas, mirram-nas os sóes e as arvores, abandonando-as, deixam-nas ir aos paés onde, de uteis que seriam se as aproveitassem, transformam-se em venenos que inficionam o ar.

Quem passa por essas ruas e vê os enxames de crianças macilentas e maltrapilhas, pervertendo-se em calaçaria com egressos do carcere, deserê de todas as promessas que nos fazem e teme a aurora de amanhã.

Atrophiada em miséria e viciada na bandarrice

com o rebutalho, que poderá dar de si essa esperança ?

Institua-se a creche para os pequeninos, guie-se o infante á escola, dê-se uma profissão ao adolescente, afeição-se, desde cedo, a alma para o bem e o Futuro terá columnas que o sustentem, mas com o abandono em que jazem os homens de amanha só por dois vallos correrão ao destino que os espera : um, direito ao hospital, outro, canalizado ao presidio.

2 de Outubro.

## Sic itur ad astra...

---

Dizem, que os que sobem ao cume de alguns montes, que transcendem a região das nuvens, onde o ar he muy puro, e subtil, lhes he necessario levar em algum folle outro ar mais grosso, que sirva á sua respiração.

PADRE MANOEL BERNARDES.

Contendo a pressa soffrega em passos ordenados ir-se-á, sem fadiga, ao cimo da montanha. Remontar-se de um lance — como querem agora os atrevidos — nem ás aguias é dado.

Ainda que ellas se elevem á força d'azas pousam, a espaços, em arestas ou barrocos, descansando para novo surto. E assim arribam.

O homem, pé a pé, galgando o acclive, se o não fizer mui de passo, e com prudencia, não chegará a meio do caminho.

Illude-se o que, da planicie, levantando os olhos, julga o accesso como se lhe figura: todo em escarpa — ha nelle meandros suaves que percintam o alcan-

til, em compensação onde mais lhe parece o tramite livre e facilahi justamente é que tudo é arduo e escabroso.

A montanha esconde as suas insidias como a fêra retrabe as garras. Vai-se por ella acima sem encontrar tropeços. Eis, a subitas, escancara-se um abysmo de tanta profundidade que as aguas que nelle, em baixo, cascadeam e remugem, vistas d'alto, parecem alvor immovel como rochedo de crystal; ou empina-se, soberbo, inaccessivel penhasco fechando o caninho ao viador.

Como vingar o vórtice ou escalar o rochedo? O tunido desiste, o temerario tenta, o insensato investe:

Não vos atrevais á aventura sem primeiro verificardes se tendes força para levá-la a termo,

Como o céu, que só acolhe aos que são puros, a montanha não consente vida no seu ápice senão aos integros.

A atmospherá superior é tão fina que, se não fordes de todo são, não lhe resistireis com vida e rolareis das cristas ennevoadas como se precipitaram os maus anjos dos paços celestiaes.

O ethereo defende-se com a pureza. Os maus, entanto, e, dentre elles, os mystificadores, os principes da hypocrisia, tudo conseguem com arlimanhas e muito é que Lucifer ainda não tenha regressado ao céu illudindo, dolosamente, a vigilancia dos cherubins.

Os que ambicionam o Paraiso, ainda que denegridos de peccados, offerecem oblatas aos altares, forram-se de orações bem pagas a quem as reza por officio e, com taes engodos, acreditam dobrar a Di-



vindade apparentando virtudes que nunca praticaram.

Assim com identicos recursos procedem muitos que se abalançam a alturas vedadas a organismos contaminados e frageis. Munem-se os taes de odres, ou folles, como diz o Padre, cheios do ar grosso, mephtitico da terra e logo que sentem o puro ambiente elysio, que os suffoca, como a oração repelle o adversario, inclinam-se sobre os seus reservatorios, sorvendo aquillo de que se nutrem: o vicio.

Quem os vê ir subindo admira-os e louva-os encarecendo-lhes o merecimento. Seubessem do ardid empregado por aventureiros taes e ficariam convencidos de que muitos dos que parecem respirar no excelso valem-se de impurezas que levam senegadas e, com a cabeça nas nuvens, estão haurindo nos odres ar que passou em pantanos e carregando-se de miasmas pútridos.

Subam e esquadrinhem nos antros e nas trilhas da montanha e não de achar muito odre murcho, muito folle engelhado de que se valeram alguns dos que attingiram o visco da montanha sem jámais sentir a frescura e a pureza do ar que nella só poderão respirar os sãos, ou eleitos.

Com odres e folles taes vai muita gente á gloria.

6 de Novembro.

## O centenario

---

Como celebraremos nós o centenario da nossa independencia ?

O patriotismo que, em nós, é exaltado, amua resentido da indiferença gélida dos que nos governam e appella para os particulares para que a data, que ahi vem, a vôo largo, e trazendo comsigo a curiosidade do mundo, que se prepara para visitar-nos nesse momento glorioso da nossa vida historica, não passe, como sempre discorrem os nossos grandes dias, com alguns tiros de misericordia, chirinolada em palanques e exhibicionismo pueril de escolas em cortejos.

Ha algumas idéas em incubação, idéas de grupos, que não representam o sentimento do povo, mas o gosto de parcialidades. Assim, enunciando as que já conseguiram alliciar parceiros, citarei apenas tres das que têm maiores probabilidades de exito.

1.<sup>a</sup> Pensam certos cidadãos dos mais conspicuos em realisar uma bruta eleição, na qual vóte toda a

população da Republica (inclusive as mulheres) para que o estrangeiro saiba como em um paiz livre, governado á americana, são eleitos os representantes do povo soberano. E assim como Chilperico, em Châlons, no meio da sua horda, representou uma comedia de Terencio, nós representaremos para os hospedes que nos honrarem, aquella famosa scena dos *Cavalleiros*, de Aristophanes, jogada entre Demosthenes e o salchicheiro, e será edificante de eloquencia e lisura.

2.<sup>a</sup> Carnavalescos dos mais árdegos, entendendo que o carnaval é a festa por excellencia e a mais do gosto do nosso povo, optam por uma quinzena de folguedos apaturicos e bacchicos, um grande carnaval subvencionado, em que tudo, como em Cucanha, seja gratis, desde a fantasia até o chópe; desde o lança-perfumes até o automovel; sem policia nas ruas, com o código trancado ou com uma larga distribuição de *habeas-corporis* preventivos para o que der e vier. Um carnaval monstro que fique famoso na historia, servindo de termo a referencias futuras como as grandes victorias entre os athenienses.

3.<sup>a</sup> Em contraste com as duas primeiras idéas enunciadas propõem os mysticos, com applausos das ultimas beatas de mantilha, uma semana santa lugubre, dobrada a sinos, com arrobas de cera ardendo nos altares, as ruas juncadas de folhagem, toda a gente de negro e chorando como nas *adonias*: uma semana santa com todos os quadros da Passionaria ao vivo, jejum absoluto desde a quarta-feira de Trevas (menos para a Light, que pediria indemnisação ao governo do prejuizo) até sabbado, quando rompesse a Alleluia, uma Alleluia como ainda não houve, precipitando-se para uma Paschoa em que se possa tirar des-

forra da abstinencia devota, á tripa fôrra e sem lei.

Taes são as idéas commemorativas que por ali andam, em mãos de interessados, recolhendo assignaturas.

Na Camara appareceu um projecto attribuido, por uns, a um deputado; por outros a conhecido publicista. Levado, em faixas, á Commissão de Finanças, como aquelle infante que duas mulheres disputavam, como mãis que diziam ser do mesmo, o integro conselho procedeu sabiamente como Salomão, mandando fôsse o dito projecto atassalhado.

O deputado não se commoveu com a sentença, encolhendo os hombros; o publicista, porém, protestou em altas vozes, lançou-se de joelhos, de mãos postas, pedindo, rogando com tão entranhado sentimento que logo ali lhe foi apregoado o direito de maternidade. E de tanto alvoroço lucrou apenas o paiz saber quem era a mãe ou o pai da criança levada ao seio da commissão argúta.

Nesse combatido projecto ha, força é dizê-lo, um plano bem delineado e idéas que, postas em pratica, dariam digna amostra da nossa vida sem a transitoriedade d'esses programmas ephemeros que, ao fim das festas, deixam como lembrança, molambos e sarrafos, buraqueiras nas ruas, muito nome no cadastro da policia e escandalos em barda.

Acham os nossos homeus que temos tempo de sóbra para pensar na commemoração do centenario.

Nada de sofreguidão, dizem elles, vamos de vagar. A pressa é inimiga da perfeição. Quem corre, cança, e outros proloquios lerdos, muito dos habitos da nossa indolencia.

E os do alto affirmam em tom grave que : «o governo não se descuida : está de olho na folhinha e cogita de nomear commissões que estudem e redijam um projecto definitivo para commemorar condignamente a gloriosa data. Apresentado em 1920, discutido e approvedo em 1921, será posto em pratica em 1922 e de Janeiro a Setembro haverá tempo de sobra para tudo e, como tempo é dinheiro, o Thesouro estará abarrotado para fazer frente aos gastos».

E então, como nas magicas, arrasar-se-á, num dia, o morro do Castello, no dia seguinte transformar-se-á o morro de Santo Antonio em um *Pincio* ; monographias, memorias, mappas, estatisticas revoarão aos milhares das typographias. A cidade pompeará um fausto babylonico e o mundo pasmará da belleza deste paiz maravilhoso, onde tudo é feito por obra e graça do Espirito Santo.

Emfim, como affirmam que Deus é brasileiro... esperemos o milagre. Eu, por mim, confesso que preferia vêr obra.

27 de Novembro.

## Uma obra pia

---

O passado, a que me vou referir, não transcende tanto que, para o buscarmos, tenhamos de socorrer-nos da longa escada da chronologia, mais alta do que a de Jacob ; daqui mesmo, da éra em que nos achamos, poderemos vê-lo, ainda que afumado de leve por oito lustros, nuvens tenues que apenas o escumilham, sem empanná-lo.

Quarenta annos. Isso que monta ! Nessa idade — e os que della trazem o sello ainda pompeam juventude em viço — quem dissesse que encontrára donzella a sós na rua, ainda que tal contasse sem intenção maldosa, denegriria indelevelmente uma reputação, fôsse ella adamantina como a da rigida Artemis. Raras, tambem, rarissimas, eram as senhoras que ousavam sahir a compras sem o marido, um filho ou parente respeitavel.

Imaginaí a cara que faria um ancião austero d'esse periodo patriarchal se soubesse que certa me-

nina do seu conhecimento empregara-se como caixa de loja ou atrevera-se a trabalhar em um banco, entre rapazes, recolhendo á casa desacompanhada, já com o lusco-fusco.

Tempos de simplicidade esses em que a moçinha, por atavio, empregava apenas o papéllote, não ousando mostrar-se á janella durante o dia para que lhe não vissem a cabeça de medusa e, á noite, não tinha licença de bater a calçada, com outras, nem de ficar á janella depois do toque do Aragão, que punha termo á bisca ou ao lôto, ao serão e ás historias de principes encantados e annunciava o chá com torradas.

A menina era um ser todo candura, fragil e susceptivel, que se guardava vigiadamente nos aposentos mais intimos da casa para que lhe não chegassem aos ouvidos os sons languidos das serenatas perturbadoras. A vida virginal era, assim, defendida por grades.

O Progreso veiu vindo lento, dando mais folga á prisioneira que poude, enfim, demorar-se á janella até mais tarde, apreciando a lua, ficar depois ao portão do jardim, com a mucama e o primo, e...

Um dia—e não houve chronista que registrasse a data memoravel!—um pai mais confiante consentiu que a filha fôsse sósinha á escola. No dia seguinte, com o atrevido exemplo, propoz-se outra a fazer compras... e lá se foram as tranças!

Hoje... Bancos, casas commerciaes, companhias, escriptorios são ótros tantos aivados de abelhas femininas, e a mulher, suavemente, vai invadindo todos os departamentos do trabalho, desde as «caixas» até as cardadeiras das fabricas, nelles impondo-se

pela intelligencia, pela tenacidade, pela graça, pela doçura, que não exclue a energia e, em breve, porque não vem longe o dia da equiparação dos valores humanos, veremos a vida, não mais levada apenas pelo esforço do homem, sempre carrancudo, mas também conduzida pelo sorriso da mulher, mais perseverante na vontade, mais resignada no soffrimento.

O carro da Victoria é igual ao d'aquelle idolo indiano que trilhava esmagadoramente os seus fanaticos. Muitas heroínas e martyres hão de perecer antes do triumpho que se annuncia proximo. É para facilitar a marcha das que avançam com os olhos fitos nesse ideal que as mais fortes se reúnem para auxiliar as mais fracas, umas que o são por timidez, outras por ignorancia; estas por preconceitos, aquellas por descoroçoamento e grande numero por miseria que as aniquila quando as não entrega, vencidas, ás mãos grifanhas dos satyros.

Para tornar realidade tão generoso programma fundou-se aqui, sem retumbancia, a *Associação Feminina* sob o patrocínio da Communidade de S. Vicente de Paula.

Funcionando, em começo, como escola de instrucção moral e pratica foi, pouco a pouco, desenvolvendo-se, tornando-se verdadeira colmêa de trabalho alegre, onde aprendem meninas, umas nascidas em berços de ouro, que naufragaram na correnteza assoberbada da vida contemporanea, outras sahidas da mais extrema pobreza que, reunidas sob os auspícios de uma zelosa directora, salvaram-se e vivem com virtuoso conforto, não só mantendo-se, como ainda sustentando o lar da familia, que nellas tem a sua providencia.



Essa *Associação*, com os seus cursos de preparatorios, escripturação mercantil, dactylographia, tachygraphia, córte, costura e desenho, vai, em breve, tornar-se um diversorio de hygiene de corpo e d'alma.

Quantas meninas que mourejam no commercio, dispondo de pouco tempo e de escassos recursos para alimentar-se, fazem refeições ligeiras em casas que não primam pela decencia, pondo-as em promiscuidade com a escumalha das ruas.

Para servir as jovens trabalhadoras vai a *Associação Feminina* inaugurar um restaurante com pensões desde dez até trinta mil réis mensaes, exclusivamente para senhoras, servindo a sopa confortante ou um almoço sóbrio em um meio da mais rigorosa disciplina e do mais apurado escrupulo. E levará ainda mais longe o seu beneficio quando inaugurar o *Dormitorio*,

Alugando aposentos a 10 e 20 mil réis mensaes, dará ás suas pensionistas o agasalho asseiado, defendendo-as de todos os perigos e das varias explorações que assediam a mulher.

Além dessa obra, já de si meritoria, será a *Associação* um porto de misericordia para as que, desamparadas, perseguidas dos vicios que enxameam a cidade, appellem para um soccorro que, infelizmente, não existe.

Quantas desgraçadas, das que por ahi andam em repudio, se teriam salvo se houvessem, na hora da seducção, encontrado uma porta que se lhes abrisse, caridosa!

A Insomnia desvaira, a Fome faz de alcoveta e muitas vezes é o Desespero que arrasta a virgem ao prostibulo.

Esse abrigo de infelizes será a obra de piedade da *Associação Feminina*. Para realisá-la terá a sua instituidora de recorrer aos corações, aos quaes, nestas linhas, faço o primeiro appello para que a sementeira do Bem seja espalhada neste mez formoso do Natal que é o tempo feliz em que nas almas se renova a esperança.

**4 de Dezembro.**

## Aviso . . .

---

O homem cuida de tudo, menos de si. Fundam-se sociedades para o aperfeiçoamento de todos os animaes; organisam-se e inauguram-se exposições com premios, de todas as castas de bichos; exhibem-se em mostruarios animalejos repugnantes, como ratos brancos; publicam-se monographias eruditas sobre o cavallo de guerra, sobre o boi de carro, sobre os gatos de Angora, até sobre os lagartos; sobre o homem, nem palavra.

Parece que se trama, ás surdas, uma conspiração contra o rei dos animaes para implantar no mundo a fórmula republicana, assumindo o governo o bicho que reunir maior suffragio. Não será, naturalmente, o leão, que hoje é raro, mas o rato, que nos ditará leis de dentro de algum queijo.

E, quem sabe lá! talvez lucremos com a mudança. A politica tem tantas surpresas l...

Já um sabio vaticinou que o mundo acabará

dominado pelas formigas que, de todos os insectos, é o mais intelligente, prolifico, esforçado e tenaz. Não duvido que se realise a prophecia entomologica, principalmente porque o homem, que é ameaçado, longe de oppor-se á sentença tremenda, preparando-se para reagir contra a invasão termita, enfraquece-se a mais e mais lembrando, pelo relaxamento em que vive, aquelles desvairados crentes que, fiados na prophecia do millenio, certos de que o mundo desapareceria convulso á ultima badalada da meia noite do anno de 999, deixaram de mão todos os instrumentos de trabalho, entregando-se: uma parte, a penitencias, e outra aos vicios os mais nefandos. E o anno mil, que rompeu radioso, desmentindo os augurios tragicos, encontrou uma humanidade mórbida e flagellada: uns enfraquecidos pela abstinencia, martyrisados pelos flagicios; outros contaminados de males torpes, imbecilizados d'alcool, acarrados nos campos ou raspando a lepra como Job em Hus.

Que o homem é hoje um ser abastardado, é verdade que não requer demonstração, por ser patente. As doenças concorreram em muito para a dyscrasia que se manifesta, a miseria accrescentou mal ao mal, a vida intensa aggravou-o e, como se não bastassem taes factores de atrophia, ainda os homens, na corrida em que se precipitam para um Nirvana, peor que o buddhico, apanham no caminho, como fazia Atalanta, os dons que lhes atira o Demonio, imitando o gesto perfido de Hippómenes.

E que dons são esses? serão frutos de ouro como os do corredor grego? Não! Se fôsem frutos, seriam da Arvore do Paraiso, e mais perniciosos do

que o primeiro, porque não levam á morte um só casal, mas toda a Humanidade.

Vêde esses rapazes macilentos, de olhos assonrentados, trémulos, balbuciantes, que se imbecilizam com estupefacientes, que se inficionam em alcouces, que passam as noites em claro nas lavolagens infectas, bebendo, fumando... É uma mocidade murcha, fragil, sem ideal, em cujos bolsos poderá faltar dinheiro, mas haverá sempre um frasco de ether ou de morphina, cocaina e um estojo Luer. Essa é a mocidade chamada no hymno a «esperança da Patria».

Bôa esperança, não ha duvida. Se é com ella que a Patria conta vencer no futuro está bem arranjada.

Decididamente as formigas podem ir tratando da revolução democratica, que desthronará o rei da creação, porque o 15 de Novembro não lhes dará trabalho.

A indiferença com que o homem encára o terrivel problema chega a ser revoltante. É verdade (sejamos justos) que ha um pequeno grupo de reaccionarios que cumprem os preceitos da hygiene e praticam o espôrte. Contra esses, porém, (e nisto ha, a meu vêr, trabalho subterraneo de formiga) já se levantam vozes a pretexto de que a vida ao ar livre, os exercicios de campo e nagua compromettem o desenvolvimento intellectual e o governo, para salvar o genio do povo, está disposto a taxar pesadamente, com impostos, todas as sociedades esportivas, limitando-lhes os treinos.

Felizmente em S. Paulo, graças á propaganda activa de um estheta : o Dr. Renato Kehl, fundou-se uma sociedade eugenic, da qual fazem parte as maiores summidades medicas paulistas.

Preconizando a sciencia de Galton, que trata do aperfeiçoamento physico e moral do homem, a Sociedade Eugénica de S. Paulo, realisando conferencias, espalhando boletins, prégando, demonstrando, vai conseguindo realisar, ainda que lentamente, a obra philantropica da regeneração do homem, para cuidar, em seguida, do aperfeiçoamento da especie. A materia prima que ahi temos está tão esmagada que se não fôr convenientemente corrigida e apurada não dará produto apreciavel... e as formigas (ou os ratos) tomarão conta do mundo, o que será uma espiga e uma vergonha para a especie humana.

Ainda é tempo de corrigirmos o nosso erro. Pratiquemos a eugénia, tal como no-la ensinam os seus nobres propagandistas, e regressaremos á idade de ouro apollinea, idade da belleza e da força, mantendo o senhorio do mundo. Se tal não fizermos, ahi de nós, *vae victis!* o mundo ficará transformado, como annunciou o sabio, em immenso formigueiro e nós teremos a sorte da cigarra da fabula que :

Ayant chanté  
Tout l'été,  
Se trouva fort dépourvue  
Quand la bise fut venue.

O resto é conhecido.

18 de Dezembro.

1920





## Reflexos

---

O Tempo é o espelho em que a Vida se reflecte, e, como o espelho, é juiz inexoravel nas sentenças e depositario fiel porque tudo quanto recebe devolve, sem conservar comsigo particula do que lhe fiam.

Venha á barra da accusação esse que diga : «O espelho mentiu-me ou o Tempo enganou-me.»

Nem o espelho mente, nem o Tempo engana ; nós, sim, é que sempre andamos com elles em mascara, e como lhes apparecemos assim nos elles mostram disfarçados, ainda que sempre desvendando a hypocrisia, seja de alfena nos cabellos e de cosmetico na pelle, seja de virtude ou genio.

Que faz o espelho ? reproduz, com precisão minuciosa, tudo que nelle se projecta, desde, porém, que a imagem se retira do seu campo esquece-a.

Porque havemos de querer que se fixe o que é

ephemero, que perdure o que é transitorio? Versatil seria o espelho se manifestasse preferencias: mostra a imagem tal como a recolhe, sem falha de um traço, sem accrescimo de um ponto — não defórma nem corrige, reproduzindo com exactidão absoluta.

Impassivel, não se commove com a lagrima, nem se alegra com o sorriso, como o céu, que se mantém eternamente o mesmo na sua augusta serenidade, além das nuvens, quer esplenda o sol, quer escureçam tormentas.

Assim tambem o Tempo. Nós é que nos illudimos com orgulho fátuo ou com arrebiques ridiculos de vaidade acreditando nas vozes da lisonja ou nos artificios com que só a nós mesmos enganamos. Assim como se agita a Humanidade, assim apparece no Tempo, debatendo-se em fogo e em sangue ou celebrando apotheoses gloriosas; tranquilla ou alvoroçada, mas nem as calamidades duram sempre nem a fortuna eternisa-se: os aspectos variam succedendo-se e o Tempo, como espelho, que é, não faz mais do que reproduzi-los.

Sendo espelho não nos dá o Tempo senão as imagens existentes — nem o Passado, nem o Futuro, apenas o instante que fixa.

Procuremos as horas de hontem, o minuto de ha pouco, o segundo que pulsa; passaram. A imagem que temos diante dos olhos, essa é que se estampa no quadro luminoso e essa é a vida.

Que ha debaixo da imagem no espelho? além da esperanza, no Tempo? nada.

Contentemo-nos com a visão, gozemo-la no reflexo breve e nos minutos rapidos. O Tempo e o

---

espelho são dois vacuos em que transitam as nossas illusões.

Só ha um meio de viver no passado e no futuro — é guardar lembranças e sonhar.

1 de Janeiro.

## Terra patria

---

«Genios, chamavam os gregos aos seus mortos, os romanos davam-lhes os nomes de lares, manes ou penates» diz-nos Cicero. «Rendei aos deuses manes o que lhes é devido, ordena o tribuno maximo — são homens que deixaram a vida e que devem ser tidos por divinos». E acrescenta: «Os nossos antepassados entendiam que aquelles que se desligavam da vida deviam ser contados no numero dos deuses».

Taes palavras, vindas de tão alto, achei-as eu na obra de Leon Roux, intitulada: *Le droit en matière de sepulture*.

E porque as trago para aqui? para com ellas secundar a campanha generosa que vai ser iniciada pelos que amam verdadeiramente esta patria e querem-na vêr integra no dia do seu jubileu secular, em Setembro de 1922.

E não está ella inteiriça, tal como a tomamos das mãos que no-la detinham e ratificada em to-

das as suas fronteiras ? Ha algum rasgão na sua bandeira assignalando trecho que haja sido conquistado por inimigo audaz, vendido por traidor infame ou desagregado de todo por alguma acção de rebeldes ? Não e sim.

Não, porque a terra propriamente ali está no seu conjunto geographico, dentro das suas lindas, e sim porque uma parcella, pequena em quantidade, mas de valor immenso, foi levada para longe, não como as das barrancas amazonicas, que o poderoso rio esbarronda a carrêa na correnteza, indo lançá-las em littoraes alheios, expatriando-as, mas como as terras que vóam nos turbilhões exilando-se dos seus assentos.

E essa terra a que me refiro foi vida, teve uma alma em si, conteve um coração, amou e soffreu e quando, depois de florir e dar frutos, que ainda gozamos e que hão de ser eternos na Historia, cobriu-se de neve, um sopro revolucionario envolveu-a, levou-a para além dos mares, lançou-a no exilio onde, de pura saudade, esterilizou-se na morte, revertendo ao que era primitivamente — pó.

E que pó é esse ? um pó que, nem por estar cahido, deixa de empannar o nosso brilho ; um pó que ennubla a nossa gloria ; um pó que macúla o nosso character e faz suppor, a quem nos olha, que vivemos perpetuamente em alvoroço de tempestades ; um pó que nos envergonha porque se levanta do tumulo como um protesto contra a nossa ingratição.

Demos-lhe o nome que tem e que, ainda na morte, é grande e impõe-se, como Anthar : Pedro 2.º.

O corpo desse brasileiro, lançado fóra da Patria

pela revolução de Novembro, não sahiu por um rastro de sangue, mas por um veio de lagrimas. O bandido, ao perder de vista as praias brancas e o perfil azul dos montes, não teve outro gesto senão o de um adeus! e, em vez de amaldiçoar aquelles que o expulsavam, pediu aos céus que os inspirassem e protegessem para que levassem o Brasil a bom destino. E quando se dirigia para o navio, que, para o sempre, o devia divorciar da Patria, inclinou-se, não como o romano, para beijar o solo materno, mas para tomar-lhe um bocadinho do chão, um punhado de terra, quanto bastasse para repouso da sua cabeça nevada, para nella dormir e morrer. E assim foi.

E onde cahiu esse homem? Onde jaz esse pó? Justamente na capital da antiga Metropole, no Pantheon dos reis d'esse mesmo Portugal que foi senhor da nossa liberdade e do qual nos tornamos independentes, vai fazer um seculo.

Dono, que era, das terras e dos mares e até do céu que o Cruzeiro assignala, Portugal tudo nos entregou e, por tal motivo, já nos preparamos para commemorar festivamente o centenario desse acto, em virtude do qual nos tornamos uma nacionalidade. Mas, pergunto eu? temos todo o nosso territorio conosco, temos toda a Patria á sombra da bandeira?

Referindo-se ao baptismo, disse Diderot em um pequenino e formoso conto: «Basta uma gotta d'agua para fazer um anjo.»

Basta um grão de terra, digo eu, destacado do solo, para desfalcar um territorio.

E esse corpo que jaz em S. Vicente de Fóra é terra sagrada. Foi nella que, durante mais de meio seculo, esteve a nossa bandeira e a corôa do imperio,

que fomos ; foi nella que se desenvolveu o nosso progresso inicial, que floreceram as letras e as sciencias, que se desenvolveram o commercio e as industrias, que se assentou, tranquilla e feliz, a Familia antiga, que se reuniram os heróes guerreiros quando partiram para a campanha e quando regressaram triumphantes. Ella foi a Patria, emfim.

E é justamente essa terra que Portugal possui e guarda como um refem.

De que serve triumphar se deixamos nas mãos do vencido, como tropheu, a nossa bandeira ?

Resgatemos a nossa culpa de ingratição e demos á terra o que lhe pertence para que, na data gloriosa, diante do tumulo do que foi um grande Principe e um dos brasileiros que mais honraram o Brasil, possamos celebrar a nossa independencia, cingindo com a bandeira todo o territorio patrio, nelle incluindo a terra d'esse corpo que já devera, como o dos lares romanos, ter um monumento que valesse por um templo civico.

15 de Janeiro.

## Ficha de consolação

---

Sahem de uma para outra noite.

Na travessia que fazem dos seus lares miseros para a mina sentem e ouvem os operarios subterraneos os annuncios festivaes do sol : são os gallos que cantam na escuridão da madrugada, são os primeiros livores em que se dissolve a treva no horizonte, são pios de passarinhos que acordam.

O sol propriamente, esse, só aos domingos lhes é dado vêr. Nos outros dias sahem da noite das horas para a noite mais negra e abafada do fundo da terra e na immensa sepultura trabalham para a fortuna, extrahindo da pedra profunda o ouro das riquezas.

São elles que fazem yir á tona da vida, para movimentá-la, o metal formidavel que tudo vence. São elles, como os genios das historias encantadas, que fazem surgir maravilhas, que espalham o bem e o mal.



Com o que desentranham, abrem sorrisos felizes e fazem correr lagrimas ardentes, desenvolvem as lavouras e as industrias, apparelham frotas de commercio, activam as artes e a sciencia, agitam e aperfeiçoam o mundo ou tudo subvertem alimentando as guerras devastadoras.

São forças inconscientes, como as da natureza, que se não alegram com os prazeres que provocam nem se apiedam das desgraças que espalham, porque não dão pelo que fazem, trabalhando sempre soterrados, como vermes em sepulcros.

Esses *nocturnos* que, desde moços, exilam-se nas galerias negras, são como as raizes que sustentam as arvores sem jámais sentirem em si o carinho de um raio de sol. Tudo que absorvem fazem subir pelos troncos indo ter ás folhas, desabrochando em flores, formando-se e crescendo em frutos.

Manipuladores de ouro, ai! delles se enfermam. Recolhidos ao catre do lugurio em que jazem, perecem miseravelmente estendendo, muita vez, á esmola a mão que arrecadou milhões. E quando a velhice os verga enfraquecidos, se os não atoparam os filhos, é certo acabarem mendigando nas estradas, dormindo em ranchos palliços. é verdade que com a compensação de poderem olhar o sol que não viram enquanto tinham o viço da mocidade e força para gozar as horas de ouro.

Vida igual á dos mineiros é a do jornalista. São elles que fazem a agitação fecunda trabalhando infatigavelmente com a penna, como os outros trabalham com o almocafre. São elles que recavam nas profundezas a materia prima dos negocios, que outros realisam; são elles que preparam as situações, que outros

aproveitam; são elles que annunciam as festas, em que outros se divertem; são os pregoeiros das guerras e os arautos da paz e com o resto de tinta com que encerraram um artigo venturoso, iniciam a noticia de uma catastrophe.

Levam a vida pelos caminhos que o destino traça, ora veigas risonhas, ora andurriaes pedregosos ou lamacentos.

Esses homens-força, de cuja penna ligeira e incançavel depende a tranquillidade das nações, trabalham para todos e para tudo, menos para elles proprios.

No afan em que vivem esquecem-se de si mesmos e se uma doença os atraicõa ou se a velhice os inutilisa, elles, que levantaram construcções magnificas, que deram gloria e fortuna generosamente, ficam ao desabrigo, vendo passar em fausto ostentoso aquelles que, tantas vezes, com ar pedinte e sorriso lisonjeiro, subiram as escadas do seu jornal, indo interrompê-los no trabalho para pedir-lhes uma linha ligeira, com a qual, como o fio de Ariadne salvou Theseu, conseguiram livrar-se de uma difficuldade, alcançando os milhões ou o triumpho que desejavam.

E o jornalista sorri resignado e ai ! delle se ousar recordar ao felizardo o auxilio que lhe prestou, além do olhar arrogante terá a palavra desprezivel que o afastará do caminho facil por onde corre reluzente o automovel do millionario ou do chefe situacionista.

Foi para dar agasalho a esses *descuidados* que a *Associação da Imprensa* pensou em construir o *Abri-go dos Jornalistas*, onde poderão, d'ora avante, enveleher debaixo de telhas e com um pedaço de pão garantido, os mineiros que passaram toda a vida

trabalhando para os outros, espalhando ouro a mancheias, desbravando os caminhos difficeis das grandezas sem pensarem, um instante, no futuro que os esperava.

Andou bem a *Associação da Imprensa* construindo esse porto resguardado para os imprudentes que correm attrahidos pelos cantos das sereias (e ellas são tantas !)

Que se embalem nas arias fellaciosas, que dêem ás perfidas cantoras o calor do sangue das suas veias porque, quando, exangues, enfraquecidos, ellas os lançarem dos braços e os miseros se virem trambolhando nas ondas, poderão voltar os olhos para aquella casa, construida pedra a pedra pela Providencia que sabe os filhos que tem.

De agora em diante poderá ao menos o jornalista (refiro-me á maioria, porque ha excepções, bem sei) dizer, estendendo os braços no espreguiçamento do fim da lida :

— Ora... ! Tenho onde cahir morto.

E deixem lá ! para quem não olha para o dia de amanhan, já é uma consolação saber que tem a cama feita para dormir... á noite.

22 de Janeiro.

## Pernas . . .

---

Sirva de exemplo á Igreja o caso do Paraiso.

Dona do immenso e opimo pomar edenico, sempre carregado de frutos lindos e saborosos, porque havia a Mulher de preferir o pomo da Arvore defesa? Justamente por ser prohibido. Se o Senhor não houvesse, na sua liberalidade, exceptuado a arvore do meio, é possivel que, até hoje, os seus frutos se conservassem intactos, se já não houvessem apodrecido nos ramos.

Mas o diabo, que é astuto, soube tirar partido da sentença divina e taes caraminholas poz na cabecinha airada da doudivanas, promettendo-lhe mundos e fundos, justamente como fazem os «almofadinhas» frequentadores dos cinemás, que a tontinha lá foi com a mão ao fruto e o resto . . . lá está a Biblia.

Houve escandalo, um anjo expulsou o casal do Paraiso, vieram os trabalhos, as dores, os filhos, as dividas . . . um inferno !

Proibir é um erro. Se a Mulher tivesse medo do diabo não o teria ouvido naquelle momento de guldice, que tanto nos custa porque, apesar do baptismo, ainda nos fica no corpo muita coisa de que não nos conseguimos libertar nem á mão de Deus Padre.

Acho que a Igreja andaria mais acertada se, em vez de prohibir os exaggeros da Moda com ameaças de excommunição, inferno e outros castigos, chamasse a Mulher ao confissionario e lhe dissesse, com brandura, que «o homem, filho de Eva, é curioso e deve ser levado pela curiosidade.»

Nem tudo se deve mostrar. Só o mysterio attrahe. A habilidade consiste em conceder pouco a pouco . . .

O proprio céu conquista-se lentamente e se ha um meio seguro de obter a Bemaventurança, esse, segundo Vieira, é o rosario. E o rosario não foi feito senão para ser rezado conta a conta, debulhadamente, com vagar e fé. Ninguem o atira sobre o altar: reza-o com paciência e, quando chega á ultima camandula, tem as graças seguras e pôde dormir em paz.

A mulher deve ser lentamente decifrada, como enigma, que é: encanto a encanto.

Porque desapareceu do mundo a Verdade? porque teve a infeliz idéa de apresentar-se nua, mostrando todos os seus defeitos e inconveniencias que, umas vezes, prejudicam o interesse ou, com a franqueza, são incompativeis com o que chamamos: boa educação.

A Mentira, senhora do mundo, é habil, astuta e refolhada: rebuça-se com o dolo, veste-se de mil dis-

farces, mascara-se com a hypocrisia, enfeita-se toda de illusões e vence.

Uma menina que não se resguarda, que tudo traz exposto aos olhos do mundo é como o prodigo que atrai a sua fortuna á rebatinha e, um dia, recorrendo ao cofre, não encontra vintem.

Isis, a grande deusa, nunca mostrou aos seus fideis o rosto mysterioso e tal reserva garantiu-lhe o prestigio . . . até hoje.

Eu entendo que isso de andar com as pernas á mostra, longe de attrahir, espanta. O anzol deve estar escondido; mostre-se a isca, que é o rosto formoso, o mais occulto-se, e, quanto mais escondido, melhor.

A Igreja póde conseguir a moralisação que deseja, não com ameaças, que a Mulher não teme, mas demonstrando que o processo por ella posto em vóga é contraproducente — as coisas muito offerecidas fazem-nos desconfiar.

Varias cartas tenho eu recebido de pessoas circumspectas que pedem a minha intervenção nesse caso da nudez.

O assumpto seduz, não ha duvida, mas é perigoso porque, para discorrer sobre elle, terei de tocar nas pernas e no mais, e o que de menos me póde d'isso resultar é uma vaia estrondosa de bolina para baixo.

Não, não serei eu quem metta a mão em combúca.

A gente começa pelas pernas, vai indo, vai indo e, quando dá por si, está perdido. Se o mundo anda agora tão mal, tenho, para mim, que é por causa das pernas das mulheres que fazem os homens perder a cabeça.

A Igreja que cuide dos vestidos, tratando de pôr cobro (aqui talvez seja melhor dizer cubro) ao escan-

dalo, antes que a sociedade vire de pernas para o ar.

Eu, por prudencia, mantenho-me na minha quiete, veñdo em que param as modas.

29 de fevereiro.

## O que nos falta

---

Louvado seja o Senhor que me criou para adorar esta Terra, meu berço, meu lar e meu túmulo na morte!

Louvado seja o Deus de meus pais, a quem rezei pequenino e a quem, ainda hoje, me dirijo em ações de graças nas minhas alegrias e em preces cheias de fé nos meus sofrimentos; o Deus que accendeu e mantém em minha alma, como lume perecível, o amor da minha Pátria, que vai crescendo com a velhice como se inflamam em mais ardor as nuyens no occaso quando declina o dia. Esse amor irradia como raizes que a tudo se estendem, porque a tudo me apego — aos montes altos que parecem, pelo azul que os tinge, immensos blocos destacados do céu, e à flor que oscilla, fragil, na haste de uma graminhea; às florestas opulentas e aos campos avelludados; ao mar e aos rios; às cidades e às villetas; às gentes e aos animaes, a tudo.

Tenho todas as coisas por minhas, alegro-me e



soffro com ellas, e chamo-lhes irmãs, como as chamava carinhosamente S. Francisco.

Nos ermos, quando por elles ando, penso nas cidades; nas cidades, recolhido ao silencio, recorro dias e noites que vivi na solidão grandiosa das nossas matas, luarezes em campos largos, agasalho em choupanas sertanejas, dormida em ramadas gaúchas e, vendo, recordando, t'ago toda a patria commigo, não muda como em uma carta em que apenas apparece figurada, mas viva, com todas as suas bellezas e o que nellas é alma: o som, a côr, o perfume, o movimento.

Ha occasiões em que evoco e revejo scenas e paisagens e gozo-as como se nellas estivesse e o meu maior prazer, porque não dizê-lo? é falar aos meus filhos do que hei visto, descrever-lhes as minhas peregrinações, levando-os commigo, ao som da palavra, por essas terras fóra, grandes, lindas, maravilhosas, virgens em tantos tratos e todas escondendo riquezas que só esperam o desencantamento para expluïrem em veios copiosos.

Foi justamente na Europa e em Paris, essa seductora d'almas, que eu mais me senti ligado á minha Patria. A saudade acompanhava-me a toda a parte, como uma sombra que abrumasse a minha visão. E em Paris orgulhei-me da cidade onde deixára o coração repartido em sete pequeninos e, comparando a metropole do mundo com a capital florida e toda em relevos de montes, com o mar aos pés e a sua linda cinta de praias resplandecentes, calei o meu orgulho.

Mais corajoso do que eu foi esse brioso soldado que, regressando do deslumbramento europeu, em vez de torcer o nariz ás bellezas da sua terra, como fazem tantos, dando-se ares displicentes, entrou por

ella bradando os seus louvores, chamando-lhe, como no cantico « a formosa entre as formosas ! »

Muita gente — é tão negro o pessimismo que escurece as almas ! — ha de ter sorrido da apologia entusiastica que fez do Brasil, nesta mesma folha, o capitão Ildefonso Escobar. Esses taes, que vivem com o espirito longe, preferindo, como affirmam, uma agua-furtada em Paris ás maiores delicias que aqui lhes offereçam ; esses, de certo, devem ter achado ridiculo o *Sursum corda!* do patriota.

Eu commovi-me com elle e agradeçi a Deus a ventura de haver consentido que eu ouvisse palavras de tanta esperanza, hymno de tanto enthusiasmo e verdades que o tempo ha de confirmar dentro em breve e que só esperam a bôa vontade dos brasileiros para que o mundo todo as conheça e proclame.

« Nós ainda não sabemos o que somos e o que valemos, mas, quem vai á Europa observa e compara, vem convencido da nossa pujança, da nossa grandeza material e moral. »

Que nos falta para que nos imponhamos ao mundo ? braços, dirão as vozes dos que entendem que as patrias só valem pelos balcões.

Não póde haver nacionalidade sem patriotismo, força que alguns acham ridicula, mas que, como a vida, pulsa no coração. Esse é o principio da grandeza, o prestigio que tudo consegue, o propulsor de todas as energias, o espirito eterno, a alma, emfim, das nações, alma que as leva ás grandezas, que as anima na luta, que as acorçôa nas iniciativas, que as consola nos desastres e que as eternisa.

Essa é a força que nos falta.

Patria possuimo-la e a mais rica e formosa entre todas, e será a maior em futuro não remoto, realisando a prophesia do seu filho amoroso, se os que nella nasceram e nella vivem se resolverem a amá-la um pouco mais do que amam as terras estrangeiras.

12 de Fevereiro.

## O cedro de Therezopolis

---

Foi, de certo, a propria hamadriade que, sabendo, pelos passaros e pelas borboletas, que o Poeta se achava na montanha, resolveu levar-lhe a sua queixa, pedindo-lhe que a defendesse do machado que ameaçava o cedro em que assiste, ha' seculos. Disfarçando-se em perfumes e aproveitando as azas da brisa foi-se do tronco augusto á presenca d'aquelle cuja voz tanto tem celebrado as magnificencias e a belleza da terra patria.

Alberto de Oliveira, guiado pelo aroma, que era o espirito ou divindade da arvore condemnada, foi ter á Varzea e a sua grande alma teve um deslumbramento ao dar com o formoso remanescente da primitiva floresta alpestre, alto de mais de sessenta metros, frondoso e regumando força e mocidade viçosa.

Na idade de ouro seria um templo, e os seus ramos, entrelaçados de infulas, as suas raizes cobertas de oblações diriam o respeito religioso dos homens, e to-

dos os que se chegassem ás raias da sua sombra receberiam os beneficios salutaes espalhados pelo seu halito resinoso, respirando o ar que elle purificasse, bebendo, a sorvos, a agua pura sugada das arterias subterraneas pelas ventosas das suas raizes.

Esses tempos passaram e o espirito que hoje governa nos corações é o d'aquelle perverso e sacrilego Herisichton, tão duramente castigado por Ovidio nas « Metamorphoses ».

O cedro da Varzea de Therezopolis coube, por compra do terreno em que nasceu, a um turco, e este, indifferente á magestade da arvore e á tradição que nella se continha, como em relicario vivo, sentando-se na mesma raiz em que se sentara Agassiz, maravilhado e louvando a terra fertil que produzira tão perfeita belleza, poz-se a calcular o valor em taboas bem serradas e em lenha daquella arvore que não dava frutos e, esfregando as mãos, contente, chegou á conclusão avara de que poderia tirar um conto e quinhentos em Lóas notas do Thesouro, ganhando ainda o espaço de terra orfan para nella plantar alguns pés de milho ou levantar uma cerca de chiqueiro para ceva de porcos.

Ajustou lenhadores robustos e já os machados afiavam-se nos rebolos quando o Poeta, levado pela hama-driade aromal, defrontou-se com o cedro condemnado.

A indignação de Alberto de Oliveira subiu de ponto ao conhecer a sentença lavrada pelo ottomano contra a arvore formosa. Os telegrammas que expediu ao presidente do Estado e ao Prefeito são vezes tão altas como as mais bellas que lhe têm salido da grande lyra, são hymnos de suave misericordia, cantos de amor á Natureza, appellos de patriotismo.

«Presidente do meu Estado não pôde ser indifferente bellezas naturaes de Therezopolis, entre as quaes avulta enorme cedro, quasi centenario, que assistiu á fundação da cidade e agora, por mãos barbaras, ameaçado de morte. Prefeito do municipio conhece o caso. Rogo V. Ex.<sup>a</sup> ouvi-lo e, com um gesto do seu esclarecido espirito, conjurar tremendo attentado.»

E ao Prefeito :

«Peço V. Ex.<sup>a</sup> não esquecer advogar causa cedro e grupo escolar junto Presidente Estado ora em visita esse municipio.»

Não se perderam no ar as palavras do Poeta que obtiveram do Presidente do Estado a seguinte resposta :

«Autorisei a compra do terreno onde existe o magestoso cedro, para que, edificado o grupo escolar, seja devidamete resguardado o maravilhoso precursor da uberdade da terra fluminense. Como symbolo ficará ensinando ás gerações vindouras o amor á natureza.»

São lições taes que formam o caracter das crianças. Quando, acudindo ao grupo escolar, os pequeninos virem a arvore que o vai assignalar, lembrar-se-ão do Poeta e do seu procedimento meigo, comprehendendo que a solidariedade entre as criaturas não se limita nas leis de intimidade humana, estendendo-se igualmente, em amor, a tudo que a natureza maternal nos dá para nossa companhia, para nosso conforto, em defesa da vida e embelezamento da terra.

O cedro de Therezopolis foi mais feliz que o «baobab» da Gloria.

O gigante africano, que adoptara por patria a terra

do exílio, que viera, talvez, em navio negreiro acompanhando uma leva de escravos, plantado ali á beira do mar crescera, frondejara, tornando-se um diversorio em cuja sombra repousavam trabalhadores

Um dia o pessoal da Prefeitura, talvez por coherencia com a Lei de 13 de Maio, que aboliu a escravidão, derrubou a arvore patricia dos escravos, plantando na cova, de onde lhe sahiram as raizes, um ridiculo « flamboyant », que lá está.

Praza a Deus que não aconteça o mesmo ao jequitibá do Corcovado a ás quatro arvores geminadas que são a curiosidade maior, senão unica, do Parque do Palacio Guanabara, e que só vivem porque alguem, em tempos, sabendo que as pretendiam derrubar, correu ao Itamaraty, pondo o lindo grupo vegetal sob a protecção do Barão do Rio Branco.

Que o nobre exemplo dado por Alberto de Oliveira sirva de estimulo aos artistas para que defendam as nossas bellezas naturaes contra a ignorancia bronca e a ambição desmarcada dos que as depredam... á turca.

26 de Fevereiro.

## No gallinheiro

---

Uma noite, durante um longo intervallo de uma comedia soporifera, escripta com essencia de morfina por algum descendente de Epimenides e desempenhada, com morosidade torpida, por um grupo da estirpe dos sete dormentes, conversavam no Assyrio dois homens de letras.

Um delles, depois de admirar a frisa dos archeiros, enquanto o outro contemplava, com sorriso ironico, as cabeças ornamentaes dos touros, disse, mexendo lentamente o « grog » com que se aquecia a pequenos goles :

— Aluizio, quando aqui esteve, visitando este theatro, longe de enthusiasmar-se com os seus porphyros e bronzes, com os seus marmores e escaques, com as suas pinturas, com os seus velludos, com todo o seu luxo, enfim, fez um momo de aborrecimento e sahio sem uma palavra de louvor.



Estranhando a indiferença do escriptor, que era um artista de temperamento, interroguei-o :

— Então ? Que dizes ?

— Digo-te, meu velho, que isto não é para nós. Faz-me lembrar o salão de visitas da minha casa, no Maranhão. Era a peça de luxo, com mobiliario europeu, tapetes, espelhos caros, quadros, uma riqueza que nós, os pequenos, comparavamos, maravilhados, ás que ouvíamos descriptas nas historias das « Mil e uma noites », mas na qual não tinhamos licença de entrar e se nos atreviamos por ella, sorrateiramente, aproveitando as horas em que a criada ia fazer a limpeza, arejá-lá, dar-lhe um pouco de sol, o chinello que conduzia minha mãe, exercitava-se, com violencia, não nos pés da veneranda senhora, mas em ponto, tambem de assento, um pouco superior e mais sensível... e nosso. E eram sempre as mesmas irritadas palavras : « Que aquillo era o salão das visitas. Que não queria ali malandros ! Que fossemos para o quintal ». E se apparecia em algum dos tapetes um grão de areá, aíl de nós.

Assim, o tal salão maravilhoso só nos humilhava e servia de pretexto para que andassemos, volta e meia, experimentando solas mais ou menos grossas que nos offendiam melindrosamente o amor proprio.

E quantas visitas vimos nós de sapatos enlameados e calças no fio pisando aquelles tapetes, esfregando-se naquelles estofos ? ! Mas eram visitas !... Assim este theatro.

E o litterato concluiu :

— Está lá em cima, achichellando a arte, uma companhia reles, de actores de quarta ordem, que repre-

sentam, com prosodia marselhesa, em scenarios de alu-  
guer, uma estafada comedia de repertorio provincia-  
no, mas é franceza, e tanto basta para que seja sup-  
portada, com enlevo, por um publico que veste ca-  
saca e abre decotes pagando, com cambio, sem pro-  
testo, as cadeiras que occupa. Tente um empresario  
brasileiro installar ali uma companhia nacional, com  
repertorio nosso, scenarios proprios e aceiados e verá  
como lhe dão em cima os criticos, como o encan-  
za a administração, como o persegue a Prefeitura,  
como o repelle o publico. Aquillo é só para visitas, se-  
jam ellas quaes forem.

E assim tem sido.

Agora mesmo, lendo-se o edital de concorrência  
para a occupação do Municipal no anno corrente, lá  
se nos depara a alinea *d*), da clausula 3.<sup>a</sup>, que im-  
põe, entre outras obrigações pelas quaes se compro-  
metterão os pretendentes, a da « organização de mais  
tres companhias dramaticas de 1.<sup>a</sup> ordem, uma por-  
tuguesa, outra franceza e outra italiana ou hespa-  
nhola ». E mais que appareçam — japonesas, senega-  
lesas, hindus, australianas, yugo-slovenas ou vacas  
(slovacas, os entendidos hesitam entre venas e va-  
cas) todas terão entrada no Municipal.

As brasileiras que se contentem, como as crianças,  
com o quintal, que brinquem por ahí á vontade, que  
uma casa como aquella, em que se enterraram tan-  
tos milhares de contos, não é para uma Julia Lopes,  
para um Goulart de Andrade, para um Roberto Go-  
mes, para um Claudio de Sousa, para um Pinto da  
Rocha, para um Oscar Lopes, para um Bastos Tigre,  
para um Renato Vianna, nem para Lucilias, Appol-  
lonias, Italias Faustas, Fróes, Ferreiras de Souza,

Joões Barbosas, etc., etc... Aquillo é para visitas.

Se é o governo o corypheu da campanha da demoralisação do nosso theatro que havemos nós de fazer? Vamos para o quintal e... representemos no gallinheiro. E talvez um dia possamos cantar... de gallo, como Chantecler.

4 de Março.

## Resurreição

---

Já agora não haverá forças que contenham a victoria. O martyrio foi longo e a affronta não hesitou ante vilipendio algum. Arrastaram-no do solio em que elle, diante da thymele sagrada, celebrara as glorias dos homens e prestara culto aos deuses, lançando-o nos mais vis tablados onde tripudiavam, em frenesi delirante, as patas rachadas dos satyros; trocaram-lhe o pallium e os cothurnos por uma penula rota de peregrino e carbátinas pastranas e, repellindo-o, com desprezo, de todos os lugares, onde elle poderia installar-se com o seu *thyaso*, apregoaram-lhe a morte, lamentando-a com a mesma hypocrisia lugente com que, nas adonias, as sacerdotisas entoavam, em tom lugubre, o lino funereo.

Essa guerra, movida, com acerba tenacidade, tinha o intuito perverso de afastar do edificio sumptuoso, que fôra levantado, como o Parthenon de Athenas, com o dinheiro do povo, o seu legitimo dono,

para nelle installar, a troco de algumas drachmas mesquinhas, emprezarios adventicios.

E assim fez-se.

Repellido do que fôra construido em seu nome, o misero Theatro brasileiro ficou no mais triste abandono, prestando-se aos commentarios irrisorios dos que passavam por elle e a sua casa, em vez do archonte que a devia administrar, zelando pela tradição, foi entregue a um homem do valor daquelle a quem Demosthenes, nos *Cavalleiros*, quer eleger para o governo da Republica.

E o edificio, que devia receber e agasalhar, com belleza e conforto, o nosso Theatro, tornou-se o diversorio dos barbaros, um bem privativo dos estrangeiros, defeso ao nacional, que foi julgado indigno de pisar-lhe as lages com as solas dos abarcas rotas. Ai! daquelle que tentasse aproximar-se do santuario da xenomania — o superintendent •it• sahia ao pro-naos e expulsava o ousado, viesse elle com a mascara ou com o instrumento com que figurara no Odeon.

Construcção de tanto preço, levantada com pedras varias e bronzes, alfaiada como o palacio de um sátrapa não era para moradia de um pé rapado, ainda que elle trouxesse á cabeça a cigarra de ouro, emblema dos eupatridas.

E as grande portas escancararam-se francamente a todos os estrangeiros, fossem elles quaes fossem, notabilidades ou cabotinos reles.

O zelador pouco se preoccupa com o valor do locatario, desde que elle traga passaporte e nome que o recommende á vaidade dos que não vão á Arte porque a estimam e entendem, senão para fingirem de entendidos.

E, com o dominio do usurpador ia-se, a mais e mais, estiolando, enfraquecendo o nosso Theatro, affirmando-se, e sem pena, antes com ar de triumpho, que o misero havia perecido. Eis, porém, que elle surge, apesar de abafado, rompendo atravez de todos os tropeços, como a saxifraga que dá voltas pelas rocha eu mette-se por ellas, estalando-as e insinuando-se-lhes nas fendas até triumphar ao sol, crescendo á luz e ao ar com impeto de quem toma represalia de longo e continuado martyrio.

É o que está acontecendo com o nosso Theatro: tanto o abafaram, espesinharam, calumniaram, affrontaram dando-o por morto que elle, haurindo forças na terra que lhe servia de tumulo, resurgiu e com uma possança que ha de ter espantado os seus algozes e detractores, como o Christo assombrou, fazendo-os rolar por terra, deslumbrados, aos legionarios romanos quando resurgiu gloriosamente do sepulcro de pedra.

Que dirão agora os *farricocos* que apregoavam a morte do nosso Theatro diante das admiraveis provas que elle nos está dando de vitalidade e força?

Não tínhamos autores, e os originaes apparecem como por encanto; não tínhamos actores, e organisam-se companhias de comedia e drama e ainda de operetas; não tínhamos publico, e os theatros transbordam. Duas peças brasileiras dominam os cartazes: A *Jangada*, no Trianon e *Os fantasmas*, no Republica.

Com esta, da penna intensa de Renato Vianna, um victorioso, que irá longe, reapareceu a Companhia Dramatica Nacional sob a direcção de Gomes Cardim, tendo como figura principal do seu elenco a

grande Italia Fausta, actriz que seria uma gloria do Theatro contemporaneo, e que levaria ao Municipal, de casaca e decote (e por bom preço) toda a alta sociedade fluminense, se viesse como *estrella* de alguma companhia estrangeira.

Das grandes dominadoras da scena que nos têm visitado, aureoladas pelo reclamo, algumas possuian tanto poder dramatico como o revela a nossa patricia eximia, mais, não! E se a nossa basofiada cultura mantivesse dignamente uma scena classica, na qual figurasse a tragedia, eu não receiaria pôr em confronto a criadora da *Electra* com a celebridade de mais alevantado cothurno que nos viesse de ultramar.

As montanhas devem ser contempladas de longe para que se lhes possa admirar toda a grandeza e Italia Fausta está muito perto de nós.

Emfim, depois da noite admiravel da estréa da Companhia Dramatica com uma das maiores enchentes que, ultimamente, tenho visto, creio que podemos dizer aos scepticos, que não acreditavam na possibilidade de tirarmos da Morte o nosso theatro :  
*Surrexit, est hic!*

## Os letreiros

---

Quando appareceu o decreto da nacionalisação dos letreiros e os fiseaes da Prefeitura andarani, como Azrael no Egipto, assignalando os casas attingidas pelo anathema, foi tal o alvoroço na cidade que até se falou em revolução com maximalistas e outros elementos subversivos em campo.

Não se acreditava que o governo municipal tivesse força bastante para arrasar a Babel, pondo todas as taboetas e placas no mesmo idioma.

Houve rebeldes que se insurgiram defendendo, a pés juntos, a lingua dos seus frontispicios e contando com o Supremo Tribunal para manter-lhes os titulos tradicionaes. E começou o bate boca confuso em varios idiomas.

Os proprietarios das casas appellavam para a Constituição e o povo, trahindo a sua propria lingua, resmungava contra o capricho do Prefeito,



homem sem entranhas, que ia destruir um habito transmittido de pais a filhos.

Era effectivamente o *habito*, só elle, que accendia os animos, levantando <sup>as</sup> murmurações contra o acto de puro patriotismo que começava a ser praticado.

Sully Prudhomme assim define o habito :

L'habitude est une étrangère  
Qui supplante en nous la raison :  
C'est une ancienne ménagère  
Qui s'installe dans la maison.

Essa estrangeira, que se installou em nossa casa, repellia arrogantemente a lingua nacional, impondo-se como senhora e dona onde devia viver como hospede, e, pouco a pouco, a cidade ia tomando o aspecto variegado de um bazar polyglotico, e, com a entrada de povos de idiomas complicados, dentro em breve ninguem se entenderia nas ruas, senão valendo-se de trugimões.

E, facilitado o dominio das linguas de arribação, amanha ou depois, contando com a indiferença molle dos naturaes, sobre a taboleta exotica desfraldar-se-ia a bandeira e a cidade ficaria de todo estrangeira, dominada pelos que nella haviam entrado sorrateiramente, no passo subtil com que o poeta diz que anda o habito.

O perigo está justamente na brandura com que se ia, pouco a pouco, realisando a conquista. Aqui, um dizer em francês ; outro, adiante, em allemão ; uma placa em inglês, uma taboleta em syrio, um escudo em turco, uma fita garatujada em chinês, ara-

vias em paredes, hyeroglyphos em portadas e, de português, nem palavra. Mas a vista de taes engrimanços tornava-se um habito e esse habito, que o poeta personifica em uma velha, que toma conta da casa onde recebe agasalho, é um perigo. Diz Sully :

Mais imprudent qui s'abandonne  
A son joug une fois porté!  
Cette vieille au pas monotone  
Endort la jeune liberté;

Et tous ceux que sa force obscure  
A gagnés insensiblement,  
Sont des hommes par la figure,  
Des choses par le mouvement.

Confesso que fui do numero dos que julgaram impraticavel essa reacção nacionalista e tinha, para mim, que a coisa cahiria no esquecimento em que, geralmente, desmoronam todas as boas idéas annunciadas pelos governos novos. Vejo, porém, que a cidade vai lavando a sua testada, com grande gaudio dos pintores e gravadores, os que mais lucraram com o decreto que poz o vernaculo nos eixos, afastando os intrusos, que se mutiplicavam arrevezadamente nas frontarias das casas.

Sentimo-nos agora no que é nosso e estamos livres dos solecismos barbaros com que, tão de contínuo, nos arrepellavam os ouvidos.

O tal *habito*, que se agarrava ás paredes das casas de commercio, com apego de carraça, cedeu o lugar a quem de direito e tudo hoje se diz e escreve em português.

Houve, a principio, estranheza, mas já um novo

habito, e esse o que convem que tenhamos, que é o da nossa lingua, se vai firmando e serenamente.

Pudesse o Prefeito tornar extensiva a sua autoridade á mania ridicula, que impéra nos salões elegantes, das recitações afrancelhadas e sentiriamos mais no intimo d'alma a nossa patria que tem na lingua formosa em que se exprime uma das suas maiores riquezas.

Mas a vaidade é resistente, e não ha força que a destrua. Taboletas e o mais expungem-se, mas a presumpção é indelevel.

Flaubert emittiu este mesmo pensamento por outras palavras, mais acres e mais verdadeiras, no final da carta que serve de prefacio ás poesias de Maupassant : *La terre a des limites*, etc. . . .

18 de Março.

## Bola a goal!

Que uma mulher se mate porque o marido a despreza por outra, porque a maltrata com injurias e bordoadas ou porque não lhe dá o necessario á vida, deixando-lhe o lar sem fogo, a despensa vazia, sem, ao menos, o pão e a laranja, que são os ultimos recursos, no dizer do povo, é um pouco violento, enfim, comprehende-se, mas que, em gesto desprendido e tragico, emborque a taça do veneno por causa de uma bola de couro, é muito!

Pois foi o que se deu ahí num suburbio.

Certa dama, ainda na flor dos annos, desgostou-se da vida e dissolveu-a num vidro de lysol, porque o marido, que aqui ficou, viuvo, dando as cartas, por ser correio, ao deixar a mala da correspondencia, em vez de atirar-se amorosamente nos braços da criatura, enfiava os calções e ia para o campo *shootar* a goal com o seu *team*.

A mulher tentou, a principio, chamá-lo á ordem

com boas palavras para que elle fizesse *goals* em casa, no seio da familia.

O homem prometter, jurou, mas não houve meio — sempre que investia em arremettida ao *goal* era certo achar-se *off-side*. A mulher revoltava-se, queixando-se de que elle jogava sem attenção, distrahido. O pobre homem coçava a cabeça, promettia emendar-se, mas não ia lá das pernas e, no melhor da festa, o juiz apitava : *off-side*.

Desesperada, a mulher revoltou-se :

— Isto assim não está direito. Todo o mundo faz *goals* em casa, só você é que não póde. Por que ?

— Não sei. Bem que eu *shooto*, mas é aquella certeza. Não me ageito no campo. Não sei se é falta de treino ou o que é. Lá, não perco bola ; aqui, é isto. Quem sabe se não é por causa da gramma ? Campo muito grammado não serve: a gente *shoota*, a bola emperra, engasga e é isto. Você fica zangada, mas a culpa não é minha. Eu só queria que você me visse jogar lá no outro campo. É um gosto. E não é dizer que jogo só como *center-half* ; não. Jogo em qualquer posição. E aqui é uma vergonha. Você tem razão, não digo o contrario, mas que hei de eu fazer ?

A esposa misera queixava-se a todos do abandono do marido. O homem não pensava em outra coisa — era só a bola, o *goal* no tal campo, os trancos, um inferno!

Ás vezes, alta noite, punha-se a berrar, a esmurrar os travesseiros. Ella despertava-o e o monstro, em vez de agradecer-lhe a sollicitude carinhosa, ficava aborrecido, amuava :

— Ora você... Que mania ! Eu estava quasi entrando com a bola e você acorda-me !

— Ai ! não havia de acordar... Para os vizinhos

pensarem que estavamos brigando e começarem a dizer por ahí que vivemos como gato e cachorro. Pois você estava berrando como um damnado . . . Não, tem paciência. Isto não póde continuar assim. Ou você endireita ou eu tomo uma resolução e acabo de uma vez com isto. Estamos casados ha três annos e que é da bola ? Nem signal. Não, isto assim não está direito. Não sou exigente, mas tambem não quero passar por tola. Se você não jogasse, por isto ou por aquillo, eu não me zangava, mas jogando como você joga lá fóra . . . Não, tenha paciência.

O pobre homem fazia das tripas coração, esbofava-se, mas qual ! no momento havia sempre alguma coisa que o atrapalhava — *shootava* fóra, na trave ou perdia a bola no melhor momento.

Ha casos assim e o pobre explicava :

— Olha, filha, o Chrispim é uma féra no Bangú, ninguem póde com elle, aquillo é goal um em cima dos outros ; vai jogar em outro campo, não dá nada. Eu sou assim. Que hei de fazer ? Você pensa que é má vontade, não é. Nem que eu faça força, não vai. Jogo é o diabo. Quando se está de sorte, tudo pega, mas quando se está de azar, é escusado.

— Então, não ?

— Vamos vêr. E tentava. Nada ! A pobre criatura desesperou e o desespero levou-a ao suicidio.

Dirão os que não conhecem a «alma humana» que ella era uma tola, por isto ou por aquillo. Eu não discuto, lastimo a pobresinha. Perguntem a um torcedor se ha coisa que enfeze mais do que estar a vêr o adversario fazer *goals* e a gente . . . nada.

25 de Março.

## A Ceia

---

Na ceia, que a Igreja hoje commemora, foi que Jesus expoz aos discipulos, em breves e eternas palavras, e com a allegoria do pão e do vinho, o seu divino programma e essa cerimonia perpetua-se nos banquetes politicos nos quaes os escolhidos dos próceres lêm, com mais ou menos syntaxe, entre o perú e o champagne, as suas plataformas.

Na refeição frugal, em que foi instituido o sacramento da Eucharistia, a victima foi o amphytrião; nas de hoje é o povo que, nem sequer, como Lazaro, que se sentava na escaleira do palacio do rico, á espera de um bocado, que sempre sobrava para a sua fome, pôde ficar á porta do edificio dos comes e bebes promissores.

No ágape evangelico só havia um traidor, já abotoado com os trinta dinheiros do Sanhedrin; nas comesainas da actualidade elles são tantos que, apuradas as sommas que representam, com ellas se

poderiam saldar todas as dividas da nação, sobrando ainda dinheiro em barda para abarrotar o erario publico.

Christo humilhou-se lavando os pés aos discipulos para que andassem limpos ; os de hoje deviam lavar-lhes as mãos e estou certo de que dellas tirariam mais immundicie do que o nazareno tirou das plantas dos seus convivas, ainda que ellas houvessem chafurdado nos atoleiros de Jerusalem, que não primava pelo aceio, como affirmam os escriptores do tempo.

Jesus, por ser Deus, conhecia o traidor e nas palavras com que o denunciou despertou-lhe a consciencia. Os banqueteados de agora, como não os favorece o dom divino, desconfiam de toda a assistencia e, por mais que lhe cantem aos ouvidos as doces palavras da lisonja, estão sempre suspeitosos da perfidia, perguntando a si mesmos :

— «Será este ? Será aquelle ? Qual será o que me ha de trahir ?

Judas ajusta o negocio e leva os agentes dos compradores ao monte das Oliveiras para fazer entrega da mercadoria. Os dê hoje vendem, não só o Mestre, como até o seu reino e tudo que nelle existe, crime que não pode commetter o homem de Kerieth, porque o reino de Jesus era o céu e o céu, como as uvas da fabula, está muito alto para ser alcançado pelas rapozas.

Além de Judas sentava-se tambem á mesa o pescador de Tiberiade, de nome Cephas, que foi christo em Pedro. Esse não era homem de negociatas, mas tinha a vida em grande conta e preferia-a certa, ainda com as tempestades que agitavam o lago e



com a penuria que, por vezes, o fazia soffrer frio e fome na miserriima cabana, á incerteza das promessas do Homem sereno que revijava as terras seccas, sarava os enfermos e resuscitava os mortos.

Foi por pusillaninidade apenas, não por traição, que elle negou o Mestre ao cantar do gallo. Ainda esperou muito, deixem lá.

Os gallos começam a cantar de madrugada, quando as estrellas empallidecem, demittindo-se, para que o sol encontre o espaço livre.

Os Pedros da Politica negam o Mestre logo que as côres da tarde se vão diluindo; não esperam o escuro e, quando os gallos cantam nos poleiros, já elles estão de malas feitas e de passagem para outro lado, tratando do *menu* de outro banquete para ouvirem e applaudirem outra plataforma.

E querem ainda que Jesus seja o typo do Martyr! O martyrio que elle soffreu foi grande para o seu tempo não há duvida, mas com o progresso, tudo cresceu e desenvolveu-se, e, assim como os prazeres multiplicaram-se, mais intensos, assim as traições tornaram-se mais negras, as infamias mais vis, as torturas mais dolorosas.

Um Judas! era um Judas! um Pedro... isso que monta!? Hoje os Judas são tantos que se o Dr. Bulhões Carvalho os excluísse do Recenseamento... nem sei a que ficaria reduzida a nossa população.

Emfim, o melhor é não bulir.

Ceiemos todos, mas certos de que entre os que se sentam commosco á mesa, mais de metade está ali para comer-nos por uma perna.

## Boa nova

---

O Theatro nacional está de parabens.

Tivesse elle a thymelo e deveria cobri-la de flores e cercá-la de tripodes defumando arómatas, com autores e actores em volta, como o côro antigo, cantando victoriosamente um hymno dyonisiaco.

Á falta de casa celebre-se a festa ao ar livre.

O deus que se mostrou a Eschylo, em Eleusis, quando o poeta adolescente vigiava a vinha domestica, não desdenha as alfombras verdes e apraz-se em repousar á sombra do arvoredó, ouvindo as frautas de canna dos satyros do seu cortejo.

Foi assim que o encontrou Thespis quando o fez subir para o carro em que percorreu vagarosamente, séguido de numerosa multidão, toda a Grecia, nos dias de ouro.

Vamos, enfim, recolher a abrigo as duas musas da scena que por ahi andam, dormindo ao relento e sujeitas ás chufas de todas as zabaneiras de

alcoceifa que nos chegam de fóra, recommendadas apenas pelo passaporte que trazem, documento que tem introduzido em nossa patria muitas espigas chô-chás e algumas até nocivas, como provam as grêves e outras calamidades que, ultimamente, tanto nos têm perturbado a vida, dantes serena e facil.

Tantas têm sido as promessas fallazes dos Prefeitos que, certamente, ainda desta vez, muita gente encolherá os hombros duvidando das palavras do Dr. Sá Freire. Eu não sou d'esse rol, posto que, por muito experimentado, deve-se proceder como S. Thomé, que quiz vêr para crer.

Eu não vi, mas ouvi.

As palavras do illustre governador da cidade foram taes e ditas em tal tom que nellas não podia haver disfarce — sahiam da propria sinceridade e vibrantes de patriotismo. Vamos ter o nosso theatro. Louvados e glorificados sejam os deuses eternos que ainda ouvem as supplicas dos homens.

O Prefeito está convencido de que temos o necessario para fazer surgir uma grande arte dramatica, mas, como realisar o prodigio se nos falta o principal — lugar onde ?

Imagine-se um homem robustissimo que possuisse toda uma ucha de boas sementes, mas que não tivesse, de seu, um palmo de terra. Andaria com a sua riqueza de deu em deu até que, cançado da peregrinação inutil e repellido de todos os campos e alfobres, e até das charneças, se deixasse morrer á min-gua sobre o thesouro embryonario da seára desprezada.

Esse homem por ahi anda e onde encontra um cantinho, ainda em abafeira ou pedrento, lança uma

semente e logo se lhe vê o reponte, surge instantanea a tige, abrolha o novedio e todos pasmam do viço, da rapida medrança do que parecia coisa morta, inutil, mais para esterqueira do que para sementeira.

Rejubilem os escriptores, alegrem-se os actores e o publico, que tanto têm amparado e propugnado com sympathia as tentativas, que têm sido feitas e que, ainda hoje, no *Republica*, dará uma demonstração *Entre dois berços*, o da nossa Arte antiga, que morreu, e o da arte nova, que nasce, de que somos capazes de fazer um theatro digno da nossa grandeza e da nossa cultura.

Parabens a todos, e principalmente á Patria.

8 de Abril.

## Elle!...

---

Imaginai um homem perfeitamente são, robusto e alegre, que, ao levantar-se de bem dormido somno, despertasse a filharada e, depois de fazer com ella, mais a esposa, jovem e linda, a refeição primeira beijando as cabecinhas anneladas em buces e a fronte da que lhe déra tantas felicidades gárrulas, sabisse para o trabalho com o frescor da manhan dourada.

Já que imaginastes acompanhai-o commigo na calcurriada feliz em que elle vai da casa honesta para a officina, onde trabalha.

Vai de coração contente e cantarola. Deixou a casa em ventura, com saúde e farta, a pequena roça medrando e o jardinete em flor e, como não vive senão para aquelle thesouro, emquanto caminha, atravez do aroma fresco das hervas orvalhadas e ouvindo passarinhos e cigarras, vai pensando nos que lá ficaram, nos pequenitos e nella, a honesta com-

panheira, cuja imagem o acompanha como uma devoção.

Eis surge-lhe, de improviso, á frente, um embugado de cara farrusca, olhos accessos como dois carvões esbrasidos, cenho carregado, voz aspera, gestos rigidos, que lhe diz, espalmado no ar a mão autoritaria:

— Detem-te! Aqui estou eu! Ouvi a tua queixa e dei-me pressa em acudir ao teu soffrimento. És novo. Cuidas, talvez, que és feliz e vais em tal illusão a caminho da desgraça. És um enfermo, meu desventurado irmão — soffres de um mal que se chama: inconsciencia e eu aqui estou para curar-te.

Sabes quem sou? O Trabalho. Olha bem para ti — és um infeliz. Estás sendo explorado pelo governo e pelo Capitalismo. Olha lá em baixo, além dos montes. Sabes que é aquillo? É a cidade, a exploradora insaciavel dos humildes, a devoradora de homens. É por ella e para ella que te exhaures; é por ella que te consomes na criação dos filhos, que a servirão como escravos logo que tenham forças, e a tua propria esposa, se a não tiveres bem vigiada, ir-se-á, tambem, seduzida, arrastada pelos enganos da cidade perversa.

Eu sou o bom anjo dos operarios, que ando a prégar, de fabrica em fabrica, de officina em officina, o evangelho da redempção. Tisne algum tolda o céu claro, o azul está de todo limpo porque as chaminés, como vulcões extinctos, não golfam rolos de fumaça como nos dias infames da oppressão. As forjas estão apagadas; os fornos estão frios e os teares immoveis. Não ha ferro para construcções, não ha pão para a fome nem linho para a nudez. Aproximi-

inam-se os dias evangelicos. Olha-me bem ! Eu sou o segundo Christo que venho pregar a doutrina das represalias : a greve.

Trago uma nova hostia para a communhão universal : a bomba. Na outra, na de pão azymico, ha apenas carne ; na que eu proponho, com espirito de fraternidade, ha carne, mas aos tassalhos ; ha rios de sangue, ha escombros, deprêdações e miseria.

A outra é branca, de farinha triga ; a minha é vermelha, de dynamite. A outra promette uma felicidade imaginaria ; a minha garante a riqueza e o poder. Eu sou o Trabalho. Vem commigo. Quero curar-te no meu laboratorio subterraneo, substituindo o coração fragil que tens ahi no peito por um apparelho de odio que, em cada pulsação, leve pelos ares um dos taes direitos, uma das taes restricções dessa ignominia, que comprime o instincto, e que os homens, que se apossaram do mundo, chamam pedantemente — Moral.

Tu és um enfermo, cego, porque não vês ; eretrevado, porque não te moves. Vem commigo !

Eu sou o *Trabalho* ! Segue-me !

Não vês a Russia ? É uma immensa ruina, Fui eu ! Hoje vive-se ali como em um paraíso — não ha lei, não ha principios ; o homem é o senhor da vida.

Passei a rasoura em todos os preconceitos e ateei o incendio, levantei forcas, dei liberdade ao instincto, fiz uma patria, enfim, uma nação livre, completamente livre. Hoje a Russia, o maior trigal do mundo, raspa famintamente, com as unhas em sangue, o fundo da ucha e não tira miga. E quando o inverno chegar verás a grande vingança da neve. É assim. Eu sou o Trabalho livre. Vem commigo.

•

Os nossos irmãos esperam-te para a grande missa da anarchia. Tu não tens o direito egoistico de sobrepôr a tua felicidade e a tua honra á desgraça dos teus irmãos. Toma uma bomba e acompanha-me. Eu sou o Trabalho . . .

. Qual será a resposta do operario feliz, que vive tranquillo na sua patria e della orgulhoso, que tem a ventura de possuir um lar farto, contente e honesto? Ou muito me engano ou não será outra senão esta :

— Sê é besta! ? Doente . . . Doente de que? Quero lá saber da sua missa! Se vossê fôsse o Trabalho não andava por aqui, á esta hora da manhan, na vadiação, contando rodelas. E afastará do seu caminho o alliciador audaz que anda a fazer traidores á Patria e á Familia, arrastando á miseria, pelo caminho das arruaças, a gente laboriosa e honesta desta terra onde ha de tudo e . . . hospitalidade demais.

15 de Abril.



## A mosca azul

LONDRES, 21 — O *Daily Mail* annuncia que o Professor Lefroy descobriu um insecto que destróe, de modo infallivel, a mosca azul, e accrescenta que vão ser exportadas grandes quantidades de larvas para a Australia, Nova Zelandia, Africa do Sul e Argentina para exterminar o terrivel parasita.

(*Telegramma dos jornaes*).

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada  
Filha da China ou do Japão  
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada  
Em certa noite de verão.

Assim descreveu Machado de Assis a mosca azul que voava e revoava refulgente. Vê-a um poleá e, curioso do brilho que ella scintilla, pergunta-lhe — quem lh'o ensinara ? E responde-lhe o insecto esvoaçante :

• Eu sou a vida, eu sou a flor  
Das graças, o padrão da eterna meninice  
E mais a gloria, e mais o amor...

Toma o poleá o insecto entre os grossos dedos e, examinando-o, descobre alguma coisa que lhe surde dentre as azas e vê um rosto, que é o seu. E assim começa a fantasmagoria. O infeliz, que sempre vivera em miseria e repellido de todos, acha-se, subitamente, levantado na maior grandeza.

Occupa um throno, recamado de pedrarias e, pelo chão, em volta, languidamente deitadas em tapetes, recostadas em coxins de sêda, cem nayras formosas disputam-lhe a graça do amor. Quatorze reis vencidos prosternam-se-lhe aos pés, entre accumuladas páreas de victorias e coroas e laureas de triumpho.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto  
 Das mulheres e dos varões,  
 Como em agua que deixa o fundo descoberto,  
 Via limpos os corações.

Mas a Curiosidade, inimiga da Ventura, que foi a perdição de Eva no Paraiso, de Psyché e de Elsa e até da mulher da gallinha dos ovos de ouro, havia tambem de levar á desgraça o misero poleá.

Não contente com o que lhe dava o insecto quiz o imprudente examiná-lo bem e, tanto o virou e revirou entre os dedos callosos, que a fragil mosca azul:

Rota, baça, nojenta, vil  
 Succumbiu; e com isto esvahiú-se-lhe aquella  
 Visão fantastica e subtil

E o poeta assim termina com melancolia a lenda do visionario hindú:

Hoje, quando elleahi vai de áloe e cardamomo  
Na cabeça, com ar tãful,  
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como  
Perdeu a sua mosca azul.

Perdeu-a porque quiz. Não se examina a illusão. Sabe-te o fruto ? saboreia-o, que te importa a arvore que o dá ? A boca que se te offerece é formosa ? colhe nella o beijo e não te preoccupes com as mentiras que nella possa haver.

Não perguntes á Felicidade quem ella é nem de onde veio : abre-lhe a porta para que ella entre e fecha-a, bem aferrolhada, para que não fuja.

Não era tão feliz o poleá com a mosca enquanto voava e revoava ao sol ? quiz examiná-la de perto e o que era tudo, desfez-se em nada.

Agora, porém, o caso é mais grave. Não se trata apenas de uma mosca azul, mas de toda a especie — é a illusão que está ameaçada de morte.

Esse insecto descoberto pelo Professor Lefroy que destróe, de modo infallivel, a mosca azul, que nome terá na entomologia ?

Eu, por mim, não o quero e se o vir no meu jardim correrei com elle, só não o matando se não puder.

Tenho a minha mosca azul, livre, entre as rosas, voando, revoando refulgente ao sol ; sei que é illusão, estou certo de que se a tomar no espaço e tentar descobrir o encanto que ella traz entre as azas finas ficarei apenas, como ficou o poleá imprudente, com os destroços vis de uma realidade.

Deixo-a no ar e, acompanhando-a no vôo, sou tão feliz que essa ventura me basta e com ella atravesso, como anesthesiado, os tormentos da vida.

Acautelai-vos, sonhadores ! Se tendes a vossa

mosca azul guardai-a bem para que a não devore o insecto que o sabio descobriu.

Não ha peor inimiga d'Alma do que a Sciencia. Guerra á mosca azul . . . Mas, afinal, que nos deixarão os sabios se até as illusões nos levam ? !

22 de Abril.

## Sonegando almas

Se o corpo é a sêde da alma, o verdadeiro corpo do avarento é o cofre, porque nelle está sempre o seu sobresaltado espirito, irradiando desconfiança, alerta ao mais leve ruido.

Se se afasta do thesouro seguem-no cuidados e ludo são tentaculos que o puxam para onde a fortuna. Se se deita a dormir, foge-lhe o somno ; se come, escassêa o prato ; se veste, não escolhe panno pela qualidade, senão pelo preço e vestirá linho no inverno e lan no mais estuante verão se lhe baratearem a fazenda ao grado da sua usura.

Enfermo, não pedirá soccorro para que lhe não mandem medico nem o forcem a ir á botica, tudo para não tirar forças do corpo, que é o cofre, onde accumula titulos e moedas.

Receioso de que lh'o furem, esconde, quanto pôde, o thesouro, já em covas, já em muros e, quanto mais o resguarda mais lhe parece que o tem á vista.

e lá o muda de esconderijo e só não o traz consigo, ás costas (e muitos ha que o collam á pelle com amarrilhos), porque assim o veriam e invidariam meios de o furtarem.

Tudo inventa o usurario, um enlevo, porém, compensa-o das parcimonias vis com que se amiserá, soffrendo só pelo prazer de accumular e tal enlevo é o de contar e recontar o que tem, sabendo, ceutil por ceutil, arvore por arvore, grão por grão, quanto possue e, á medida que a riqueza cresce, augmentam-se-lhe os cuidados e cada moeda que lhe tine no cofre é como uma gotta mais de veneno que se lhe injecta no corpo, aggravando-lhe o soffrimento com uma delicia, falsa como a que dá a morphina.

Mas o avaro conta, o mais miseravel dos homens sabe o que tem e não se cança de sommar os ganhos, de verificar os agios, de apurar os lucros.

Será possivel que aquillo que faz o typo da sordicie humana não o queira fazer uma nação e não avara, senão prodiga, como a nossa ?

Almas são valores. Não é o cofre que vale, mas o que elle encerra. A fortuna não é a caixa solida, de bom aço, á prova de ferramenta e fogo, com segredos indecifraveis, mas o que se contém nos seus escaninhos e gavetas — as moedas, as joias, tudo que representa ouro.

O cofre que temos, não ha duvida que é bello, mas quanto nelle possuimos ? até hoje é mysterio, porque sempre que se tenta contar as moedas desaparecem, perdem-se os titulos, somem-se as cauções e, por mais que apparetemos posses de millionario, na hora do balanço quasi que ficamos em situação de mendigo.

As traças que por ali se empregam para esconder a nossa riqueza em almas são tantas que, descoberta uma, sempre ficam 999 em acção, atrapalhando a contagem. E assim é que, quanto mais crescemos para os olhos, mais diminuímos nas estatísticas; quanto mais riqueza accusam as pautas, mais pobres apparecemos.

Almas são valores, disse eu, e quanto valeremos nós em almas? Quantos seremos nós, os brasileiros? Será mais facil sabermos quantos estrangeiros se assentam connosco ao sol do que termos o numero exacto dos nossos patricios.

E porque não havemos de fazer o nosso inventario demographico para que, no dia, que vem perto, do centenario da nossa independencia, possamos dizer ao mundo, com a lista censitaria: Somos tantos neste paiz, que é nosso?

Que se receia? Porque esconder a verdade que nos fará maiores? Porque havemos de consentir que se affirme que somos uma nação baldia, não por falta de gente que a povõe, mas porque os seus habitantes, como as matutas acanhadas, que não vêm á sala quando ha *gente de fóra* e ficam a espiar pelas frestas das portas, cochichando, refogem á presença dos que os buscam com interesse apenas de os conhecer?

As estatísticas dão-nos sempre a impressão comica de que, ao apparecimento dos recenseadores em uma casa, tudo nella se põe em balburdia, correndo uns para o quintal a esconder-se no matto, outros trancando-se nos quartos, alguns encafuando-se no forro e os pequenos mettendo-se de baixo da cama, vindo apenas ao encontro dos officiaes arroladores a

dona da casa a engolar mentiras para lesar, não o fisco, mas a Patria no que ella tem de mais precioso, como fortuna e honra, que é o seu povo.

O avarento esconde o seu thesouro, mas conta-o, sabe quanto possui. E nós ? Quantos somos nós, os brasileiros no Brasil ?

Não se póde confiar em um povo que se encafurna, evitando a luz e se elle assim se esquivava ao appello da Patria nos dias serenos da Paz, que fará se a voz, que agora é branda, fôr de alarme, appellando para a sua dedicação e para o seu heroismo ?

Não, mãis brasileiras, não vos ultrageis occultando o que tanto vos deve orgulhar e honrar, como desvanecia a Cornelia, que os considerava como as suas joias : os filhos.

A Patria não lhes vai pedir os nomes para alistamento de guerra, mas para glorificar-se com elles, provando ao mundo que não é um deserto formoso, uberrimo, mas vasto d'almas, mas uma região de copiosa riqueza, amena e encantadora, onde pullula um povo forte, que se multiplica de anno para anno e que, dentro em breve, fará soar em toda ella, de extremo a extremo, a sua voz harmoniosa em canticos triumphaes. Causa-nos asco o avaro porque só accumula e não gasta. Mas o avaro, ao menos, sabe o que possui. E nós ?

29 de Abril.



## Vicio novo

Quando o governo dos Estados Unidos, em assomo puritano de sobriedade, resolveu prohibir, sob ameaça das mais rigorosas penas, a venda de bebidas em todo o territorio da Republica, agitou-se aqui, por acção reflexa, com a furia com que tudo começa entre nós, uma tremenda campanha contra o alcool. Os que nella se empenharam pediam, a vozes bradadas, a destruição de todas as distillarias e de todo o vasilhame que contivesse o veneno pernicioso, desde os immensos toneis da Brahma até a ultima meia garrafinha de prateleira de locanda sertaneja.

A cruzada abstemia, que rompeu estrondosa, durou tanto como as trovoadas de verão e Baccho triumphou ainda uma vez e copiosamente.

Abriram-se as torneiras, saltaram os tapulhos, espoucaram as rolhas e o vinho jorrou como nas bodas de Camacho. De paraty correram rios navega-

veis e a cerveja foi tanta a espumar em vortilhões que o proprio Gambrinus fugiria diante d'ella, se se não mettesse em tonel, como em arca, para escapar ao diluvio.

Não empunhamos thyrsos e quando o thyrsos ebri-saltante por ahi andou celebrando, aos evoés, a gloria do filho de Sémele, retrahimo-nos prudentemente.

Se houvessemos de sahir a campo não seria, de certo, contra o veneno que inebria, extrahido da planta que primeiro viçou na terra ainda *molhada do diluvio* e que, provado, com muito gosto, pelo patriarcha que repovoou o mundo pô-lo nú, á vista dos filhos, escandalo descomposto de que resultou a questão de raças que divide os homens em côres e os inimiza pelo preconceito.

O alcool é nocivo, não ha duvida e, segundo affirma a sciencia, as carraspanas dos nossos avitos ainda se manifestam em nós e ha muita gente que por ahi combaleia em pernas bambas, tem a lingua emperrada, os olhos languidos e manifesta outros desarranjos phisicos e moraes, não pelo que faz, mas pelo que fizeram os seus avoengos piteireiros. Mas o que não faz uma pipa de vinho, faz um vidrinho de algumas gottas de ether; uma pitada de cocaina é mais funesta do que um litro de cachaça; e não ha misturada, ainda a mais fulminante, que valha uma pastilha de haschish, uma fumarada de opio, a morphina ou qualquer d'esses toxicos subtis que são hoje impunemente vendidos nas pharmacias sem escrupulos ou por mercadores ambulantes que percorrem, com as suas caixas lethaes, os quarteirões viciosos.

O ébrio da taverna ou da tasca trambolha depois de alguns codorios e o mais que lhe succede é quebrar a cabeça ou ir parar no xadrez, que é o forno de coser monas ; mas o requintado, ai ! delle . . . Como o vicio é elegante todos o querem e é hoje commum vêr-se na Avenida, á hora de maior frequencia, mocinhos somnambulando.

Vão, atravez do povo, como hypnotisados. Às vezes param, hesitantes, encostam-se á parede, deixam-se cahir nas cadeiras das *terrasses*, mettem-se em *taxis* sem destino, airando.

São desvairros que passam e que, de um instante para outro, allucinando-se em crises cerebrinas, poderão transformar-se em criminosos, como já aconteceu a um possesso d'essas drogas demoniacas, que investiu com uma senhora ferindo-a de morte.

Esses são os que transitam e quantos serão os que escabujam nos proprios lares ou em casas mercenarias, onde o vicio é propinado por profissionaes que o dosam segundo a vontade do freguez ?

Taes albergues de Hypnos, hoje numerosos, são mais funestos á cidade do que as vendas e todas essas baiúcas tabernarias contra as quaes se insurgiram, em surto de imitação *yankee*, os taes da Liga *anti-alcoolica*.

O beberonio é perseguido — não fosse elle do povo ! — mas o estupefaciente devasta ás escancaras e já ha casas chinasas, até em ruas pacatas, onde, alta noite, se reúnem damas e cavalheiros em volta de narghilés, ou chuchando, assonorentadamente, pastilhas torpidas.

Se a policia ou os taes abnegados do « exercito de salvação », deixassem em paz os paus d'agua, que

cambaleam temulentos, resmungando babosamente frases descommexas, e varejassem esses antros elegantes, esses lupanares, os taes «paraisos artificiaes» fariam muito mais pela moral e em defesa da nossa raça do que andando pelas tascas e pelos betequins onde o povo trabalhador, em ora de folga, chuchurrêa, a rir, a sua pinga.

6 de Maio.

## Um ... como muitos

---

A minha lampada, que era belga, não realisava os prodigios que a imaginação dos arabes attribue á de Aladino: por mais que eu a esfregasse, a ponto de desanstrar as unhas, não consegui tirar d'ella o genio que me havia de abarrota de ouro e de servir, com a promptidão do pensamento, a todos os meus desejos. Assim, apezar de eu possuí-la, era pobre, de poucos moveis e sem alfaia alguma, a casa em que eu, então, residia, com a minha alegre mocidade, á rua Barão de Iguape, em S. Paulo, no anno da Graça de 1884.

Nesse tempo S. Paulo era uma cidade academica e modesta. Villa Marianna ainda não sahira da matta primitiva que encerrava em sombra de folhagens densas o terreno em que hoje se ostentam palacios. O Arouche era um suburbio; a Mooca, um deserto; o Tamanduatehy defluia rebrilhando ao sol e eram as suas aguas que se despejavam nos banheiros da

*Ilha dos Amores*, rolando depois pela varzea fóra, orgulhosas de haverem beijado espadas e collos femininos, enchendo, com o aroma que d'elles tirara, o calice das flores campesinas.

Que saudade das ruas que se alongavam quietas entre muros de taipa debruados a silvedo florido! O abolicionismo era o ideal do tempo e as *republicas* de estudantes eram valhacoutos de escravos fugidos. Que o digam Edmundo Muniz Barreto, Bittencourt Sampaio, Gomes Cardim e quantos outros.

A minha casa, essa, era um verdadeiro quilombo. Havia ali negros como em uma cabilda e, de quando em quando, destacavamos dois ou tres, formava-se a guarda de defesa, de academicos e de populares, quasi sempre com Raul Pompeia como caudel, e, alta noite, atravez da garôa espessa, lá iam para o Braz embarcar os negros na estação do Norte.

Havia um machinista, typo de gigante, da estrutura do bom S. Christovam, e com um coração proporcional ao corpo, que se entendia comnosco nas *razzias* que faziamos frequentemente, e escravo que lhe era confiado chegava ao Rio, apezar da vigilancia e da baldeação na Cachoeira, sempre perigosa.

— Prefiro atirar um trem por um barranco abaixo a entregar um negro a quem quer que seja! jurava elle, bravo. E nunca faltou ao seu terrivel juramento, porque sempre deu conta das encommendas que lhe foram feitas.

Entre os auxiliares mais prestativos com que contavamos um havia, negro, de nome Pedro Clemente. (Lembras-te, Edmundo?) Era um rapagão de peito largo, biceps de athleta, alegre e sempre prom-

pto a fazer girar em sarilho o cacete em defesa dos miseros escravos.

Esse *philantropo* entrava francamente em todas as *republicas*, onde era recebido como um valente camarada e, contando feitos nocturnos: raptos de escravos, surras em *capitães de matto*, e outras façanhas dignas de memoria, impuzera-se a todos os abolicionistas que nelle confiavam de coração aberto. E Pedro Clemente, ouvindo os escravos narrarem o que soffriam nas fazendas, rugia de dentes cerrados, ameaçando os tyrannos com o porrete nodoso.

De quando em quando, porém, apesar das mais rigorosas cautelas, desapparecia um escravo aqui, ali nas *republicas*.

Os estudantes indignavam-se e Pedro Clemente, inflammado em colera generosa, propunha, aos berros, assaltos a casas de fazendeiros, incendios de propriedades, offerecendo-se para escalar os predios dos carrascos ou para empunhar o facho incendiario.

Uma noite, depois de uma sessão romantica no *Corvo*, com muita litteratura e vasta cerveja ao chegar á casa, tarde, encontrei o meu *quilombo* em alvoroço. É que um dos *malungos*, de nome Jacintho tendo sahido á gandaia, fora agarrado na esquina por uma patrullha de negreiros.

Que fazer? O desgraçado era de Araraquara. Aquella hora já estaria a ferros para seguir, de madrugada, a caminho, talvez da morte, na fazenda.

Resignei-me recommendando aos meus «agasalhados», com o exemplo d'aquella noite, o maior cuidado em se resguardarem. Correu, talvez, um mez. Uma noite, lia eu, embalando-me na rede, quando ouvi passos precipitados no corredor e, logo,

vozeiro alegre na sala de jantar. Levantei-me, às pressas, para vêr a causa do desusado alarido e quem havia eu de encontrar no meio da negralhada roto, macilento, com a gaforinha assanhada e coberta de pó e rindo, aos abraços a uns e outros? Jacintho.

Fugira de novo, apezar de ferido, porque estivera no tronco depois de uma surra de bacalhau que lhe deixara as costas alanhadas.

Ao vêr-me agachou-se, agarrando-me pelos joelhos e inclinando-se para beijar-me os pés. Contive-o.

O negro aprumou-se elasticamente e, fechando a carranca, encarou-me rilhando os dentes. Rapido, em gesto vivo, sacou a faca da cava do casaco, apertou-a no punho tremulo, descahiu de cocoras e cravou-a d'alto no soalho, dizendo, em voz surda, encarado em mim:

— Oié, sô dotó... só s'eu não suffri... Só si meu sangui não correu ni chão... Vamcê qué sabê quem foi qui pegô eu? qué?! Vamcê n'é capaz di imaginá! El o carão ossudo e fulo arreganhava-se-lhe em rictus de fera. Foi essi nêgo contadó di rodela; esse nêgo qui vamcê trata d'iguá p'ra iguá; esse canáia qui diz qui tem pena da genti, qui qué cumê fazendêro vivu...

— Pedro Clemente! exlamei. Jacintho sacudiu a cabeça:

— Esse mêmu. É capitão di matto, pegadó, u mais pió di todos. Foi zêri qui pegô eu ali n'isquina i mi levô diritinho p'ra sinhô, ni cidade. Ah! sô dotó... Arrancou a faca a duas mãos, cravou-a, de novo, mais fundo, na taboa como se atravessasse o coração do negro, dizendo por entre dentes: Só s'eu não suffri... Só si meu sangui não correu... Nêgo



canáia . . . canáia ! Mas elle mi paga, só dotô . . . isso paga ! E todos os negros, que o cercavam, rosnaram ameaçadoramente.

— Canáia !

— Um da raça da genti . . . Uhm ! Cruz ! commentou, com um muchôcho, uma velha negra, batendo o cachimbo na palma da mão. E Jacintho, de cocoras, rugia fazendo oscillar no soalho a faca vingadora.

Havia heroismo nesse tempo, mas entre os heroes ás vezes appareciam cães, como esse Pedro Clemente, *abolicionista* exaltado e . . . *capitão de matto*.

13 de Maio.

## Mosquitos

---

Luciano, avô da *blague*, fez o elogio da mosca, essa miniatura do urubú ; não consta, porém, que escriptor algum, do molde do grande ironico de Samosata, se houvesse atrevido a fazer a apologia do mosquito.

Esse insecto insignificante tido, durante muito tempo, apenas como importuno, foi denunciado pela Sciencia como um dos mais ferozes inimigos da Humanidade.

Contra elle levantaram-se muralhas, desde as télas de arame até ás arquellas de filó, organisaram-se brigadas aguerridas, armadas de caçambas e fumigadores e accumulado o pyrethro que se tem queimado para combater, á maneira *boxe*, o terrivel cullex, daria uma pyramide mais alta do que a de Cheops.

Deseabrindo-se que era elle que acendia a febre amarella, resolveu o governo atacá-lo de frente e entregou o commando do exercito de salvação nacio-

nal a um homem energico, que começou a campanha nos pantanaes e abafeiras, nos remansos dos rios e por cima dos telhados, em todos os estagnos e pôças, que eram os seminarios de tal bicharia e a cidade, pouco a pouco, se foi libertando dos filhos das aguas, tornando-se os mosquitos nella tão raros que, se surdia algum, logo os jornaes annunciavam o nefasto apparecimento e sahiam exercitos muito apetrechados, batendo mattos, revolvendo paúes, espionando calhas, varejando porões, até que, descobertò o traidor, era justicado com grande apparato e alardo.

A cidade saneou-se e o beneficio que a depurou estendeu-se generosamente a todo o Brasil, que passou a ser considerado como a região predilecta de Hygia.

Mas, com a serenidade, os novos governos acharam que se não devia a Hygiene manter em pé de guerra e a brigada culicida, que tanto pesava no orçamento com os seus baldes, as suas seringas, os seus fogareiros, o seu pyrethro, os seus acidos, foi reduzida a um pugillo.

Os mosquitos, que espreitavam o momento azado de reaparecerem, levantaram-se, de novo, em nuvens, como os ciniphes que praguejaram o Egypto no tempo de Moysés, e por ahi andam, não só mordendo, sanguisedentos, como ainda infiltrando no corpo das suas victimas o veneno que trazem dos palúdes.

E os clamores levantam-se em côro afflicto : são protestos, reclamações, queixas, presagios tragicos.

Et cette alarme universelle  
Est l'ouvrage d'un moucheron.

Um era elle na fabula, na cidade é legião.

Economisa-se, não ha duvida, não se mantendo em paz armada a milicia da Saude Publica, mas o dinheiro que se poupa não vale a tranquillidade das nossas noites, não compensa a bonança em que viviamos, livres da peste lugubre, nem nos garante contra uma nova e justa campanha como a de outr'ora, em que tanto se acirravam certos amigos que só nos sorriem para que lhes vejamos os dentes, mostrando-nos ao mundo como um paiz malsinado, regido pela Morte, onde o estrangeiro, logo ao entrar, recebia a certidão de obito... e o numero da cova em que devia ser enterrado.

O perigo anda no ar, alado e zumbindo. Outro fôsse elle que tudo faria ás surdas. Tem, pelo menos, o mosquito esta qualidade nobre — avisa, e como quem avisa, lá diz o adagio, amigo é, estamos com o amigo em casa, mas um amigo urso, que não só nos azucrina como, com a injeccão com que nos punge, póde mandar-nos desta para melhor em dois tempos.

O equilibrio financeiro não nos permite o luxo de termos uma cidade san, sem febres e outras calamidades de que vivem coveiros, tenhamos-la com mosquitos por cordas, como a temos.

Ao menos não se dirá lá fóra que somos um povo perdulario que esbanja com insectos o que podia applicar em obra de utilidade publica.

20 de Maio.

## Carta aberta ao Ill.<sup>mo</sup> Snr. Intendente Vieira de Moura

---

Com razão estranhará V. S. estas letras, (que já lhe teriam cahido sob os olhos se não houvessem perdido a mala da ultima quinta-feira), não pelo que dizem, mas pelo nome de quem as assigna, que é pessoa banida da amizade de V. S.

Apezar da altura da muralha de rancor que V. S. levantou entre nós, tanto me alvoroçou e commoveu a victoria alcançada por V. S. na campanha que anda renhidamente travada em pról do nosso Theatre que, ainda correndo o risco de soffrer uma desfeita, vendo as minhas flores devolvidas, atiro-as, com as pequenas forças do meu braço, por cima da tal muralha que nos confina.

Aceite-as V. S. ou não, aqui vão ellas. Acompanhando, com vivo interesse (e desde quando, meu Deus!) os bons semeadores da idéa da restauração do nosso theatre, sempre os vi perseguidos, como aquel-

les de que fala Vieira no famoso sermão — ora semeavam em maninho, ora em solo pedrenlo ou então eram as aves que desciam em bandos vorazes e lhes comiam a sementeira. (Cuidado com ellas, Snr. Vieira de Moura! Já por ahi andam muitos afiando o qico).

Arthur Azevedo, que tanto porfiou na campanha, hoje quasi vencedora, plantou a semente e não se lhe tirou de ao pé. Infelizmente, porém, tanto adubaram e regaram o que devia ser planta modesta, para o nosso jardim, que sahio aquella arvore frondosa, o *Municipal*, que, por ser de porte demasiado, em vez de ficar na almoinha domestica, foi transferida ao Parque e só dá agasalho á grande Arte (como lhe chamam) trazida pelos estrangeiros.

E, quando se esperava que o Theatro Brasileiro tivesse o que lhe era devido e que lhe fôra prometido, viram-no humilhado, expulso da sua propria casa, como aconteceu aos proprietarios nacionaes, quando aqui chegou, espavorido, com a sua côrte pandega, o Senhor D. João VI, de gordissima memoria.

V. S., com actividade e energia, conseguiu encaminhar o projecto que nos garante o edificio da Comedia Brasileira.

A victoria foi bella e estrondosa e o nome de V. S., por mais que façam o Tempo e os homens, ha de ficar eternisado no edificio — se o construirem — como no fuste do primeiro pharol, illuminador dos mares, ficou o do achitecto que o levantou: Sostrato de Cnido.

Não se descuide, porém, V. S. da obra. O nosso palz é de magicas e as coisas, assim como os homens, nelle instantaneamente se transformam como acontece, por sortilegio, nos conto: de Scherazada.

V. S. bateu-se heroicamente pelo projecto da construcção do edificio em que se deverá installar a Comedia Brasileira, e já se annuncia que foi adquirida uma caneta de ouro com a qual o Prefeito dará sanção ao voto do Legislativo.

Agora é que mais se exige cautela, illustre Snr. Vieira de Moura, para que não succeda a V. S. o mesmo que se deu com Arthur Azevedo, que trabalhou incessantemente e com ardor cada vez mais vivo, para que tivessemos um theatro nosso e só conseguiu o *Municipal*, que é dos outros.

Receio (e V. S. deve fiscalisar como Argos a applicação da verba) que essa Lei que ahi vem, e para a qual fazem alas autores e actores brasileiros, em vez de trazer-nos o theatro, appareça com um mercado ás costas ou com outra coisa qualquer, reputada mais urgente, como, por exemplo, a manutenção de uma junta eleitoral permanente em qualquer dos districtos da cidade.

E assim, completando a obra, realizará V. S. um sonho pelo qual já se batia na imprensa Joaquim Manoel de Macedo, o romancista da cidade, cujo centenário hoje commemoramos.

Se, porventura nossa e gloria de V. S., a lei não fôr ludibriada e forem lançados os alicerces solidos da Comedia Brasileira, faça V. S. pelo cerebro o que fez pelo craneo, concorrendo para que o edificio tenha a alma necessaria para que viva e triumphe.

De V. S. patricio muito agradecido.

27 de Junho.

## O theatro

---

A semana foi de lucto e de triumpho para o Theatro: duas mortes e um cantico de resurreição.

O carro de Thespis devia rodar com as duas mascaras symbolicas enfloradas — uma, em cercadura de saudades, outra emmoldurada em rosas.

É a vida, que o theatro reflecte; é a eterna scena do palco onde trabalham juntos o Riso e a Tristeza, que são as personagens da Comedia Humana.

Os mortos — Luiz Moreira e João Colás, não foram amerceados com igualdade pelos deuses. Um, o primeiro, cahiu heroicamente como um batalhador no seu posto de honra. Regia a orchestra, vibrava a batuta, dominando os instrumentos, quando a Morte passou, fulminando-o. A Dôr não teve tempo de martirisá-lo. Foi-se numa revoada de sons, como em alleluia! Não soffreu a tortura extrema que



deve ser a saudade da vida; não viu esse relampago final que illumina a existencia desde o berço até a hora ultima: finou-se como a luz que um só-pró apaga.

O outro, pobre João Colás! foi acabando aos poucos, em velhice valetudinaria e esquecida.

Já enfermo, combalido, ainda trabalhou, ora nos theatros da cidade, ora como primeira figura nesses elencos nomadas que recordam o celebre grupo descripto por Scarron no *Roman Comique*.

Ia como arrastado e, como sempre os papeis que lhe distribuiam eram os mais alegres das peças, o misero contrafazia-se e, quanta vez, ao sahir dos bastidores, careteando pungido pelo soffrimento, o publico rompia desabaladamente a rir, tomando por esgares comicos as contracções dolorosas que lhe desfiguravam o rosto?

Por fim, já se não sentindo com forças para continuar no palco representando a tristissima comedia, recolheu-se a esse caridoso abrigo, *A casa dos artistas*, onde a Morte o foi buscar.

Horas de amargura passou-as ali, entre as arvores d'aquelle horto, o grande triumphador de outr'ora.

João Colás teve dias de verdadeira gloria, como os tiveram Vasques, Guilherme de Aguiar, Peixoto, Machado e tantos outros. Lembro-me ainda da sua figura no *Matuto do Piahy*, papel que elle celebrizou em uma das revistas de anno de Arthur Azevedo.

No silencio do seu recolhimento quanta vez teria elle recordado as noites de antanho...! Acabou aos poucos, entregando á Morte, uma a uma, todas as

suas riquezas : foi-se-lhe a saude e, com ella, a gloria ephemera das noites e, sem forças, desanimado, viu abrir-se-lhe aos pés, como uma cova, o esquecimento e o enterrado vivo ali ficou, alimentando-se de recordações, revendo os dias passados.

Tinha, ás vezes, impetos de desenterrar-se para resurgir, retomar o seu posto no palco, reaparecer diante do publico, que o havia de receber com o mesmo entusiasmo alegre com que, dantes, ruidosamente se manifestava mal lhe reconhecia a voz ainda nos bastidores.

Pobre Colás ! A Morte foi cruel com o artista, deixando-o tanto tempo abandonado na vida.

Não foi, porém, só de tristezas a semana. O Prefeito fez surgir entre dois tumulos, não o simples ramo de esperança, mas uma arvore frondosa á cuja sombra se levantará, para gloria nossa, o edificio da Comedia Brasileira.

Não eram de engano as palavras do administrador da cidade quando affirmava, aos que lhe pediam um gesto de protecção em favor da nosso theatro, « que o faria em tempo opportuno ».

Ei-lo ahi na Mensagem. Cumpre agora ao Conselho confirmá-lo para que, nas proximas festas do Centenario, possamos dar aos que nos visitem uma prova de que, ao lado das numerosas casas de espectaculos para companhias estrangeiras, ha uma, pequenina, para agasalho da Poesia nacional e palco das scenas da nossa vida e da nossa historia.

Os gregos chamavam ao dinheiro destinado a subvencionar o theatro *theorico* e consideravam-no sagrado e nem para acudir á propria defesa nacional ouşavam tocar em tal quantia.

Façam o mesmo os intendentes respeitando as palavras da Mensagem e tornar-se-ão dignos dos louvores de todos que, verdadeiramente, se interessam pelo progresso do Brasil mental.

4 de Junho.

## Weingartner

---

«A occasião unica em que ainda me é dado vêr, na vida moderna, um espectáculo da idade média, é a que me offerece uma orchestra, com o seu pequeno povo ou corporação.

Achamo-nos em presença de um grupo humano, visto por traz de um veu de sonoridades que elle tece entre a scena e a sala. Todos ali estão meticolosos, mudos, attentos, como que no extase d'um sonho.

A gente os vê trabalhando como tapecciros de obra fina, de altos liços : parece que não vêm a decoração que udem pelo avesso. Nós é que vemos desabrocharem as flores, estenderem-se, formosas, as paisagens immateriaes. Elles vêm apenas os instrumentos e o desenho que copiam.

Entre elles e nós impõe-se o regente, unico que está no segredo, parecendo, ao manejar a batuta,

esboçar, a grandes traços, os contornos da feeria sonóra.

E assim esses homens dissimulam-se criando, em mýsterioso recolhimento, uma tla de imagens divinamente diaphanas.»

Este formoso painel fantasmagorico, todo de abstracção, traçado pela penna delicada de Camillo Mauclair, tive-o eu diante dos olhos, espiritualmente, ha dias, no *Municipal* durante um ensaio do formidavel poema encharistico, o mais bello surto da poesia christan na idade média, de que se serviu Wagner para fazer a cupula da sua obra portentosa: *Parsifal*.

Sala em escuridão nocturna. Absono rumor marulhava no concavo da orchestra, como o reso soturno de mil vozes barbaras, no fundo de um abysmo — ora um silvo ou um ululo, um galreio, um crocico, cortado estridentemente por um berro metallico.

Era um abstruso tumulto da mais rebellada indisciplina, barbariso e choques, atro de trovões, rebramidos e, s subitas, como afuzilando a confusão, rispido, o esfusio agudo de um flautim.

Mas um homem assomou diante da estante da regencia.

Alto, magro, cabellos neos, ligeiramente calvo e glabro: Weingartner.

Olhou em volta dominadoramente, inclinou-se, ficando, um instante, como em prece, sobre a partitura.

Subito aprimou-se, abriu largamente os braços e fez-se instantaneo silencio.

Estranho *Quos ego...*! Era o encantamento.

Rapido, voltando a cabeça dum para outro lado, vibrou riosamente a batuta.

Uma onda de sonoridade subiu da profundeza e começou a magia orphica.

Aquelle homem, como o Prospero de Shakspeare, parecia governar forças occultas. Todo o recinto do theatro encheu-se de harmonia e, vendo-se apenas o vulto trefego do grande musico, a cavalleiro da valla que resoava, tinha-se a impressão mirifica de um evocador que, brandindo o estylete magico, attrahisse todos os sons da vida, reunindo-os em phrases, ora mysticas, como versiculos de antiphonas, ora grandiosas, retumbantes á maneira de coraes guerreiros, e as espalhasse todas pelo espaço como o soberano olympico, a um gesto da mão direita, criadora e destruidora, accumulava as nuvens tempestuosas ou desfazia-as, deixando a descoberto e esplendido o Ether azulado.

Weingartner não é um simples conductor de orchestra, mas a alma que anima o corpo instrumental. É o seu sentimento que insufla a resonancia nos metaes, que dirige os arcos, que tembla nas harpas e sonorisa nas madeiras.

Ao seu gesto, como ao sopro de um grande vento, toda a floresta se contorce e freme, os instrumentos rugem, estrondam ou abemolam. E o poema parece sahir-lhe da vara magica. Os musicos são como as raizes ócultas de uma arvore, da qual elle é o tronco que suga a seiva e a espalha em irradiação pelos ramos, desabrochando-a em flores...

E vê-lo compenetrado, possuido da grandeza da obra maxima do maravilhoso agitador de sons, é ter idéa exacta da Religião da Arte, do culto su-

---

blimado da Belleza, com um sacerdote summo officando com todo o ceremonial liturgico e com a grande fé que converte, com a exaltação augusta que se communica ao espirito dos crentes desde o que se ajoelha perto do altar, onde se acha exposto o Evangelho, até o mais afastado, impregnando as almas de harmonia como os thuribulos, defumando, impregnam de arómatas todos os vãos da igreja.

9 de Julho.

## Seara

---

« De todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem duvida a arte da palavra. De todas as mais se entretece e se compõe. São as outras como ancillas e ministras ; ella soberana universal. »

Este é o começo do formoso hymno á Palavra entoado por um dos que, com mais eloquencia, a levantaram no estylo lapidar da prosa, escripta ou pronunciada nas orações em que foi voz altiloqua : Latino Coelho.

No Brasil pullulam os oradores e se houvessemos de ajuntar mais um symbolo ao brazão da Republica outro não lhe iria tão bem e com tão justa propriedade como uma philacteria, que era a flammula facunda com que os illuminadores medievaes faziam falar as suas imagens.

Nem tudo, porém, que sôa afina com o diapasão de Quintiliano.



Discursos muitos que impressionam e arrebatam quando ouvidos, passados ao livro perdem de todo o brilho, como flores que murcham logo depois de colhidas ; outros ha, porém, e esses são os que vivem, que ainda sem a musica da voz e a dramatisação do gesto, lidos, commovem ou exaltam, enternecem ou enthusiasmam e tanto vêm impregnados da verdadeira eloquencia que, apenas apprehendidos pelos olhos, dão a impressão grandiosa ou pathetica que só o orador transmite quando lança a palavra do alto da tribuna, seja ella qual fôr : a do parlamento ou a litteraria, a da *ágora* ou a do templo.

Chega-me ás mãos um volume de discursos e orações civicas pronunciados por um orador de raça, que é hoje um dos ornamentos do clero paulistano : o conego Manfredo Leite, da *Academia paulista de letras*.

Intitula-se a obra *Seara* e d'ella diz o autor, nas linhas com que a apresenta :

« Alguns destes escriptos tiveram a vida ephemera do folheto. Outros são ineditos. É pobre a seara em que andei ceifando. Ha, entretanto, espalhadas aqui e ali algumas espigas que ondularam ao sopro do meu espirito e aos rythmos do meu coração. Se reduzidas a trigo valem para alimento, não o sei nem o poderei dizer. Folhas murchas, arrancadas da arvore pelo vento, tambem servem pra alguma coisa . . . »

A linguagem imaginosa e melodica está a denunciar o poeta, e a eloquencia é poesia torrencial.

O orador deve ser apparatuso e fluente como

um rio, ornado das côres do céu e da paisagem que o margeia e nelle se reflecte, variando nos aspectos : aqui manso, claro, liso que se lhe veja limpidamente o fundo sobre que deriva ; adiante fêrvido, tumultuoso, arrebatado em impetos, fugindo á monotonia e as suas phrases, como as aguas correntes, devem ser puras trazendo o sabor da fonte, sem balbedo que as turvem e só, por entre as pedras, rolando em vortilhões de espumas, que são tropos que aformosentam.

Vieira é uma catadupa tonitroante ; Bernardes é um rio suave ; Frei Antonio das Chagas é como um blandifluo ribeiro posto que, por vezes, se encrespe e precipite em arrojões encachoeirados.

Em qualquer delles, porém, a eloquencia discorre em puro idioma e as vozes altas ou os doces murmúrios encantam por bem afinados.

Nos discursos que formam a pavêa de ouro desse livro *Scara* o orador, ainda nos mais audaciosos raptos, nos surtos mais atrevidos não se descuida do que chamamos a eurythmia, que é o perfeito equilibrio harmonico da belleza, que só existe na obra litteraria quando o pensamento se encarna em dizer lidimo, quando a idéa se reveste de pompas verdadeiras, não das que brilham escondendo o mugre e tocadas logo se denunciam falsas.

Demais sei que, além do que existe no livro, que é tudo primoroso, muito se perde em não gozá-lo ouvindo-o dos proprios labios em que soaram brilhantes as palavras, agora repousadas em paginas carinhosas. Mas no que ali se lê apparece o retrato do autor porque, se não sôa, como a imagem, conserva, todavia, a feição fiel do escriptor, um dos mais cas-

---

tiços no vernaculo, valendo tanto pela profundeza dos conceitos como pelo esplendor da imaginação, como arvore forte que, quanto mais penetra a terra com as raizes mais se dilata na fronte esmaltada profusamente de flores.

15 de Julho.

## O morro do Castello

---

Sempre que surge a idéa do arrasamento do morro do Castello a Tradição levanta-se, com furor macabro, tocando a rebate com os ossos de Estacio de Sá, a bradar :

«Que é uma profanação ! Que se não deve bollar em uma só pedra do morro, que foi o berço da cidade e que é o tumulo do fundador da mesma».

A Tradição mente. Dizem notas historicas que Estacio de Sá, tendo partido com a sua esquadra do porto da Bertioaga a 20 de Janeiro de 1566 fundeou no Rio de Janeiro a 1.º de Março do mesmo anno. E acrescenta textualmente :

«Estacio de Sá em consequencia da fortificação franceza, não quiz expor-se a ancorar proximo della, e ficou á entrada da barra, proximo ao Pão de Assucar ; e saltando para terra com a infantaria, principiou a construir entre o Pão de Assucar, e o

morro da fortaleza de S. João, fortificações e quartéis, e a tornar esse lugar inexpugnável ao inimigo.

Outros estabelecimentos se foram fazendo para habitações, entre elles uma tosca igreja coberta de palhas, para oração e celebração dos Offícios Divinos.

Este povoado, chamado Villa, com a transferencia dos habitantes para o lado opposto, ficou sendo chamado Villa Velha.

Isto prova que a cidade nasceu na Praia Vermelha e não no morro do Castello. Prosigamos sobre as notas :

«Não obstante a lucta incessante em que se via o capitão mór Estacio de Sá, com os seus indomitos inimigos, e ter pela força das circumstancias escolhido o local entre o Pão de Assucar e o morro de S. João para se estabelecer com a sua gente e ter nesse mesmo lugar fundado o primeiro povoado português, com alojamentos, fortificações e templo, reconheceu que elle não tinha as condições necessarias para uma cidade, e então escolheu na parte opposta, e fronteira á entrada da barra, no lugar chamado da Piassaba, que era uma planicie paludosa, onde foi construido o pequeno edificio em 1582, para hospital da Misericordia, circulado de casas e forte ou baluarte, principiado por Villegaignon, continuado e concluido por Mem de Sá, para defesa, chamado de *S. Thiago* e hoje Ponta do Calabouço, onde se acha o arsenal de guerra.»

Passemos agora aos ossos do fundador: Succumbindo a 20 de janeiro de 1567, em consequencia da frechada que lhe atravessou o rosto, foi Estacio

de Sá sepultado na capella tosca do arraial de S. João, ou Villa Velha.

Dezeseite annos depois Salvador Corrêa de Sá transferiu o precioso despojo do valente capitão-mór, seu primo, para a igreja de S. Sebastião do Castello, confiando-o á guarda dos frades capuchos.

«Correrão os tempos e tendo-se de bolir na sepultura onde, pela inscripção, se suppunham estar os restos mortaes do capitão-mór Estacio de Sá, o superior dos capuchos, não querendo tocar na lapide sem participar a S. M. o Imperador, este illustrado Senhor determinou que o Instituto Historico se encarregasse da exumação e verificação do deposito precioso ali guardado.

Foi marcado o dia de domingo, 16 de Novembro de 1862, para suspensão da lapide, e exumação dos ossos de Estacio de Sá, o que foi feito em presença de S. Magestade e dos membros do Instituto Historico.

Nas primeiras camadas de terra acharam-se *ossos de criança*; mais em baixo ossos de um adulto; e ultimamente, em grande profundidade, acharam-se alguns ossos, já reduzidos á poeira, que sem o menor criterio *reconheceram-se* (\*) ser de Estacio de Sá.♦

Eis, pois, reduzidos á poeira todos os argumentos da Tradição.

Pela theoria sentimental dos chamados tradicionalistas teriamos de ficar com a cidade tal como no-la deixaram os seus primeiros povoadores: tor-

---

(\*) O grypho é da Chronica.

tuosa e acaçapada, com alagadiços, e caldeirões, corcoveada em ladeiras, viçosa de mattos, com os seus exidos e logradouros, as suas chacaras limitadas por sêbes floridas, os seus pousos avarandados, as suas vallas de agrião, as suas hortas e almoinhas e o mais.

O morro do Castello é um kysto no rosto da cidade, uma verruga monstro que está, ha muito, pedindo exeresce.

E que nos dá essa excrescencia ? É um enorme monturo de casario arruinado e lobrego onde se aloja a miseria e pullula a vérmina.

É do Castello, muralha que se oppõe aos ventos beneficiadores, que descem, em nuvens ravazes, os cupins que infestam todos os predios da Avenida. O morro, na sua velhice rabugenta e sordida, faz guerra á cidade que se lhe estende aos pés, devasta-a com as suas hordas, inficiona-a com o seu enxurro, abafa-a com o seu bôcio, defendendo-se com um pouco de poeira funebre, poeira anonyma, que a Tradição quer que seja a dos ossos de Estacio de Sá.

A urna, sobre ser hedionda, é excessiva. Para conservar o que resta do corpo do valente capitão-mor lembrou o Prefeito que, no terreno achanado, se alinde uma praça e nella se erija um monumento que ensine ao Futuro a historia da cidade, não inscripta no lixo de uma alfurja, mas gravada no marmore e no bronze pela mão da Verdade e com arte. E ficaremos livres dessa especie de tumor, a espumar constantemente sobre a cidade a sanie da sua immundicie.

Deixemos a Tradição arrepanhar molambos, entre bugigangas e cacarécos, escassilhos e trapos. As

propias imagens quando o tempo as deforma, para que se não tornem ridiculas no altar, são lançadas ao fogo e, nem por isto, a Religião declina e a Fé esmorece nalma.

5 de Agosto.



## O chapelinho vermelho

---

Commentava-se commoivamente a morte trágica da pequena Elisa, cujo corpo um dos monstros da Light reduziu a tasselhos, ficando-lhe ainda com as rodas em cima, a esmagá-lo, como uma fera que impuzesse as patas sobre os despojos de uma presa para defendê-los da gana de outros animaes.

Pobresinha! Era uma dessas muitas infelizes que entram na vida pela porta de ferro que abre sobre o caninho escuro do soffrimento.

Na idade em que todas as crianças brincam, sem cuidados, e tudo têm, como mandado do céu, a pequenita deixou os carinhos maternos para labutar pelo pão, do qual levava a melhor parte para a mãe, velha e enferma.

Já começava a abotoar na révora perigosa para as que andam sós, mas que lhe importavam as phrases

com que a assediavam, as palavras, ás vezes, grosseiras com que lhe feriam o pudor, pondo-lhe as faces em sangue? Conhecía a vida, ia-lhe pelos espinhos sem gemer, sem protestar, já habituada com o destino que Deus lhe dera.

Nessa manhã dolorosa o trabalho exigia-lhe mais pressa, ia, sem duvida, á hora dada para receber o que devia levar, intacto, para as mãos tremulas da mãe velhinha quando o monstro a apanhou...

«Tal qual como o Chapelinho Vermelho, que ia levar o bolo e o póte de manteiga á avosinha e o lobo comeu...»

Este áparte foi dado por uma pequenita que, sentada a um canto, com a boneca entre os braços, escutara em silencio a conversa lastimosa.

A mãe, ao ouvir-lhe as palavras, sorriu desvanecida e beijou-a nos cabellos louros. Eu fiquei a pensar no que dissera a criança e, passando ao meu gabinete, abri o Perrault e lá encontrei a historia ingenua, que começa assim:

«II estoit une fois une petite fille de Village, la plus jolie qu'on eut su voir; sa mère en estoit folle, et sa mère grand plus folle encore. Cette bonne femme luy fit faire un petit chaperon rouge qui luy seioit si bien que partout on l'appelloit le Petit chaperon rouge.»

O resto é conhecido — o lobo encontra o Chapelinho Vermelho na floresta e não o devora porque avista lenhadores perto, sabendo, porém, que a pequenita vai á cabana da avó, precede-a, entra no pobre lar, onde encontra a velha enferma, devora-a, substitue-a no leito e, quando a pequena chega com os seus presentes, attrahe-a e come-a.»

E o contador, na simples moralidade com que encerra a historia, diz :

On voit icy que de jeunes enfans  
Surtout de jeunes filles,  
Belles, bien faites et gentilles,  
Font tres mal d'écouter toute sorte de gens,  
Et que ce n'est pas chose étrange,  
S'il en est tant que le loup mange.  
Je dis le loup car tous les loups  
Ne sont pas de la mesme sorte...

Sim, na floresta o lobo é um, na cidade elles andam em alcatéa e o misero Chapelinho Vermelho, para ir d'um e outro passeio, se não levar os olhos bem abertos, ai ! delle.

São tantos os lobos nas ruas rastreando as pobresinhas, seguindo-as a toda a parte com engodos e se as não devoram onde as encontram é porque vêm gente, mas seduzem-nas e vão esperá-las onde possam, sem receio, cevar-se nellas e deixam-nas depois atiradas nas ruas, em mais miseravel estado do que ficou a pobre Elisa.

Essa, ao menos, coitadinha ! se foi esmagada pelo monstro, levou comsigo a flôr da innocencia, talvez a unica que lhe ornou as carnes maceradas. E agora que perdeu o seu amparo, a sua defesa na vida, a pobre velha, orfan do seu amor, ha de estar a ouvir ruido á porta do casebre, dantes risonho, quando a pequena entrava do trabalho com o bolo e o póte de manteiga... É outro lobo

.... car tous les loups  
Ne sont pas de la mesme sorte...

e esse, que arranha e bufa no limiar lútuoso para devorar a velha que ficou sósinha, a chorar a filha morta chama-se : Miséria.

Pobre Chapelinho Vermelho e pobre velha...!

12 de Agosto.

## Para o rei Alberto vêr... o que é bom

Anda alguma coisa no ar!... disse-me, ha dias, em tom prophético, um dos meus visinhos nesta, ou-tr'ora, aprazivel rua do Roço, onde móro ha dezeseis annos e de onde só sahirei se a Directoria Geral de Saude Publica não vier em meu soccorro e tambem em defesa do precioso sangue azul daquelle que, dentro em breve, verá o bom e o bonito no palacio Guanabara.

Não se trata de boatos. Boatos, em nossa terra, não tiram o somno a ninguem. Espalhem-nos por ali á ufa e escolhidos entre os mais tragicos, mais estarrecedores, e eu dormirei em paz no seio de Abraão, que é assim como quem diz: o travesseiro da tranquillidade.

Trouxessem-me, entretanto, para cá os sete dormentes, o philosopho Epimenides, a princesa

do Bosque e todos esses torpidos da lenda que eu me responsabilisaria a pô-los de pé num prompto e acordados de uma vez, porque não ha somno que resista á praga que infesta as visinhanças do palacio Guanabara.

Sempre tive Moysés, o do exodo, em bóa conta, agora, porém, com as pequeninas ventosas aladas que me anemiam ao som de motivos *à la Debussy*, e lembrando-me dos taes ciniphes que o famoso conductor de Israel espalhou no Egypto, considero-o um homem sem entranhas ou de maus bofes.

Nós, os futuros vizinhos do Rei Soldado, contavamos com os embellezamentos que estão tornando o Guanabara uma das maravilhas, (não direi do mundo, porque não quero ir tão longe com o louvor para não cançar as interjeições, fico nos limites da cidade e digo apenas) — deste districto, mas com a prova que nelle se vai fazer isso, não !

Como o Rei Alberto ganhou fama de heroe no *front* e ainda o dizem aviador temerario, alpinista dos mais ousados e não sei que outras lanças tem elle mettido em Africa por ahi fóra, o Brasil, diante do qual a Europa, quer queira, quer não queira, ha de curvar-se mesmo, resolveu quebrar-lhe a prôa, e que fez ? encheu de mosquitos o parque do palacio em que se vai hospedar o destemeroso monarcha.

Ai ! delle...

Conta a lenda que Siegfried, por antonomasia o « menino sem medo », zombava de tudo — de homens e de dragões, de feras e de abentesmas e lamentava não conhecer o tal medo « que arripia as carnes e põe os cabellos em pé » !

Dormindo com uma princesa certa dama, que o ouvira bravatear, resolveu tentar uma experiencia e, aproximando-se do leito, pé ante pé, com uma celha d'agua cheia de pequeninos peixes, despejou-a, dum lanço, no adormecido.

Despertando com a frialdade e vendo os animaes remexerem-se palpitantemente nos lençóes, Siegfried teve o que tanto desejava ter: medo.

Pois vai acontecer o mesmo ao rei heroe.

Não se arreceiou elle das balas allemães, nem dos zeppelins, nem dos gazes, vóa de uma cidade a outra com a mesma tranquillidade com que nós andamos dentro de casa, vai aos pincaros nivosos sem um capote sequer. É um novo Siegfried...

Cá o esperamos nós, não com a celha d'agua fria e peixes, como fez a aia da princesa, mas com os mosquitos para os quaes não ha pyrethro, nem cortinados.

O peor é que, querendo os taes insectos (que acompanham o capricho do governo, empenhado em mostrar tudo a primor) fazer entrada de leões treinam-se dia e noite nos moradores do bairro, de sorte que andam todos (os moradores) como se se houvessem levantado de variola ou de sarampo e tomando almudes de hemoglobina para refazerem o sangue que lhes sugam, com musica, os futuros vencedores do Rei Alberto.

Pobre Principe, pelo que tenho soffrido, só com os exercicios da mosquitada que o espera de ferrão em riste, confesso que não lhe queria estar na pelle. Ao menos, quando sahir e lhe perguntarem, lá fóra, como foi acolhido no Brasil, elle dirá suspirando, com saudade do sangue que perdeu:

— Com mosquitos por corda, como por lá se diz, e mostrará os signaes na pelle.

Esta parte, por ser surpresa, não appareceu no programma das festas officiaes, sendo considerada pelos encarregados do protocollo: ossos do officio.

O diabo é que quem os está roendo em primeira mão somos nós, que nada temos com o peixe.

19 de Agosto.



## A horda

Agachadas nos hervaes, franzindo as fauces em rictus de impaciencia; amoitados nas balsas, gauindo surdamente; empoleirados nos ramos, estalando os bicos hyenas, chacaes e corvos espreitam a lucta ferocissima dos grandes belluinos ou seguem-nos, á distancia prudente, nas caçadas e, quando os vêm prear, alvoroçam-se contentes certos de que, por mais que os vencedores comam, sempre ficará no arcabouço das victimas fevra que elles derrickem.

É o que está acontecendo com a Polonia. A guerra fez os seus estragos e passou. Foram-se os leões de juba flammejante, foram-se os pachydermes formidaveis, foram-se os tigres sanguinarios, foram-se os ursos, foram-se os lobos e as terras ensanguentadas ficaram, um momento, desertas, em lugubre silencio.

Mas o primeiro chacal atreveu-se a pôr o focinho de fóra. Animando-se com isso sahiu a campo a pri-

meira hyena, rastejando, e baixou de um ramo o corvo mais audaz e todos, a passo, ás surdas, chegaram-se á immensa carniça.

Então os mais tímidos avançaram e a mortua-lha fervilhou de voracidade.

A Polonia, ferida, sahira com a Liberdade da grande lucta, que, para ella, fôra de redempção.

O seu sólo martyr, semeado de ossos de heroes, reffloriu como nos tempos dos cavalleiros que, com tanto garbo, avançando desde os fossos dos seus castellos, abalançaram-se, com aguerridas mesnadas, em rumo a Jerusalém para libertarem o Tumulo do Senhor do dominio sacrilego do Turco.

Essa terra generosa, que se manteve viva, porque o seu patriotismo tinha, para alimentá-lo, as raizes profundas de uma tradição heroica, reviu depois da catastrophe e o mundo, que esperava esse renascimento, saudou-o alegremente, quasi perdoando o longo e flagicioso excidio da guerra pela resurreição, no seu nateiro de sangue, da Patria de Kosciusko.

Eis, porém, que sobre ella se atiram, rompendo da steppe gélida, as ferocissimas hordas da rapacidade, apregoando uma doutrina da qual, em nome de imaginario direito, excluem a razão de ser da vida, que é a Liberdade, e a flôr da virtude, que é a Honra.

São esses sicarios, vérmina de putrilagem, que se arvoraram em salvadores do mundo e, com um estandarte, onde garatujaram uma caricatura da Liberdade, investem com a Polonia, profanando aquillo mesmo de que se dizem paladinos, reforjando e enfibulando algemas que haviam sido quebradas e ameaçando com o *knut* dos czares as espaduas que alijaram a canga do captiveiro.

São esses os redemptores — ladrões como aquelle da fabula que, em quanto dois outros brigavam, disputando a posse de um asno furtado, sahio do matto e levou pelo cabresto o motivo da discordia.

Felizmente, porém, para a Polonia, com o ar novo que respirou na steppe livre, refizeram-se-lhe as forças e, recordando o soffrimento e as humilhações de outr'ora, ha de lutar esforçadamente para não regressar á condição miseravel de tortura e opprobrio, de que sahio, podendo, emfim, cantar os seus hymnos á sombra da sua bandeira, como no tempo dos seus principes cavalleiros, servos de Deus e campeões ligios da Honra.

A França, arteria de generoso sangue, que sempre corre pela Liberdade, foi a unica nação da Europa que se levantou em defesa da opprimida, reproduzindo o gesto heroico de Camillo, em Roma, quando o *brenn* exigia o aviltamento da *urbs*: á intimação bolchevista respondeu com o soccorro bellico.

Balda de munições, a Polonia teria cedido á arrogancia da quadrilha de Trotzky e já estaria manietada, arrastando ferros novos, que substituiriam as algemas fundidas pela guerra, se a França, em arrancada sublime, como a dos seus cadetes no poema heroico, ainda convalescente das gloriosas feridas que a desangraram, não sahisse por ella, com risco da propria fortuna e da paz em que se restaura, oppondo aos meliantes da neve a sua força e o prestigio tradicional da sua bravura.

A marcha sobre a Polonia devia pôr de sobre-aviso todas as nações, porque é o transbordo da desordem.

Vingada aquella comporta não se darão por

satisfeitos os assoladores e a invasão proseguirá e nella, como nas cheias dos rios, ir-se-á tudo que os seculos têm accumulado e que a Humanidade conserva veneradamente.

Os que olham, com indiferença, para o que se está passando na Polonia, se têm barbas, devem pô-la: de mólho, porque o incendio que lavra, se não fôr contido a tempo, não se limitará ao que envolve: irá por diante e cada vez mais violento e o mundo ficará em ruinas sobre as quaes trapejará o estandarte vermelho da horda dos novos barbaros.

O Brasil dirá que não tem barbas, porque é ainda muito moço. Pois que resguarde o buço para que o não chamusquem as chammas dos archotes que illuminam o que os depredadores chamam — a aurora dos novos tempos.

26 de Agosto.

## A victoria do frio

---

O sol não os acompanhou a bordo, nem sequer appareceu nesse dia pelo qual as horas passaram tristonhas, tiritando encolhidamente á chuva. E elles foram-se sem a unção divina d'aquelle que fertilisa as nossas terras, palhéta de escamas rútilas as nossas aguas e, como um vinho claro e generoso, transborda da immensa phiala de ouro, que é o seu disco, accendendo nalma o enthusiasmo e inspirando-lhe poesia.

Foram-se daqui certos de que encontrariam além o mesmo carinho solar, e rompendo as verdes aguas, iam tão certos do triumpho que ensaiavam hymnos de victoria, acompanhados pelo côro das oceanides, que os seguiam nadando e trebalhando na esteira do navio.

Mal, porém, perderam de vista o Cruzeiro entraram a sentir mudança em tudo -- o céu não tinha a mesma côr, as estrellas tornaram-se mais pal-

lidas, a luz do sol mais tibia, o ar frio, e a saudade ciliciou-lhes o coração apertando-o em tristeza. Então juntaram-se mais para que, reciprocamente, se transmittissem lembranças da Patria.

E foram-se, não mais cantando, mas recordando, em silencio, o que lhes ficara além, muito para lá d'aquelles astros tristes de um céu novo.

Ainda levavam sol no sangue, tanto assim que, nos primeiros jogos em que se mediram com estrangeiros, deram taes mostras de valentia que logo foram acclamados heróes, havendo quem por elles apostasse, com segurança na victoria das côres que levavam. Mas o invisivel inimigo «mephistophelico e esguio» logo vibrou contra um dos mais fortes o seu terrivel estylete, prostrando-o em uma cama de hospital. Os demais seguiram.

Contavam elles com antagonistas que viessem a campo fiados apenas nas proprias forças, nunca imaginando que se tivessem de medir com homens escudados, como o muslim nas cruzadas ou como Klingsor nas justas descriptas por Wolfram, em prestigios e sortilegios.

No primeiro encontro, sendo o nunc que o presidia o Fogo, triumpharam; logo, porém, começou a operar-se o encantamento álgido.

As montanhas vestiram-se de ponto em branco, cobriram-se as rochas de carambina, as arvores colgaram-se de filandras vitreas e o ar abrumado encheu-se de folhecas que, ajuntando-se nos campos, queimavam-lhes a herva laminando-os de finissimo crystal de neve.

Era a traição dos montes. As geleiras hostilizavam os filhos do sol.

Os ventos, que sopravam gemedoramente, tolhiam os heliôgenos. Se madrugavam na arena, elles que estavam habituados a vêr a Aurora vestida de ouro e purpura e cantando por mil gargantas de passarinhos, entre ramarias verdes, entristeciam-se ao vê-la coberta de cinza e calada, passando por entre galhos nús de arvores esqueleticas.

Se corriam para agua encontravam-na gélida, grossa, rolando crystaes de neve. Era o degelo dos montes que defluia e, mal os nossos mergulhavam, logo se sentiam peiados como por tentaculos de um polvo immenso, e por mais que lutassem, não podiam romper as malhas da rede perfida que, contra elles, lançara o antagonista invisivel que, das alturas dissolvendo a sua força entorpecedora, os retransia e inutilisava.

Que fazer? Como lutar com o inexpugnavel?

Roxos, batendo os dentes, lá iam elles e, apezor do enliço hybernal, não se deixavam subjugar pelos naturaes dos *fjords*, que vivem encostados aos montes niveos, de onde, estrondosamente, a quando e quando, rolam as aludes que são crystallisações do frio.

O Frio... Foi elle o vencedor dos nossos patriocios nas Olympiadas. Se elles tivessem levado um pouco do noso sol no navio em que seguiram, como a velhinha do poema lyrico de Rostand que :

Emportait le soleil dans son humble brouette

não teriam, certamente, cedido a palma a outros povos, mas com o frio que os inteiriçava, emperrando-lhes os movimentos, que haviam de fazer os filhos do sol?

Muito a proposito vem aqui aquella fabula da *Raposa e a cegonha*.

Convidou a raposa a sua amiga cegonha para jantar e serviu-lhe papas em prato. A cegonha, com o bico, pouco, quasi nada apanhou do manjar, quanto a raposa, essa levou-o todo de lambida. Calou-se a illaqueada e, tempos depois, retribuiu a gentileza que recebera com igual generosidade de mesa, mas, em vez de servir papas em liso, o fez em saboroso picadinho e pô-lo em um vaso de gargalo estreito, por onde lhe entrava, com facilidade, o bico; e a raposa, moita!... teve de contentar-se com uma ou outra miga que, por acaso, cahia do bico da cegonha.

Se comprehendeu a vingança, não sei. Mas La-fontaine termina a fabula dizendo:

Trompeurs, c'est pour vous que j'écris :  
Attendez-vous à la pareille.

Sim, que se preparem. Receberam-nos com o frio, cá os esperamos com o sol. Hão de suar, garantanto!

2 de Setembro.



## O heroe

---

Quando se considera a marcha de l'humanité, on remarque que les héros sont au commencement de tout grand mouvement. L'exemple qu'ils ont donné est contagieux. Une vertu émane d'eux et s'empare des autres. Ils ont le privilège d'allumer partout la lumière, l'entrain et l'espérance. Ils sont les sauveurs dans les temps désespérés, les guides dans les jours sombres, les pionniers de l'avenir, les pures et nobles victimes qui meurent pour la justice et la vérité, afin de leur frayer un chemin. Mais quelle influence auraient-ils, sans le respect, l'admiration, l'enthousiasme qu'ils font éprouver? C'est à force de les admirer que nous devenons capables de profiter de leurs vertus.

C. WAGNER.

A cidade rejubila com a presença dos soberanos belgas, príncipes da Humanidade, que se destacaram da grande guerra como o clarão irradia das chamas.

Elles foram o esplendor da catastrophe. Foi dentro da aureola dos seus nomes que o verdadeiro heroísmo resplandeceu em bravura e em honra, em resignação e em fé.

Assim como o relampago nos mostra o céu no negrume da tempestade, assim no horror daquelles dias tremendos viamos a Humanidade atravez das almas pares desse casal predestinado.

O cavalleiro airoso que, a bem dizer, passou

do convés da nave que o trouxe sob a nossa bandeira, para o coração do povo, portou-se na grande hora tragica da invasão como se fôsse da raça angelica do kerub que a Biblia figura á entrada do Paraiso brandindo a espada flammejante, que era o symbolo da condemnação divina.

Elle, se não conteve a mole inmensa que se arrojava em cataclysmo de aço sobre o mundo, fez da sua Patria uma trincheira e com ella, em hostia suprema, deteve diante do altar da Honra a massa formidavel, dando tempo a que a França se preparasse para receber o choque prussiano.

E quando, sobre o corpo mutilado da Belgica, rolaram as vagas incomportaveis do novo Xerxes, Alberto, coroado rei da Humanidade com o estemma do martyrio, rompeu á frente dos banidos, contente do que fizera pela Vida, embora com sacrificio da Patria. E no exilio acompanhou-o sem desfallecimento essa que o segue, como a sua propria alma, que não se desliga do corpo enquanto nelle ha vida.

A Lenda, flôr da Historia, que cercou o nome do rei Alberto, fazia do Heroe um typo de batalhador adamantino como Rolando, armado pesadamente e desferindo golpes que desmantellavam muralhas e parliam, de meïo a meïo, o cavalleiro e o cavallo.

E eis que nos apparece um homem de simplicidade meiga, amando e buscando o povo, sentindo-se bem na vida simples, correndo com a curiosidade do artista a todas as bellezas e extasiando-se, com sincero enlevo, diante de tudo que Deus fez para encanto da Vida e ornanamento da sua obra.

Onde a arrogancia de monarcha no bravo nadador de Copacabana, no andarilho das ruas, no ma-

drugador que sabe do leito quando os pardaes acordam e na alameda de mangueiras do palacio Guanabara detem os passos a ouvir as aves gazfs gozando o aroma seivoso das velhas arvores copadas?

E esse homem simples, lhano, que tanto se apraz na vida commum, é o perfilhado da Gloria, o Heróe Olympico da Guerra, o que comportou a invasão e o que deu aos homens o maior exemplo de grandeza d'alma de que ha memoria nos fastos do Heroismo.

A virtude que delle emana e que se infiltra em todos os corações é a da simplicidade. Só os fortes são simples porque não precisam de atavios para impor-se: a luz não se enfeita e é o dia, ella é que dá a côr a tudo e tudo anima.

As palavras de Wagner retratam maravilhosamente esse Heróe, e se houvessemos de pedir alguma coisa aos que o cercam seria que o deixassem livre, que lhe não confinassem a alma generosa e expansiva na estreitura de uma pragmatica de arrocho, que não o tornassem prisioneiro, dando-lhe apenas o protocollo por menagem, mas que lhe abrissem todos os caminhos assim como o povo, desde que o viu, abriu-lhe o coração, onde elle reina como um verdadeiro principe de homens.

Heróes como Alberto são exemplos que devem ser vistos e amados. « C'est à force de les admirer que nous devenons capables de profiter de leurs vertus. »

23 de Setembro.

## Mais um!

---

« Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Porque vos mettéis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para ellas. Contentai-vos com o mar e com o nadar, e não que'rais voar, pois sois peixes. »

Estas palavras de Vieira faladas aos peixes podem ser applicadas ao Homem, que anda agora tão levantado em arrogancia e audacia.

A Adão, tirando-o do pó, deu o Senhor o dominio da terra vasta e frondosa e se, em tal dóte, impoz condição, esta foi estreitamente limitada ao ambito da sombra de uma arvore, tanto, porém, bastou para que tudo mais parecesse mesquinho ao ambicioso e só lhe raivasse o desejo diante do que lhe fôra vedado até que, pela mão da Mulher, entrou na sombra prohibida, achando nella os trabalhos, as dores e a morte.

Se Deus o quizesse nas aguas ter-lhe-ia dado barbatanas, como aos peixes: se o quizesse no ar, como os anjos e os passaros, não lhe teria suppri-

mido as azas, cortando-as cerce pelas espaduas ; se o destinasse ao fogo far-lhe-ia o corpo incombustivel, como o da salamandra.

Não sendo, porém, dotado para viver em taes elementos, quiz o Homem conquistá-los e primeiro nadou nas aguas, e feriu luno e subiu ao cimo das montanhas. Cavou depois a piroga, accendeu a lampada, esbraseou a forja e, atrevendo-se a mais e mais, assenhoreou-se dos oceanos e apoderou-se do raio.

Governando a agua e o fogo só lhe faltava imporse ao ether, abrir azas em vôo altivo, alevantar-se da terra á nuvem, ultrapassá-la, chegar ao céu elyseo e romper pelo mysterio apparecendo diante de Deus orgulhosamente.

No dia em que tal succedesse, as hostes inferiores rejubilariam nas profundezas e o Creador teria de ceder á intimação da criatura.

O Homem, ainda que reconheça a Omnipotencia, não desiste da aventura.

Aos que se arrojam para o alto anima, incita, acorçoa e, se os ventos desencadeiados envolvem em turbilhão o audaz, precipitando-o em terra, o Homem recolhe o corpo, sepulta-o com honras e, longe de entibiar-se com o desastre, mais se inflamma com elle e do proprio tumulto do martyr faz subir outro heróe, como depois de uma frecha perdida o guerreiro, atesando com mais força o arco, desfere outra mais impetuosa e mais certa ao alvo.

Já o espaço, dantes intransitavel, remuge com o sussurro perenne das azas dos aviões, a fronteira aerea foi vingada e o Homem vôa.

Enxames cruzam-se na altura, dispersam-se, baralham-se. Vai este a um rumo, aquelle a outro ;

um ascende sereno, mergulha, desaparece nas nuvens; outro remoinha desgovernado, desequilibra-se e precipita-se vertiginosamente em espiral, abysmando-se. Mas o bando prosegue como aves migradoras que se não perturbam na abalada nem se desviam da orientação que levam por haver uma do bando sido attingida pela bala do caçador.

Hontem, mais um: o sargento João Menezes. Ao remontar no surto ousado disse o jovem aviador aos companheiros:

— Vou tentar uma audacia!

Viram-no subir, pairar um momento em pleno sol; subito, como fulminado, o aparelho oscillou, batendo as azas frouxas e, terebrantemente, veiu do alto á terra.

Mais um!

E assim se vão accumulando os martyres, tantos, porém, hão de elles ser que, um dia, formando uma torre mais alta que a de Babel ou uma escada mais bella do que a que Jacob viu em sonhos, levarão, por degraus de heroismo, a Humanidade ao Elyseo.

Esses abnegados que se sacrificam pelo Pensamento são como as estrophes dos hymnos que sôam, vibram nos corações e morrem no ar, mas do entusiasmo que despertam é que sahe a força das victorias.

Perdemos uma vida, ganhamos mais um degrau na escaleira olympica e assim havemos de subir sobre dedicações e martyrios.

30 de Setembro.

## In excelso

---

...ceux qui ont travaillé à l'amélioration du sort des hommes, ceux qui trouveront sans doute le moyen de l'améliorer beaucoup encore, ont expié ou expieront leur bonne action ; car on n'est jamais récompensé de ce qu'on fait pour le bonheur de l'humanité. Et cependant ils auront toujours des imitateurs. Il y aura toujours pour reprendre leur œuvre des incorrigibles, des possédés de l'esprit divin qui sacrifieront leurs intérêts personnels à la vérité, à la justice. Allez ; ils ont choisi la meilleure part !

E. RENAN.

Abro *A Noite* e afigura-se-me vêr uma carta celeste, porque a nova esplendida que se me depara na folha arrouba-me, arrebatando-me da realidade para um sonho olympico.

Tudo rebrilha na pagina : as letras fulgem mi-cantes, os espaços relumam e eu sigo imaginativa-mente sobre as palavras o surto ousado do aéride que d'aqui partiu pelo caminho das azas levando sau-dações de fraternidade ao Sul.

Nesse tramite, cruzado apenas pelo Pensamento, vai agora o Homem. Não é mais a Luz que seinda a distancia, mas o proprio Lume ; não é mais o clarão que se projecta ao longe, mas o proprio facho que avança.

É Prometheu que rompe o Ether com o fogo divino e o abutre, que dantes o devorava no cimo da montanha, é que, dócilmente, o vai levando entre as azas possantes. E as oceanides, vendo passar na altura o conquistador audaz, em vez de levantarem lamentos, como os que plangem no côro eschyleano, entoam hymnos triumphaes sobre o dorso das vagas.

Ainda a terra fresca do tumulto da derradeira victimia da aviação não teve tempo de ferrar-se de verdura e eis que outro assume o posto de heroismo vago com o desastre.

O martyrio excita, o sangue embriaga como um vinho generoso.

O enthusiasmo sublime que leva ao sacrificio é o segredo de todas as redempções.

O sitio em que perece um heróe torna-se, desde logo, fecundo e sagrado.

O Golgotha era um ossuario de caveiras, monturo lugubre e alcândora de abutres e tornou-se a culminancia da Fé depois da tragedia em que succumbiu Jesus. E foi o martyrio do Messias que deu força á sua doutrina, foi o seu sangue que regou a sementeira da sua Palavra; foi d'aquella morte affrontosa que explodiu a Vida eterna do Christianismo; foi d'aquelle tronco aviltante, refflorindo como a vara de Moysés, que nasceu o Perdão. E em tudo ha de ser assim.

Que importa ao heróe a indifferença da Humanidade?

Trilhando os desertos aridos elle não espera da terra aureolas que lhe cinjam a fronte, senão poeira que o asphyxie; e passa. Cruzando os mares em levadia não conta com applausos das vagas, mas com o



marouço bravo, e prosegue confiante. Rompendo o elyseo não pensa em receber ovações das nuvens nem espera encontrar alamedas de estrellas, mas ventos que o aberrem, brumas que o envolvam, e avança.

E assim como atravessa a terra, o mar e o ether assim passa atravez da Humanidade.

Os applausos dos homens ou a sua ironia não chegam ás alturas que o aviador perlustra. Vai só e em silencio. Engano!

Vai em multidão : seguem-no as almas dos precursores, formando a legião do ideal. Vai entre invisiveis, que são forças, e são ellas que o impellem. É a abnegação dos martyres, o sonho dos visionarios, a ansia dos atrevidos, todas as energias accumuladas, como oblatas, no altar do sacrificio, que o vão levando em turbilhões para o desejado Norte.

Não pôde haver desanimo onde o Pensamento arde. A treva quebra-se d'encontro á luz.

A morte deste ou d'aquelle, isso que monta ?

« Ha de sempre haver, para continuarem a obra dos heróes vencidos, incorrigiveis, possessos do espirito divino, que sacrificarão os proprios interesses á verdade e á justiça ».

E o voador que vai em arranque temerario é um d'esses incorrigiveis, um d'esses divinos possessos.

A vida é oceanica. O mesmo destino que desdobra continuamente a onda no rythmo do movimento propelle o homem. As ondas morrem na praia, mas o fluxo não cessa, e, ainda bem uma não chegou ás pedras, onde se esfrolam espumas, já outra incha além e rola e atira-se om quebrança. É longe o mar encrespa-se, empola-se, assoberbado e tumido, e outra ainda investe e assim, morrendo umas sobre outras,

com a morte mantêm a vida, como os heróes, sacrificando-se, mantêm o Pensamento e levam-no por diante.

Esse que vai pelos ares, como a aspiração da Patria, é mais um surto do ideal.

A Arvore da Sciencia espalha o seu pollen. Que importa que se percam milhares desde que, para tornar em realidade o grande sonho, basta que um só atomo chegue ao seu destino? Será esse o privilegiado? Quem sabe!

8 de Outubro

## Alberto Nepomuceno

---

There are more thing in heaven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your philosophy.

SHAKESPEARE.

Deixemo-lo dormir.

O oceano inquieto, o grande voluvel, esse mesmo guarda, durante dias, na profundeza das suas aguas, o corpo de quem nelle perece, só o devolvendo á tona depois de haver d'elle extrahido toda a essencia vital, mysterio esse que a natureza cala em silencio impenetravel.

Deixemo-lo dormir.

Se o deitamos no leito frio, hybernando na terra para resurgimento em primavera vindoura, porque havemos de perturbar a acção divina com o rumor importuno das nossas palavras? A vigilia deve ser silenciosa como a noite, que é a desveladora das sementeiras.

Chorem-no, reguem-lhe o tumulo os que verdadeiramente o amaram, não estejam, porém, a re-

volver a terra sagrada onde se redime do soffrimento o corpo que foi o relicario de um espirito harmonioso. Demos tempo ao tempo. Se as flores ephemerhas, que nascem e morrem entre dois sóes, ainda não vieram a flux, como exigir que se manifeste o imperecível, que demora a romper, porque tem de embeber-se de eternidade para viver com a força do todo sempre ! ?

Se a obra que elle deixou foi fecundada pelo genio, alma, força criadora e resistente como a luz, não serão palavras que a hão de destruir porque o proprio Tempo a defenderá.

A mais afiada espada não corta um raio de sol e a lamina que o tentar ferir só lucrará illuminando-se com elle.

Se a sua obra foi apenas um canto coelo cessará desde que expire a brisa que a temblava.

Deixemo-lo dormir.

Dos que o amaram fui um delles e devo-lhe instantes dos melhores da minha vida.

Fantacias e sonhos da minha imaginação foram por elle levantados, e viveram. *Artemis*, quando lh'a entreguei, era uma figura inerte, mais fria e rigida do que a imagem de pedra que o esculptor talla no bloco. Elle poz-lhe nas veias uma circulação de sons, encheu-a d'alma, desencantou-a da impassibilidade com a sua vara de condão e foi um *ser*.

Tive-a ante os olhos, senti-a e lagrimas felizes correram-me pela face, o coração bateu-me commovido quando o meu sonho surgiu da partitura á evocação do artista.

Outro sonho que tambem lhe deve a existencia — o acto de Bethlem da *Pastoral*; ainda outro : o

*Soneto.* E falo só dos meus, tratados pelo animador, mas a quantos, quantos! fez elle o beneficio de acentuar melodiosamente!

Deixemo-lo dormir.

É um morto. Se a vida é unicamente função dynamica, alimentada pelo sangue e dirigida pelos nervos, tudo está acabado, mas se é um mysterio que se desenvolve, como os dias, nos transitos do sol, não perturbemos o silencio nocturno. Deixemo-lo dormir.

O brilho apagou-se no transmontó, mas o effluvio astral ficou, como perdura na terra e em tudo perpetuando a vida — na semente que explue, na flôr que desabrocha, no ovo que se desempolha, na fonte que mana, na onda que rola, no sorriso que se abre, nos labios que se procuram, em tudo, porque em tudo o sol persiste latente e resurge em força, em amor, em arôma, em genio, em vida, enfim.

Nem por escurecer a noite deixa de haver germinação e é velado pela treva que o sol, espalhado em calor, produz.

Deixemo-lo dormir.

Se tem força para vir á tona a sua obra ha de reaparecer e vingar em nova e esplendida madrugada e assim como, em breve, o seu tumulo todo se cobrirá de flores, assim o seu nome se ha de cercar de gloria.

Se foi um peregrino commum, dos que atravessam a vida alumando-se com uma lanterna, agora que ella se apagou é escusado soprarem-na porque o morrão, em vez de luz, só dará fumo, á mingua de oleo.

Deixemo-lo dormir.

Os que confiam no seu genio tenham-se quedos, com a serenidade magnifica com que ficou o Anjo á beira do sepulcro de Jesus, e, na hora augusta do milagre, afastem a lapide para a resurreição. Os outros, esses, por mais que se armem contra elle, como os legionarios da patrulha romana, hão de cahir deslumbrados pelo esplendor do prodigio. Deixemo-lo dormir os tres dias do Tempo.

21 de Outubro.

## A derrota do heróe

---

A Grecia não possui entre os seus homens vivos um que se possa medir com Venizellos. Estalão para tal grandeza só na Historia poderá ser encontrado.

Conta um santoral da Irlanda que, viajando com os seus discipulos no paiz de Dicfil, encontrou S. Patricio um tumulo que media trinta pés de comprimento sobre dez de largura.

Estranhando os alumnos do missionario aquellas proporções, duvidaram de que tal comoro fôsse sepultura humana, ao que acudiu o santo com serenidade :

— Os primitivos homens eram de porte avantajado. Não os queirais julgar por nós, que nos gastamos em seculos e em trabalhos, reduzindo-nos á pequenez que vedes. Os antigos eram colossos.

E, para convencer aos que o ouviam, depois de recolher-se em ascese, trouxe com o seu báculo o

signal da cruz sobre a tumba, evocando o morto em nome de Deus.

Rebentou-se a terra milagrosamente e os discipulos recuaram pasmados, vendo levantar-se das profundezas um gigante de póрте descommunal que, apesar de logo cahir de joelhos diante do santo, ainda ultrapassava a altura de todos, dominando-os como uma torre.

E falou estrondosamente, com lagrimas, exorandando Patricio a baptisá-lo, purificando-o com o sacramento lustral, para que a sua alma pudesse alliviar-se das penas que soffria na Eternidade.

E, sendo satisfeito no seu pedido, recolheu-se ao tumulo e a terra fechou-se por si mesma sobre elle como se fecham as aguas.

Para emparelhar com Venizellos seria necessario que um thaumaturgo, do prestigio de Apollonio de Tyana, se acercasse dos tumulos dos heróes e chamasse á vida algum d'aquelles que, preferindo a virtude, ainda com sacrificio, a Honra embora á custa do martyrio, ás glorias ephemerass da vida, passaram dos dias á sombra da morte com serenidade estoica, deixando, porém, o occaso para o sempre fúlguro, com o que se tornaram mais poderosos do que o sol, do qual não fica vestigio dentro da noite.

Que lucraria Venizellos com a victoria eleitoral? Seria o que são esses cabos de fraude, sem escrupulo, que manipulam cedulas, falsificam firmas, peitam, mentem, vencem com o suborno, com a cabala, com as ameaças, quando não se valem de violencias nas quaes nem a honra é respeitada.

Derrotado, deu elle ao mundo a demonstração de uma pureza illibada, de um caracter diamantino,



d'esses que se não polluem com o interesse, que se não inquinam em cambalachos, que não trazem eiva e, em qualquer ponto em que appareçam, ainda nos mais tenebrosos, fulgem como aquelle diamante da lenda que rebrilhava no escuro com tanta incandescencia como a propria luz.

A victoria, ainda que lidima, marearia, talvez, a gloria do grande patriota, que conduziu a Grecia á victoria, tendo-a encontrado enfraquecida e amesquinhada, levantou-a á altura das nações poderosas, restaurando-lhe os florões triumphaes de outr'ora, porque sempre se havia de dizer que elle vencera porque tinha o poder nas mãos e d'elle usara a seu talante.

Na derrota elle é grande, apparece maior porque se mede pela estatura moral de Aristides e de Phocio, essas grandezas eternas, que têm lugar permanente, não em camaras transitorias, mas no culto da Justiça humana, cujo templo é a Historia. Acho eu que a Grecia fez bem, mantendo-se coherente com o seu passado. Nem se comprehenderia que o povo que baniu Aristides e que obrigou Phocio a beber a cicuta elegesse Venizellos.

Para collocar o heróe de hoje á altura dos heróes antigos, a Grecia não podia fazer outra coisa senão derrota-lo.

Os proprios deuses precisam de calvarios para triumphar.

## Recordatevi...

---

Andei pela casa do Themis onde tomei medida de uma béca que, com mais duas provas, teria ficado prompta, investindo-me nos fóros de bacharel com direito ao canudo e ao anel e ainda a montar banca de causidico ou a aspirar aos mais altos cargos da magistratura. Enthusiasmos do coração ardente em dias, tão diversos dos que correm, em que as almas juvenis ardiam inflammadas no fogo sagrado do Ideal, fizeram-me arripiar carreira.

Em vez de entrar na regra geral, a que allude o poeta falando de «toda a gente», fiquei na mesquinha excepção dos que não têm diploma, apesar da grande venda, a resto de barato, que aqui se fez, de cartas simples ou com borla e capello, no tempo em que a austera sciencia do Justiniano rastejou em balcões. Fiquei de fóra e não sei se deva render graças aos deuses pela inspiração com que me alumiamam, livrando-me de preoccupações insomnes nesta vida e quiçá de tormentos cálidos em outra.

Em verdade, deve ser coisa de pôr o juizo a juros e a alma sempre em risco de perdição isso de lavar sentenças. Condemnar um homera é tanto como matá-lo, e o verbo justicar reforça o que acima digo, mas o morto descança e o galé ahí fica entre grades, envelhecendo, parado como o pantano que esverdinha sempre assente no lodo.

O juiz, diante dos autos, deve ser mais metuculozo e attento do que o analysta que experimenta no laboratorio: um perscruta o absolutamente invisivel, que é a alma; o outro tem uma base material e um instrumento de verificação.

O microcosmo, nem por ser infinitamente pequeno, deixa de ter corpo; a fraude, o aleive, a calumnia, todas essas formas da mentira são inapprehensiveis, escapam pelos embustes da dissimulação, fogem pelos meandros da astucia, evadem-se por mil disfarces illudindo o tino mais sagaz e pôde o mais justo e honesto dos juizes cendemnar, de bóa fé, um innocente enliçado em malhas tenues de intriga.

O bacteriologista vê o bacylo ou o microbio; o juiz vê apenas a cultura — os autos, e nelles os depoimentos, que tanto pôdem ser verdade como invençionices de malieia, relatos fieis ou suggestões tendenciosas.

Erre um juiz em casos obscuros e ninguem o accusará de maldade, mas ante provas suspeitas, argumentos fallacciosos, allegações contradictorias entre si e de todo o ponto malevolas, que se destróem por si mesmas, á maneira dos escorpiões, eis o que se não comprehende.

Expurgue-se a sociedade dos criminosos como se expunge um corpo dos elementos que o moles-

tam e inficionam, mas só por suspeita, por um exame superficial, assim como o medico não desengana, não deve o juiz condemnar e seria indigno de exercer a sciencia aquelle que, por uma inspecção de passagem, degradasse num leprosario um herpetico ou, por desidia no exame de uma causa, condemnasse um innocente.

Cito como exemplo o indigno processo do tenente Paulo do Nascimento, cuja revisão foi requerida ao Supremo Tribunal.

Não é preciso ter a perspicacia dos famosos juizes infernaes Eaco, Minos e Rhadamanto para descobrir as eivas de tal peça, tão profundamente viciada de ineptias e disparates, que não ha quem a compulse sem espanto e, por vezes, com o sorriso no fio dos labios.

Ha em tal cangarilhada desde a aleivosia mais flagrante até a razão mais comica e tudo isso foi prova, pesou na balança da Justiça.

Ha testemunhas que negam, em começo, um facto, asseverando-o, paginas adiante, com a certeza robusta de quem o tivesse presenciado. Outras valem-se da fé e juram como no tempo das ordalias, não por terem conhecimento, mas por lhes haver Deus ordenado tal fizessem, «facto que têm por sobrenatural (*sic*) não sabendo explicar o motivo de tal revelação divina.

E esse mysterio é accito como prova. Falta apenas em tão monstruoso processo aquillo que Michelet nas *Origines du droit français* diz que se fazia na Idade Media — o arrolamento dos animaes domesticos como testemunhas.

Effectivamente (tal seria!) não apparecem nos

autos miados de gatos, latidos de cachorros, chibios de ratazanas, etc., mas, com exclusão de taes vozes, ha de tudo e tudo serve.

E com taes provas amontoadas atabalhoadamente no calhamaço dos autos foi condemnado um homem dos mais nobres antecedentes, official caprichoso, sem nota que lhe mareasse a fé de officio.

A Justiça achou-se diante de um supposto crime que, desde o primeiro momento, pela confissão das pessôas mais intimas do lar, foi dado como *suicidio*, com o que concordou o laudo pericial dos medicos legistas, logo, porém, com a erupção do odio em surto de vingança, o caso passou a ser de assassinio.

As crynnias accusadoras acirraram-se querendo vingar-se, não da morte da esposa, mas de uma falta que poderia ter concorrido para o suicidio que, entretanto, não pesa no processo, e tanto lidaram, tanto enredaram que conseguiram entralhar a meada que o Supremo Tribunal vai deslindar, um pouco tardamente, embora, visto que a victima já soffreu por ella seis annos de prisão, mas sempre lucrará sahindo mundificada da nodea, com que a polluiram, de haver manchado as mãos no sangue d'aquella que foi a portadora do seu nome e que lhe deu do seu seio as filhas que são a sua maior saude.

Leiam os integros juizes as folhas do processo e recordem-se do caso do padeiro veneziano, citado por Maurice Lailier e Henri Venoven na obra *Les erreurs judiciaires et leurs causes*, caso que eu peço venia para transcrever de um discurso pronunciado pelo illustrado mestre, Dr. Esmeraldino Bandeira :

« Em Veneza foi, outr'ora, condemnado ao ultimo

supplicio um padeiro como autor do assassinio de um nobre veneziano. O desgraçado era, porém, innocente. Reconhecido depois o erro, apressou-se o Senado em rehabilitar-lhe a memoria. Instituiu-se perpetuamente uma missa pelo repouso de sua alma. Uma lampada foi suspensa e conservada accesa no interior da igreja proxima ao Tribunal e inscreveram-se em letras vermelhas na parede da sala das audiencias estas palavras :

« *Recordatevi del povere fornaro* » (Recordai-vos do pobre padeiro). Toda a vez que, desde então, se levantava o Tribunal para deliberar, um official de Justiça conclamava : *Recordatevi del povero fornaro*.

E o Tribunal vai reunir-se. *Recordatevi . . .*

25 de Novembro.

## Ridendo ...

A machina, impondo-se ao mundo, vai nelle substituindo o Bello pelo Util, a quantidade pela qualidade. Os dias passam de vôo pelo Tempo e para acompanhá-los mune-se o homem deapparelhos celeres, não mais propulsionados pelo vapor, irmão da nuvem vagarosa, mas pela electricidade, irman do raio. Zeus retomou o governo do Universo e dirige-o com o feixe fulmineo com que flagellou os titans rebeldes na grande guerra em que, atrevidamente, se levantaram contra o céu os filhos da terra.

Tudo que era *Arte* nos tempos chamados de ouro, é hoje industria rápida.

Onde as fiandeiras, discipulas de Arachné que, com dedos ageis, urdiam as finas telas? Onde os lavrantes que floriam e recamavam a ouro, prata, sêda e pedrarias os pannos sumptuosos? Onde os cinzeladores subtis, os glypticos delicados, os illuminadores, os copistas pacientes, os fundidores tar-

dos, todos esses mestres exímios que consumiam a existencia no aperfeiçoamento de una obra prima? matou-os a machina, que realisa em horas o que elles faziam em annos lentos e trabalhosos.

E não só as artes concretas, que se manifestam táctiles, tambem as de pura espiritualidade, como a musica, a poesia, a eloquencia, ahi estão em machinas que as reproduzem com desafinações e hiatos.

A própria *arte* da conversação, que era o encanto dos salões no tempo em que o espirito imperava aristocraticamente, desappareceu vencida pela palestra, pela cavaqueira, pela prosa desflorida e sempre interessada em negocios, correndo pelo utilitarismo do milhão ou de outra qualquer cubiça, a um vão de janella, a um canto de rua ou á mesa de um café ou casa de chá. Os próprios prazeres são hoje gozados (?) de alogadilho: ama-se a relógio, come-se com automovel á espera, dorme-se com o despertador á cabeceira. E tudo é assim regulado como a velocimetro.

As letras não podiam fugir excepcionalmente á regra e entraram no remoinho vertiginoso. Que escriptor, ainda o mais rico de imaginação e habil em enredar episodios, ousaria hoje escrever um romance em dois volumes? O leitor apressado quer o thema em essencia, romance sem palavras que lhe dá o cinema.

Será isto symptoma de decadencia ou aspecto ephemero de uma crise? Pendo para a segunda hypothese. A agitação frenetica ha de cessar, como abonancam as tempestades e a vida regressará á calma, á serenidade dos dias felizes.

Mas a epoca precisa ser fixada.



Assim como Luciano, embebendo o seu «stylus» no sumo da herva sardonica, tracou os commentarios da vida grega quando o virus byzantino começou a infiltrar-se no sangue dessorado dos hellenos, assim vai procedendo entre nós um escriptor que registra, com mais fidelidade do que um taximetro que fosse, ao mesmo tempo, cinematógrapho, a corrida fantastica em que vamos e todos os aspectos do caminho que percorremos — esse é Humberto de Campos.

Vindo do Norte num turbilhão de «Poeira»... poeira d'aquella que reluzia e faiscava no Parnaso sob os cothurnos das Musas, pousando aqui no sólo da Urbs, transformou-se instantaneamente no prosador magnifico que nos faz a Chronologia elegante do alto de uma columna d'*O Imparcial*, columna que, segundo alguns, serviu de herma a um busto de Democrito.

De tal altura dá-nos diariamente o «stylita» iónico um quadro da vida, senão feito com a exactidão servil de uma chapa photographica, mais interessante e fiel, porque vive sob o prestigio magico do revelador, reproduzindo scenas e imagens como um espelho. Ha nelles alguma coisa das parabolias, parabolias não de um Jesus, mas de um demonio, como o Asmodou, de Le Sage; allusões da Fantasia feitas á Realidade, com o conceito, em amendoa amarga, sob a assucarada confeitura.

As chronicas de X X, que appareceram (e outras se lhes hão de seguir sem descontinuação) como as *acta diurna* no jornal e que hoje formam os volumes *Da seara de Booz*, *Valle de Josaphat* e *Tonel de Diogenes*, volumes que se esgotam aos milheiros mal são expostos nas livrarias, confirmam o que disse

Edmond Scherer, quando se referiu ás qualidades do escriptor contemporaneo, e ao publico :

« Le journal n'empêche pas qu'on ne continue à écrire des livres, mais les livres s'adressant a un public habitué au journal ont du chercher le succès dans des moyens semblables, et s'imprégner, a leur tour, de l'esprit de la société affairée, blasée, sceptique (et j'en passe) sachant un peu de tout et rien à fond, ne demandant aux lettres comme aux arts que des sensations. Aucune croyance commune. Pas plus d'esperance que de foi, car esperer c'est encore croire. Telle est la masse des lecteurs pour lesquels travaille la littérature actuelle. »

Humberto é um romancista instantaneo, condensando em syntese o que outros desenvolveriam alastradamente em centenas de paginas, mas diluindo a emoção e desbotando as côres.

Cada uma de suas chronicas é o resumo, a miniatura de um thema. Elle poderia dar oceanos, contenta-se, porém, em offerecer perolas e engrazando-as, mais tarde, fórma com ellas collares que, além de formosos, têm ainda a virtude que Theophrasto attribuia a certas pedras magicas que defendiam da tristeza o coração de quem as possuia.

Ha malicia que farte em taes livros, dizem. Mas a culpa não é do autor. O espelho apenas reflecte a imagem que se lhe antepõe. Condemnem a imagem, que é a sociedade.

Quando a peste assolou Florença, Boccacio, para distrahir a nobreza espavorida, imaginou o *Decameron*. Nós, se não nos estorcemos em calamidade

mórbida, andamos em aperturas taes que bem precisamos de quem nos afrouxe o riso. E o beneficiador que faz o milagre quotidiano de alliviar o povo «golpeando-lhe os costumes» com sangrias de bom humor, é Humberto de Campos. E como o poeta subsiste no humorista, como a *poeira* de ouro, que lhe forma a aureola gloriosa, não o deixou nem o deixará jámais ainda, de quando em quando, entre as chronicas facetas, surge uma pagina de pura e nobre poesia como a que tem o titulo de *A dôr e a morte*, que é das mais bellas que conheço na Litteratura contemporanea.

O riso de Humberto vela, talvez, a tristeza com que o poeta amoroso da sua terra e da sua gente, vê a dissolução dos costumes do seu tempo, a ruina das tradições virtuosas da raça, cuja austeridade era notoria, as licenciosidades em que se cresta a innocencia, todos esses males que enxameam a sociedade que, na corrida desvairada em que vai, atraz da Fortuna, não escolhe caminho e, para ir mais leve, alija de si, não os pomos de ouro de Hippómenes, mas os escrupulos da Honra.

E o poeta, tomando a aljava de Apollo, assetêa impiedosamente os vicios e as suas satyras rebrilham por se nellas cravarem arnuas divinas, armas como as frechas de Hercules, que tanto atormentaram Philocteto ou como a lança de Montsalvat, que, assim como feriam, saravam as mesmas feridas e ainda purificavam e redimiam as victimas.

O ferro em brasa queima e cura, assim a satyra dos moralistas. E Humberto é um d'elles.

## Lampadas novas

---

Sempre que ouço os promissores pregões dos cauteleiros : « Anda hoje a roda ! 20 contos por mil reis ! » e outros ainda mais vantajosos, lembro-me do astuto magico maghrebino que, disfarçado em mercador, apparece na historia de *Aladino ou a lampada maravilhosa* offerecendo lampadas novas por velhas para, com tal traça, apanhar a que tinha virtude de talisman.

O resultado do ardil é conhecido. Uma criada, sabendo do paradeiro da velha lampada, cujo prestigio desconhecia, vai com ella á princesa, esposa de Aladino, e convence-a a realisar a troca proposta pelo mercador que, para as duas mulheres, não passava de um idiota.

Feito o negocio pira-se o espertalhão e, instantes depois, invocando o genio « escravo da lampada » despoja Aladino de todos os bens, a esposa in-

clusivé, deixando-o em miseria e ainda sob a ameaça do alfange do sultão.

A cidade está cheia de mercadores e os pregões de fortuna atroam as ruas.

Ao voltar uma esquina é um maitrapilho que nos propõe mil contos por uma ninharia. Adiante, outro atira-nos aos olhos quinhentos contos. Segue-se logo um aleijado mettendo-nos á cara duzentos contos, ou é tal que sussurra o titulo de uma loteria estrangeira, que vale por um thesouro. Lampadas novas!

Quem ouve os pregões fica como ficou a criada de Aladino e corre a buscar a velha lampada que, se não esplende como a do mercador e não tem o poder de realisar prodigios, sempre alumia a casa e dá claridade bastante para que na sua zona de luz se reuna aconchegadamente toda a familia.

E a lampada nova que nos dá em troca o mercador astuto? É uma illusão.

Tomamo-la confiantes na promessa e, á noite, á hora de a accendermos, é que descobrimos o logro — nem oleo, nem torcida e o que acontece é ficarmos ás escuras e, indo atraz das promessas do enganador, achamo-nos nas mesmas tralhas em que se viu Aladino.

Cuidas que com a lampada nova illuminarás esplendidamente a tua noite de Natal? Como te enganas, ingenuo! Fia-te na tua lampada velha, que não falla. Guarda o pouco que tens, que te dará o bastante; não te deixes embahir com promessas mentirosas. O que elles querem é o teu pouco e, miga a miga, encherão, á tua custa, o celloiro da fortuna e tu, ingenuo, ficarás sem nenhum.

Ha tantas fábulas que podem servir de espelho — a do homem que tinha um passaro na mão e que o deixou para apanhar os que voavam ; a do cão que soltou a carne que levava á boca preferindo a sombra que via nagua, e tantas mais.

Se a tua lampada alumina a tua casa, porque has de querer a que apregôa o mercador ? Já a viste ? Já a examinaste ? Não será mentira o que elle diz ?

Deixa o que tens no cofre, não bulas no pé de meia, contenta-te com o certo que possues, que o mais é illusão.

Lampadas novas... lampadas novas...

Dirás — e é o que dizem todos — houve um homem, (era um pobre mesteiral, carregado de filhos, que mourejava dia e noite para manter o lar), que comprou um bilhete e tirou a sorte grande passando da miseria á grandeza num segundo.

Como se chamava esse homem ? Onde vivia ? Quem o conheceu ? Não respondes. Affirmam todos que elle existiu e é quanto basta para que lhe sigas o rastro imaginario, para que lhe imites o exemplo trocando os teus vintens pelos milhões da promessa.

Emfim, tua alma, tua palma. Faze o que entenderes. O mercador ali vai, troca com elle a tua lampada, mas se passares sem luz a noite do Natal não digas que não foste avisado.

16 de Dezembro.

## Os velhinhos

---

Que era, em summa, a existencia para os velhinhos ? o movimento perpetuo, monotono de uma roda aerea girando em volta de si mesma, como essa triste e pallida velhice : a lua.

Prisioneiros da Caridade, jaziam no Asylo tendo uma pequena ração de ar e de luz e por horizonte a muralha.

Vida tranquilla e farta, mas em gaiola.

O passaro solto, correndo todos os riscos na floresta, obrigado a buscar achegas para o ninho, cibatado para alimentar-se, attento ao mais leve ruido na folhagem que lhe serve de abrigo, a que chegam sinuosamente as serpes e onde, não raro, se intromette o milhafre, quando não é o desninhador subtil, não troca todos os perigos, sobresaltos e trabalhos da vida livre pela opulencia serena de uma gaiola dourada.

Não ha como voar, correr montes e campinas, pou-

sar : aqui, no tópe de uma palmeira ; além, em um ramo á beira da corrente ; ir pelos ares fóra, cantando dentro da luz ou sacudir as azas molhadas pela borrasca no beiral de um telhado até que, de novo, o céu reappareça azul, as cigarras cantem, rebrilhem as gottas de chuva ao sol e o agasalhado parta em vôo rapido direito ao ninho onde o esperam, piando, os implumes.

A vida é a variedade. Assim como o paladar pede sabores diversos, assim a alma exige novas impressões.

Os velhinhos eram como relgios parados e viviam exclusivamente dos dias mortos. Vida de ruminantes, nutrindo-se de recordações. Não recebiam nada mais, consumiam o que tinham e, assim, jaziam como enterrados vivos, sentindo a vida exterior sem que della participassem.

Muitos revoltavam-se contra a Piedade que os encarcerava, preferindo todo o desconforto do mundo á segurança misericordiosa que tinham :

«Antes andar pelas ruas, á esmola, do que viver aqui dentro ás sopas da Assistencia. Afinal, porque nos prendem? Que culpa é a nossa? vivemos demais. Mas os annos que nos embranquecem e enrugam não os roubamos a ninguem. Se ha culpado é o Tempo que nos esqueceu».

E outras queixas dos revoltados punham, ás vezes, em alvoroço o pateo onde espaireciam.

Pobres velhinhos ! Era a vida que os chamava. Elles sentiam necessidade de renovar as impressões, de vêr outros aspectos, de sentir outras sensações, de entrar no turbilhão que agitava o mundo.

Esse prazer tiveram elles hontem, graças á genero-



sidade do *Centro dos Chauffeurs*, que se offereceu para passeiá-los pela cidade antes de os deixar na residência nova para onde foram transferidos.

Essa curta viagem em que se moveram os sedentários servir-lhes-á de muito. Della tirarão assumptos para palestras longas, ao soalheiro, comparando o que viram com o que deixaram quando foram recolhidos pela caridade ao Asylo.

A cidade não era, então, como a que viram. A outra tinha as ruas estreitas e tortuosas, calçadas a enormes pedregulhos, mas em todas ellas havia casas conhecidas, gente amiga. E agora? Eram avenidas largas, palacios sumptuosos, mas nem um rosto em que se abrisse, com alegre surpresa, o sorriso da amizade.

Em viagem tão breve tinham elles ido tão longe, a um paiz estrangeiro, no qual tudo lhes era desconhecido: a terra com as suas grandezas e a gente com os novos habitos e costumes.

E os velhinhos olhavam pasmados, desconfiados de que lhes haviam mentido. Não! aquella não era a cidade encantada...

— Pois você não está vendo este carro que anda sósinho, sem burro? cochichava um ao companheiro, referindo-se ao automóvel que os levava.

— É... E os bondes? Você tem razão... Não é a mesma cidade.

De repente, uma velha, levantando-se no automóvel, com risco de cahir, bradou, escandalisada, mostrando ás companheiras uma senhora que passava:

— Gente! Olha aquella mulher com as pernas de fóra!

— Olha outra... E as velhinhas desataram a rir a bandeiras despregadas.

Mas um velhinho de cem annos, que ia cabeceando num taximetro vagaroso, suspirou, passando a mão pelos beiços, que babavam :

— Que pena . . . ! diabo ! No meu tempo não vê que era assim . . . E tocando no hombro do *chauffeur*, perguntou :

— Ó moço, isso é que se chama electricidade, é ? Essa coisa que dá fogo sósinha ?

— Não. Isso é moda.

— Pois olha, eu pensei que isso é que era a tal electricidade, porque o choque que eu levei foi danñado. E todas as mulheres andam assim ?

— Todas.

— Pois, meu amigo, então fique sabendo que os homens de agora não prestam para nada. Se isso fôsse no meu tempo . . . não vê . . . !

Emfim . . . os velhinhos gozaram algumas horas de vida. Viram pouco, mas esse pouco ha de lhes servir de muito.

23 de Dezembro.

## Hosanna

---

«*Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis*».

Assim cantavam no espaço as milicias celestes annunciando triumphalmente o Natal de Jesus e foram as suas vozes que despertaram a fé no coração do voador.

Tantas azas cruzando a altura, tão fúlgido e numeroso enxame povoando radiosamente o intermundo. E o Homem sentiu o coração pulsar-lhe no peito, renasceu no decahido de Paraiso o genio do cherubim primitivo e, como conseguira, com o esforço, cumprindo a sentença divina que o condemnara a trabalhos, a dores e á morte, ajustar o apparelho da sua redempção, foi-se a elle, pô-lo em movimento e logo os ares, santificados com a presença das legiões angelicas, sentiram-se batidos por azas largas.

Era o pó da terra que se levantava.

Natal ! Era o dia messianico. O espaço, em bonan-

ça festiva, recebeu cordialmente o hospede que ia pelas palavras do canteio, aproveitadas como salvo conduto :

« Paz aos homens na terra de bôa vontade. »

E a que rumo inflectia o alado ? Que destino norteava ? Que orientação seguia e com que intuito, rompendo por entre coros de anjos, ia, de vôo, sulcando a noite augusta ?

Tomara para a temeraria empresa as azas de Satan ou fizera-as, elle proprio, com o engenho posto á prova por Dedalo, o cretense, aproveitando, talvez, pennas cahidas das azas dos seraphins ?

Não, as azas com que remontava eram de materia terrena : o lenho, das nossas selvas, os metaes das nossas minas e, mais que tudo, a aspiração, força propulsora, dynamo espiritual, de uma alma brasileira.

O voador que se intromettia no côro divino era um dos nossos ; terra da nossa terra, alma nascida do nosso sol : Edú Chaves.

O vôo em que partiu, atravez da noite do Messias, era uma embaixada como a da pomba da arca.

Levando consigo o ramo de oliveira em palavras de confraternisação levantou vôo o voador. Outro viera em rumo opposto, partido da mesma terra para onde se dirigia o nosso aligero. Se se houvessem encontrado na altura, como labios que se aproximam attrahidos pelo mesmo desejo, teria havido no espaço, pela primeira vez e na gloria da noite da Redempção, a apotheose de um beijo.

Não quiz o Destino que assim fôsse e das borboletas que voavam, conduzindo o pollen que fecunda a Harmonia, uma teve a sorte de Icaro. Deleve-a, em meio da travessia, a Fatalidade, abutre, filho do

que martyrisou Prometheu no Caucaso e que perse-gue nos ares os voadores da terra.

O nosso emissario, mais feliz, levou por diante a ousada tentativa. Do excelso em que ia singrando olhava a terra e os mares. Ia por cima da Patria, ganhou fronteiras irmans e, tranquillamente, como a ave pouisa em qualquer arvore, porque todas a recebem com o agasalho das suas folhas verdes, baixou no territorio uruguayo e o sol da bandeira amiga irradiou mais claro a mais fúlguro illuminando-o em gloria.

E a terra da amizade fez com elle o que fazia com Anteu a terra maternal da Lybia: renovou-lhe as forças e o aviador levantou-se, subiu altissimo, desappareceu nos abysmos superiores, embebeu-se de céu azul e de luz para, então, baixar na terra que o esperava ansiosa, porque elle lhe ia dar a outra extremidade do arco de alliança que traçara na trajectoria desde o Brasil até o coração da Argentina.

Tudo nos une? O proprio espaço infinito é, desde hoje, para nós, argentinos e brasileiros, um novo elo.

Cantemos com os anjos do Natal. « Gloria a Deus naz alturas e paz aos homens na terra de boa ventade ». Hosanna !

30 de Dezembro



## INDICE

---

	Pag.
Chantecler . . . . .	9
Metamorphoses . . . . .	14
A arvore do Natal . . . . .	18
Tempora mutantur . . . . .	23
Recordação . . . . .	29
A vingadora . . . . .	32
Lenda . . . . .	36
Por agua abaixo . . . . .	40
Saudade . . . . .	45
As palmeiras da rua Paysandú . . . . .	48
Cinzas . . . . .	52
Deus . . . . .	56
A illusão . . . . .	60
A mão . . . . .	64
Gilliat e o polvo . . . . .	67
O beijo . . . . .	72
O campeonato . . . . .	75
Às pressas . . . . .	79
Pro matre . . . . .	83
Bardito . . . . .	87
Jacques D'Avray . . . . .	91
Rondon . . . . .	96

	Pag.
O coice. . . . .	100
Ainda uma vez . . . . .	103
Jurity . . . . .	107
Cleopatra. . . . .	111
O crucifixo . . . . .	115
Protesto . . . . .	119
Patria . . . . .	123
Saudosismo . . . . .	127
A victoria do Poeta . . . . .	131
O dia da criança . . . . .	135
Sic itur ad astra . . . . .	139
O centenatio . . . . .	142
Uma obra pia . . . . .	146
Aviso . . . . .	151
Reflexos . . . . .	157
Terra patria . . . . .	160
Ficha de consolação . . . . .	164
Pernas . . . . .	168
O que nos falta. . . . .	172
O cedro de Therozopolis . . . . .	176
No gallinheiro . . . . .	180
Resurreição . . . . .	184
Os letreiros . . . . .	188
Bola a goal ! . . . . .	192
A Ceia . . . . .	195
Boa nova . . . . .	198
Elle ! . . . . .	201
A mosca azul . . . . .	205
Sonegando almas . . . . .	209
Vicio novo . . . . .	213
Um . . . como muitos. . . . .	217
Mosquitos . . . . .	222
Carta aberta ao Ill. <sup>mo</sup> Snr. Intendente Vieira de Moura . . . . .	225
O theatro . . . . .	228
Weingartner . . . . .	232
Seara . . . . .	236
O morro do Castello . . . . .	240
O chapelinho vermelho . . . . .	245



---

	Pag.
Para o rei Alberto vêr . . . o que é bom . . . . .	249
A horda . . . . .	253
A victoria do frio . . . . .	257
O heroe . . . . .	261
Mais um ! . . . . .	264
In excelso. . . . .	267
Alberto Nepomuceno. . . . .	271
A derrota do heroe. . . . .	275
Recordatevi . . . . .	278
Ridendo . . . . .	283
Lampadas novas . . . . .	288
Os velhinhos. . . . .	291
Hosanna . . . . .	295

---







039

55





JUN 25 1960

**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

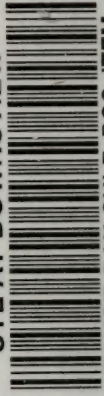
---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY**

---

PQ  
9697  
C42M4  
1922  
C.1  
ROBA

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 04 04 09 014 7